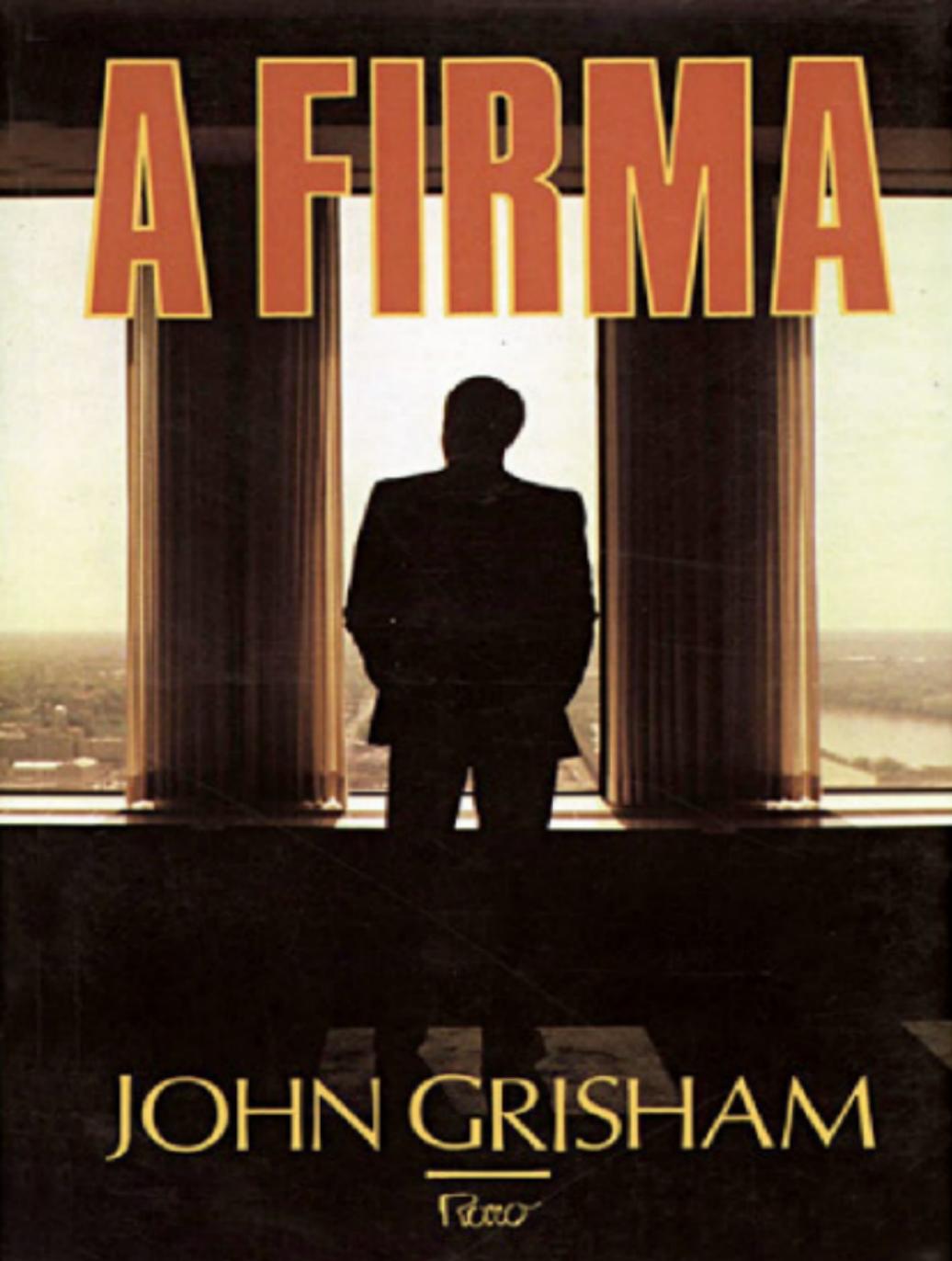


A FIRMA

A silhouette of a man in a suit stands in a window, looking out at a cityscape. The window is framed by dark curtains. The background is a bright, hazy city view with a river visible on the right side.

JOHN GRISHAM

Foto

A FIRMA

John Grisham

Não é muito vulgar ver-se um jovem bem-vestido, de pasta na mão, a correr pela rua fora como um animal acossado. Principalmente se esse jovem for Mitch McDeere, o menino-bonito da mais próspera firma de advogados da cidade.

Mas nem todos os empregos são o que parecem.

E Mitch McDeere tem razão para estar assustado.

Ele foge para salvar a vida.

O sócio mais antigo analisou pela centésima vez o currículo e, mais uma vez, não encontrou nada que lhe desagradasse em Mitchell Y. McDeere, pelo menos ali no papel. Tinha miolos, ambição e bom aspecto. E estava ávido; com o seu passado, isso era inevitável. Era casado, o que era imprescindível. A firma nunca contratara um advogado solteiro e não via com bons olhos o divórcio nem aventuras nem farras. Análises anti-droga constituíam uma das cláusulas do contrato. Era formado em Contabilidade, passara o exame de técnico oficial de contas logo à primeira e queria exercer advocacia na área do direito fiscal, o que, obviamente, era essencial numa firma especialista na matéria. Era branco, e a firma nunca contratara um negro. Conseguiam-no sendo discretos e clubistas e nunca solicitando candidaturas. As outras firmas faziam-no e contratavam negros. Aquela firma permanecia branca

como a cal. Além disso, a firma era em Memphis, e os negros mais qualificados preferiam Nova Iorque, Washington ou Chicago. McDeere era homem, e não havia mulheres na firma. Tinham cometido esse erro em meados dos anos 70, ao recrutarem o melhor aluno de Harvard, que por acaso era uma mulher e uma barra em direito fiscal. Aguentara-se durante quatro turbulentos anos e morrera num acidente de automóvel.

O sócio-gerente, Royce McKnight, estudou um dossier grosso cuja etiqueta dizia MITCHELL Y. MCDEERE - HARVARD e que fora preparado por uns ex-agentes da CIA que recolhiam secretamente informações. Tinham sabido que McDeere preferia sair do Nordeste, que recebera duas propostas de emprego em Nova Iorque e uma em Chicago e que a oferta mais elevada fora de setenta e seis mil dólares por ano. Era solicitado. Quando andava no segundo ano de Direito, fora-lhe dada oportunidade de

copiar num exame sobre seguros, mas declinara e tivera a melhor nota da turma. Há dois meses, haviam-lhe oferecido cocaína numa festa, ele recusara e saíra quando os outros começaram a "snifar". Bebia uma cerveja de vez em quando, mas beber saía caro e ele não tinha dinheiro. Precisava de pagar um empréstimo de vinte e três mil dólares que pedira para tirar o curso. Estava ávido. Royce McKnight sorriu. McDeere era o homem de que precisavam. Lamar Quin tinha trinta e dois anos e ainda não era sócio. Haviam-no contratado para dar uma imagem jovem da Bendini, Lambert & Locke, que, de facto, era uma firma jovem, uma vez que a maior parte dos sócios se reformava aos quarenta e muitos ou cinquenta e poucos com muito dinheiro no bolso. Com um rendimento de seis algarismos garantido para o resto da vida, Lamar podia dar-se ao luxo de comprar fatos por mil e duzentos dólares, que caíam muito bem à sua figura

alta e atlética. Atravessou despreocupadamente a suite do Hotel Boston, que custava mil dólares por dia, e encheu outra chávena de descafeinado. Olhou para os dois sócios sentados à pequena mesa de reuniões junto às janelas.

Às 2.30 em ponto, bateram à porta. Os sócios enfiaram o currículo e o dossier numa pasta.

Lamar foi abrir a porta.

- Mitchell McDeere? - perguntou com um grande sorriso e de mão estendida.

- Sim.

Deram um vigoroso aperto de mão.

- Muito prazer em conhecê-lo, Mitchell. Eu chamo-me Lamar Quin.

- O prazer é todo meu. Por favor, trate-me por Mitch. - Entrou e examinou rapidamente a sala espaçosa.

- Com certeza, Mitch. - Lamar conduziu-o até junto dos sócios, que se apresentaram.

Ofereceram-lhe café. Sentaram-se e trocaram amabilidades. McDeere desabotoou o casaco e cruzou as pernas: descontraíu-se. Com ofertas de emprego de três das mais prestigiadas firmas do país, não necessitava daquela entrevista, daquela firma. Estava ali só por curiosidade. Oliver Lambert, o sócio mais antigo, inclinou-se para a frente e encarregou-se da primeira parte da conversa. Era loquaz e simpático e tinha uma voz suave, quase de barítono profissional. Aos sessenta e um anos, ele era o avô da firma, o conselheiro, aquele a quem os colaboradores mais jovens recorriam quando tinham algum problema. Lambert também estava

encarregado do recrutamento e tinha como missão contratar Mitchell Y. McDeere.

- Está cansado de entrevistas? - perguntou Lambert. - Nem por isso. Elas fazem parte da procura de emprego.

Pois é, pois é, concordaram todos. Parecia que ainda ontem andavam a mandar as suas candidaturas, com um medo de morte de não conseguirem arranjar emprego e de irem três anos de suor e tortura pelo cano abaixo.

- Posso fazer uma pergunta? - perguntou Mitch. - Faça favor.

- Porque é que estão a entrevistar-me numa suite de hotel? As outras firmas fazem as entrevistas na universidade através dos serviços de colocação.

- Talvez eu possa responder a essa pergunta, Mitch - disse Royce McKnight, o sócio-

gerente. - Nós somos diferentes e orgulhamo-nos disso. Temos quarenta e um advogados, por isso é uma firma pequena comparada com as outras. Não contratamos muita gente: mais ou menos uma pessoa, ano sim, ano não. Oferecemos os salários mais elevados e as maiores regalias sociais do país, por isso somos muito selectivos. A carta que recebeu no mês passado foi enviada depois de termos apreciado mais de dois mil finalistas de Direito das melhores faculdades. Só enviámos uma carta. Nunca solicitamos candidaturas. Somos discretos. A explicação é esta.

- Sim, senhor. Que tipo de firma é a vossa?

- Oitenta por cento do trabalho relaciona-se com direito fiscal. Foi por isso que o quisemos conhecer, Mitch. Tem um conhecimento sólido da matéria.

- Porque é que foi para a faculdade de Western Kentucky? - perguntou Lambem.
- Muito simples. Eles ofereceram-me uma bolsa de estudos para jogar futebol.
- Fale-nos da sua família.
- Porque é que isso é relevante?
- Para nós é importante, Mitch - disse McKnight calorosamente. "Dizem todos a mesma coisa", pensou McDeere.
- Está bem. O meu pai morreu numa mina de carvão quando eu tinha sete anos. A minha mãe voltou a casar e vive na Florida. Tinha dois irmãos, mas um, Rusty, morreu no Vietname; o outro chama-se Ray.
- Onde é que ele está? - O dossier não dizia quase nada sobre Ray. - Creio que não têm

nada a ver com isso. - Mitch encarou McKnight com um ar de desafio.

- Desculpe - disse o sócio-gerente em voz baixa.

- Mitch, a nossa firma é em Memphis - disse Lamar. - Isso constitui problema para si?

- De maneira nenhuma. Eu não gosto muito do frio. - Já foi alguma vez a Memphis?

- Não.

- Vamos convidá-lo a lá ir em breve. Vai adorar.

Mitch sorriu, fez um aceno de cabeça e entrou a fazer o seu papel. Os tipos estariam a falar a sério? Como é que ele poderia sequer considerar a oferta de uma firma pequena numa cidade pequena quando a Wall Street estava à sua espera?

- Em que lugar da turma é que ficou? - perguntou Lambert.
- Entre os cinco melhores. - Podia ter dito que era o terceiro, mas não disse. Os fulanos eram de escolas menos conceituadas: Chicago, Colúmbia e Vanderbilt, conforme se lembrava de uma leitura-apressada da lista de advogados da Ordem Não dariam grande importância às classificações académicas.
- Porque é que escolheu a Universidade de Harvard?
- Harvard oferecia a melhor ajuda financeira, e eu achava que era a melhor faculdade. E continuo a achar.
- Obteve excelentes resultados, Mitch -, comentou Lambert. - Obrigado. Esforcei-me para isso.

- Fale-nos da sua mulher - disse McKnight, preparado para outra recusa. Mas era uma área explorada por todas as firmas.

- Chama-se Abby. Tem um curso de-professora primária tirado na Westem Kentucky. Acabámos a faculdade e casámos na semana seguinte. Nos últimos três anos,-tem trabalhado numa escola infantil privada perto da Faculdade de Boston.

- E o casamento é ...

- Muito feliz. Conhecemo-nos desde os tempos do liceu. Oliver Lambert pigarreou e decidiu tornar-se mais pessoal.

- Mitch, a nossa firma não vê com bons olhos nem as farras nem as aventuras extra-mariais. Não somos puritanos, mas pomos o trabalho à frente de tudo. Trabalhamos muito e fazemos muito dinheiro.

- Não será difícil adaptar-me. - Ótimo. Qual é a sua religião? - Sou metodista.

- Ótimo. Não temos nada com isso, é verdade, mas gostamos de saber. Queremos famílias estáveis. Os advogados felizes são advogados produtivos. Mitch sorriu e acenou com a cabeça. Já ouvira aquilo. Olharam os três uns para os outros e depois para Mitch. Tinham chegado ao ponto em que o entrevistado deveria fazer uma ou duas perguntas inteligentes. Mitch voltou a cruzar as pernas. O dinheiro era a grande questão. Mas ele sabia que esta firma, tal como todas as outras que lhe tinham feito ofertas, iria contornar a questão até dar a impressão de ter abordado todos os assuntos possíveis, excepto o dinheiro. Por isso, seria melhor fazer-lhes primeiro uma pergunta suave.

- Qual será o tipo de trabalho que começarei por fazer?

Acenaram em sinal de aprovação da pergunta. Lambert e McKnight olharam para Lamar: cabia-lhe a ele responder.

- Temos uma espécie de estágio de dois anos, embora não lhe chamemos isso. Irá participar em seminários sobre direito fiscal pelo país inteiro. Se quiser fazer uma pós-graduação em Direito Fiscal, nós custeamos. Quanto ao exercício de advocacia propriamente dito, não será muito excitante durante esses primeiros dois anos. Fará muita pesquisa e outras coisas geralmente muito aborrecidas. Mas será pago condignamente.

- Quanto?

Lamar olhou para Royce McKnight, que disse:

- Discutiremos o salário e as outras regalias quando for a Memphis. - Quero ficar com uma ideia aproximada, pois posso até não ir

a Memphis. - Mitch falava como um homem com três ofertas de emprego no bolso. Os sócios olharam uns para os outros, sorrindo, e Lambert foi o primeiro a falar:

- O ordenado-base será de oitenta mil no primeiro ano, mais bônus. Oitenta e cinco no segundo ano. Um empréstimo a juros baixos para poder comprar uma casa. E um BMW novo. Pode escolher a cor, é claro. Mitch tentou disfarçar um sorriso, mas era impossível. Soltou uma pequena risada.

- É incrível - murmurou ele. Oitenta mil dólares em Memphis equivaliam a cento e vinte mil em Nova Iorque. O homem dissera um BMW! O seu Mazda tinha milhares de quilómetros.

-Mais algumas regalias que teremos todo o prazer em discutir consigo em Memphis.

Ficou de repente com uma enorme vontade de ir a Memphis. Olhou com firmeza para Lambert e disse, como se se tivesse esquecido do dinheiro, da casa e do BMW.,

- Fale-me da vossa firma.

- Quarenta e um advogados. No ano passado ganhámos mais por advogado do que qualquer outra firma do mesmo tamanho ou maior. Só aceitamos clientes ricos: corporações, bancos e pessoas ricas, que pagam os nossos elevados honorários e nunca se queixam. Especializámo-nos em direito fiscal internacional, que é simultaneamente empolgante e muito lucrativo.

- Quanto tempo é preciso para se chegar a sócio?

-Em média, dez anos, e são uns dez anos muito duros. Não é fora do vulgar os nossos sócios ganharem meio milhão por ano, e a

maioria reforma-se antes dos cinquenta. É preciso fazer por isso, trabalhando oitenta horas por semana, mas vale a pena quando se chega a sócio. .

Lamar inclinou-se para a frente.

- Não é preciso ser-se sócio para se ter um ordenado com seis algarismos. Estou na firma há sete anos e já ultrapassei os cem mil há quatro anos. Mitch reflectiu durante uns segundos e calculou que, quando tivesse trinta anos, poderia estar a ganhar bastante mais que cem mil, talvez perto de duzentos mil. Aos trinta anos!

Eles observaram-no e sabiam exactamente o que ele estava a pensar. - O que é

que uma firma especializada em direito fiscal internacional faz em Memphis?

- perguntou ele.

A pergunta fê-los sorrir. Oliver Lambert tirou os óculos e fê-los rodar nas mãos.

- Boa pergunta. Anthony Bendini fundou a firma em 1944. Ele exercera advocacia como especialista em direito fiscal em Filadélfia, arranjou alguns clientes abastados no Sul e instalou-se em Memphis. Durante vinte e cinco anos só contratou especialistas em direito fiscal e a firma prosperou. Nenhum de nós é de Memphis, mas gostamos todos da cidade. É uma velha cidade do Sul muito agradável. Por falar nisso, Mr. Bendini morreu em 1970.

- Quantos sócios tem a firma?

- Vinte. Mantemos uma relação de um sócio por cada associado. O que é

elevado para o ramo de negócio, mas nós operamos de maneira diferente do habitual.

- Todos os nossos sócios são multimilionários por volta dos quarenta e cinco anos - comentou Royce McKnight.

- É uma estatística impressionante.

- É uma firma impressionante, Mitch - disse Oliver Lambert. - O nosso objectivo é que todos os novos colaboradores se transformem em sócios o mais cedo possível. Investimos imenso tempo e dinheiro nos nossos colaboradores. Fazemos tudo para que tenham uma brilhante carreira. Pensamos que é a maneira de agir mais rentável.

- Tenho outra estatística impressionante - acrescentou McKnight. - No ano passado, para firmas do tamanho da nossa ou maiores, a taxa média de demissões de colaboradores foi de vinte e oito por cento. Na Bendini, Lambert

& Locke foi zero. No ano anterior, zero. Já há muito tempo que um advogado não abandona a nossa firma.

Observavam-no cuidadosamente para ver se estaria a assimilar tudo aquilo. Todos os termos e todas as condições do emprego eram importantes, mas o carácter permanente e definitivo da aceitação ultrapassava todos os outros itens da lista. Explicaram-lhe o melhor que podiam na altura. As outras explicações viriam posteriormente.

É claro que sabiam muito mais do que lhe revelaram. Por exemplo, a mãe dele vivia numa roulotte num parque de campismo barato em Pariana City Beach, na Florida, e casára-se com um camionista reformado com um grave problema de alcoolismo. Sabiam que ela recebera e esbanjara os quarenta e um mil dólares da indemnização pela explosão na mina de carvão que vitimara o pai de Mitch e que depois enlouquecera

quando o filho mais velho morrera no Vietname. Sabiam que Mitch fora negligenciado, criado na pobreza pelo irmão Ray - que não conseguiam localizar - e por alguns parentes. A pobreza magoava, e eles supunham, acertadamente, que essa pobreza criara um intenso desejo de vencer.

- Gostaria de nos ir visitar? - perguntou Oliver Lambert.

- Quando? - perguntou Mitch, sonhando com um 3181 preto com tecto de abrir.

O VELHO Mazda de três portas, só com três tampões de rodas e o pára-brisas rachado, encontrava-se estacionado junto ao passeio, com as rodas da frente viradas para a direita para impedir que rolasse colina abaixo. Abby enfiou a chave na ignição, carregou na embraiagem e virou o volante. O Mazda começou a deslizar lentamente. Enquanto o carro ganhava velocidade, ela susteve a

respiração, tirou o pé da embraiagem e mordeu o lábio até o motor começar a sua lamúria.

Com três ofertas de emprego na mesa, um carro novo só daí a quatro meses. Aquele havia de sobreviver. Tinham vivido durante três anos na pobreza, enfiados num apartamento de estudantes com duas divisões perto de Harvard. Abby estacionou em transgressão na colina mais próxima do apartamento e percorreu dois quarteirões a pé. Em frente à porta de casa, procurou as chaves na carteira. A porta abriu-se de repente. Ele agarrou-a, puxou-a lá para dentro, atirou-a para o sofá e atacou-lhe o pescoço com os lábios. Ela gritou e riu-se. Beijaram-se, trocando um daqueles longos beijos de que tanto gostavam quando eram adolescentes, altura em que beijar era divertido, misterioso e final.

-Meu Deus! - disse ela quando terminaram. -
O que é isto? - Cheira-te a alguma coisa?

Ela desviou o olhar e cheirou. - Cheira. O que é?

- Chow mein de frango e foo yung de ovo, dos Wong Boys. Mais uma garrafa muito cara de Chablis. Com rolha de cortiça e tudo.

- O que é que fizeste, Mitch? - Sorriu-lhe sedutoramente, com aquelas covinhas perfeitas nas bochechas e os olhos castanhos e doces cintilando. O

cabelo escuro era liso e passava-lhe uns centímetros dos ombros.

- Vem comigo. - Sobre a pequena mesa pintada da cozinha, encontrava-se uma grande garrafa de vinho e um saco com comida chinesa. Mitch abriu o vinho, encheu dois copos de plástico e sentaram-se.

- Hoje tive uma entrevista ótima - disse ele.
- Lembra-te daquela firma de Memphis, no Tennessee, que me enviou uma carta no mês passado?
- Lembro. Não ficaste lá muito impressionado.
- Exactamente. Mas agora estou muitíssimo impressionado. É só trabalho relacionado com direito fiscal e pagam bem.
- Quanto?

Ele deitou o chove mein da caixa para os pratos e depois rasgou os pequenos pacotes de molho de soja. Ela estava à espera da resposta. Ele abriu a outra caixa e começou a dividir o foo yung de ovo. Experimentou o vinho e estalou os lábios.

- Mais do que em Chicago. Mais do que na Wall Street. Abby deu um gole

deliberadamente longo no vinho e olhou-o com ar desconfiado.

- Quanto?

- Oitenta mil no primeiro ano, mais bónus. Oitenta e cinco no segundo ano disse-o com ar indiferente, enquanto estudava o chove mein.

- Oitenta mil! - repetiu ela.

- Oitenta mil, querida. Oitenta mil em Memphis é quase equivalente a cento e vinte mil em Nova Iorque.

- Quem é que quer Nova Iorque? - perguntou ela.

- Mais um empréstimo a baixo juro para comprar casa. Para estes tipos é

muito importante que os colaboradores aparentemente prosperidade. - Queres dizer uma casa, com relva e arbustos?

- Sim. E uma garagem para estacionar o BMW.

A reacção demorou um ou dois segundos, mas finalmente ela indagou:

- BMW? O BMW de quem?

- Nosso, querida. A firma compra um em leasing e entrega-nos a chave. É

como uma espécie de bónus pela escolha certa à primeira tentativa. Da cor que nós quisermos. Penso que preto seria uma boa escolha. O que é que achas?

- Acabou-se a chocolateira

disse ela, abanando lentamente a cabeça.

Ele mastigou a massa que tinha na boca e sorriu-lhe. Percebeu que ela estava a sonhar, provavelmente com mobília e papel de parede. E bebés - criancinhas de olhos pretos e cabelo castanho-claro.

- Não percebo, Mitch. Porque é que são tão generosos?

- Fiz-lhes essa pergunta. Eles querem os melhores e não se importam de gastar os tostões. A taxa de demissões é zero. Além disso, acho que é mais caro atrair os melhores para Memphis.

- Fica mais perto de casa - disse ela sem olhar para ele.

- Eu não tenho casa. Fica mais perto dos teus pais, no Kentucky, e isso preocupa-me.

Ela fingiu que não ouviu, como acontecia com a maior parte dos comentários que ele fazia à sua família.

- Ficavas mais perto de Ray.

Ele acenou, trincou um crepe de ovo e imaginou a primeira visita dos pais dela: o momento em que entrariam no portão com o velho Cadillac e olhariam em estado de choque para a casa colonial com dois carros estacionados na garagem. Ficariam roídos de inveja, sem perceberem como é que o pobretanas sem posição social conseguira aquilo tudo logo que saíra da faculdade de direito. Não demoraria muito para que Mr. Sutherland se desmanchasse, perguntando quanto é que custara a casa, e Mitch dir-lhe-ia para não se meter onde não era chamado. Partiriam após uma curta visita e regressariam ao Kentucky, onde diriam aos amigos que a filha e o genro estavam a viver muito bem em Memphis. Abby ficaria desgostosa por

eles não conseguirem dar-se bem, mas não falaria muito no assunto. Desde o princípio que os pais dela o tinham tratado como um leproso. Consideravam-no um partido tão mau para a filha que tinham boicotado a pequena festa de casamento.

- Já alguma vez foste a Memphis? - perguntou ele.

- Fui uma vez quando era pequena. Só me lembro do rio. - Querem que lá

vamos fazer uma visita.

Os dois? Queres dizer que também fui convidada?

- Foste. Vamos na quinta-feira à noite e passamos lá o fim-de-semana.

- Já começo a gostar da firma.

O edifício de cinco andares, construído há cem anos por um comerciante de algodão e pelos filhos, situava-se no meio de Cotton Row, na Front Street, perto do rio. Nas suas salas e balcões tinham sido comprados milhões de meadas de algodão dos deltas do Mississípi e do Arkansas, posteriormente vendidos por esse mundo fora. Abandonado e degradado, o edifício fora comprado em 1951 por um advogado agressivo, especialista em direito fiscal, chamado Anthony Bendini, que renovara o prédio e começara a enchê-lo de advogados. Chamara-lhe Edifício Bendini.

Contratou guardas armados para protegerem o edifício e os seus ocupantes. Instalou também um sistema electrónico de vigilância e um circuito fechado de televisão.

Em vinte anos, construiu a firma de advogados mais próspera de Memphis e a mais discreta também. O secretismo era a sua paixão. Os jovens colaboradores eram

avisados de que a divulgação de informações sobre os processos da firma podia adiar a concessão do Santo Graal - a entrada para sócio. Nada transpirava da fortaleza da Front Street. Dizia-se às mulheres para não fazerem perguntas ou mentia-se-lhes. Esperava-se que os colaboradores trabalhassem muito, mantivessem o silêncio e gastassem os avultados ordenados. O que todos faziam, sem exceção.

Os membros da firma não procuravam obter publicidade. Não confraternizavam com outros advogados. As suas mulheres jogavam ténis e bridge e faziam compras juntas. A Bendini, Lambert & Locke era uma grande família comum. Uma família bastante rica.

Às DEz da manhã de sexta-feira, a limusina da firma parou na Front Street, e Mr. Mitchell Y. McDeere saiu lá de dentro e agradeceu delicadamente ao motorista. Era a sua primeira viagem de limusina. Ficou

parado no passeio a admirar a singular, mas simultaneamente imponente, sede da firma Bendini. Contrastava bastante com as gigantescas estruturas de aço e vidro onde se encontravam as melhores firmas de Nova Iorque. Mas ele sabia que ia gostar. Era menos pretenciosa, era mais o seu estilo.

Lamar Quin saiu da porta principal e fez-lhe sinal para entrar. Fora buscar os McDeere ao aeroporto na noite anterior e levava-os para o Peabody, conhecido como o Grande Hotel do Sul.

- Bom dia, Mitch: Passou bem a noite? -
Apertaram as mãos como se fossem amigos de longa data.

- Lindamente. O hotel é fantástico.

Lamar conduziu Mitch, atravessaram o átrio de entrada e percorreram um corredor comprido; foi sendo apresentado a várias

secretárias e solicitadores pelo caminho. Na biblioteca no segundo andar, um grupo de advogados estava à volta de uma enorme mesa de reuniões, comendo bolos e bebendo café. Calaram-se quando o convidado entrou:

Oliver Lambert cumprimentou Mitch e apresentou-o ao grupo. Eram cerca de vinte ao todo - os colaboradores da'firma - e a maior parte deles pouco mais velhos que o convidado. Os sócios, explicou Lamar, seriam apresentados posteriormente durante um almoço particular. Lambert pediu que se fizesse silêncio.

- Meus senhores, este é Mitchell McDeere. Já todos ouviram falar nele: o finalista de Direito por nós escolhido este ano. Recebeu ofertas de grandes firmas de Nova Iorque e Chicago, por isso temos que o convencer a ficar aqui na nossa pequena firma em Memphis.

O sócio mais antigo prosseguiu num tom monocórdico, dizendo que a firma sempre fora muito selectiva e que Mitch se enquadrava muito bem. Mitch enfiou as mãos nos bolsos e deixou de ouvir, começando a estudar o grupo. Eram jovens, bem-sucedidos e ricos. O tipo de indumentária parecia não diferir de Nova Iorque e Chicago. Fatos de lã cinzentos ou azul-escuros, camisas de algodão brancas ou azuis com botões no colarinho - e colarinho duro - e gravatas de seda. Nenhum deles tinha barba, nem bigode, nem cabelo por cima das orelhas. Havia alguns franzinos, mas a boa figura predominava. Lambert estava a terminar o discurso.

- Lamar vai mostrar a Mitch as nossas instalações, por isso vão ter oportunidade de falar com ele. Vamos fazer que se sinta bem.
- Sorriu e olhou para o convidado.

Mitch apertou a mão a todos, à medida que iam saindo, e tentou fixar o maior número possível de nomes.

- Vamos começar a visita - disse Lamar quando a sala ficou vazia. - Isto, obviamente, é uma biblioteca, e temos uma em cada um dos quatro primeiros pisos. Também são utilizadas para as grandes reuniões. Os livros variam de andar para andar, por isso nunca se sabe onde é que a pesquisa que estamos a fazer nos vai levar. Temos dois bibliotecários a tempo inteiro e utilizamos muito microfimes e microfichas. Existem para cima de cem. mil volumes, incluindo relatórios de todos os serviços possíveis e imagináveis relacionados com impostos.

Caminharam ao longo de dúzias de filas de livros.

- Cem mil volumes! - murmurou Mitch. - Impressionante. Um dos bibliotecários

apresentou-se e mostrou-lhe rapidamente a sala dos computadores, onde se encontrava uma dúzia de terminais preparados para fornecer dados sobre as pesquisas mais recentes. Saíram da biblioteca, e enquanto avançavam, Lamar explicou-lhe a disposição do edifício. Os primeiros quatro andares eram praticamente idênticos. Ao centro de cada um deles, encontravam-se as secretárias, as respectivas mesas, arquivos e fotocopiadoras. A biblioteca situava-se num dos lados desta área aberta.

- Não vai ver secretárias bonitas - disse Lamar baixinho, enquanto as observavam a trabalhar. - Oliver Lambert contrata as mais feias que consegue encontrar. Faz parte da estratégia global para nos encorajar a manter as mãos dentro dos bolsos. É estritamente proibido namoriscar. - Há uma secretária por advogado?

- Sim, até se ser sócio. Nessa altura, passa-se a ter duas, o que é bem preciso. Nathan Locke tem três, todas com vinte anos de experiência, e não lhes dá um instante de sossego.

- Onde é o gabinete dele?

- No quarto andar. Não se pode lá ir. Mitch ia a perguntar porquê, mas desistiu.

Lamar explicou que os gabinetes do canto tinham sete metros e meio por sete metros e meio e eram ocupados pelos sócios mais antigos; chamou-lhes

"gabinetes do poder". Eram decorados segundo o gosto de cada um, sem olhar a despesas, e só ficavam livres por reforma ou morte dos seus ocupantes, e nessa altura eram disputados pelos sócios mais novos. Lamar acendeu a luz de um deles e entraram.

- Bela vista, hem - comentou ele enquanto Mitch se aproximava das janelas e olhava para o rio, que se movia tão lentamente para lá da Riverside Drive.

- De quem é este gabinete? - perguntou Mitch enquanto admirava uma barcaça passando devagar sob a ponte que levava ao Arkansas.

- É de Victor Milligan. É o responsável pelo direito fiscal, um homem muito simpático.

- Onde é que ele está?

- Creio que está de férias. Já lhe falaram nas férias? - Não.

- Tem duas semanas por ano durante os primeiros cinco anos. Depois, três semanas até passar a sócio; depois disso, tem o tempo de férias que quiser. A firma tem um chalé de montanha em Vail e dois apartamentos nas

Caraíbas, na Seven Mile Beach, na ilha da Grande Cayman. Não se paga nada, mas têm que se reservar com antecedência. Os sócios têm prioridade. As Caymans são muito populares aqui na firma. São um paraíso fiscal internacional e muitas das nossas viagens não entram nas contas. Creio que o Milligan está lá agora, provavelmente a fazer mergulho e a dizer que está em serviço. Saíram do gabinete de Milligan e continuaram a visita às instalações. A zona ocupada pelas secretárias era circundada por um corredor rectangular comprido de acesso aos gabinetes dos advogados, que davam para a rua: todos tinham janelas, luz e vista. Os gabinetes dos colaboradores eram mais pequenos, quatro metros e meio por quatro metros e meio, mas estavam magnificamente decorados. Os advogados mais jovens eram afáveis e comunicativos, e a maioria deles fez breves declarações sobre a grandeza da firma e de Memphis. Também eles haviam recebido

ofertas das grandes firmas da Wall Street e não se tinham arrependido da escolha. UMA HORA depois, Kay Quin encontrou-se com Abby para um pequeno almoço tardio no Peabody. Kay era uma rapariga de uma cidade pequena, exactamente como Abby. Casara-se com Lamar depois de se formar e vivera em Nashville durante três anos enquanto ele estudava Direito em Vanderbilt. Pouco tempo depois de se ter formado, Lamar estava a ganhar tanto dinheiro que ela deixara de trabalhar e tivera dois filhos com catorze meses de diferença. Apesar do dinheiro, era modesta e despretensiosa. Depois de terem comido croissants e ovos à beneditina, sentaram-se no átrio do hotel a beber café e a ver os patos a nadarem em círculos à volta da fonte. Kay sugeriu que fossem dar uma volta rápida por Memphis.

- Eles falaram no empréstimo a juros muito baixos? - Falaram. Logo na primeira entrevista.

- Vão querer que vocês comprem uma casa quando se mudarem para cá.
- Porque é que isso é tão importante?
- A firma é muito exigente, principalmente em relação aos colaboradores. Pressão, excesso de trabalho, oitenta horas por semana e muito tempo fora de casa. Não vai ser fácil para nenhum de vocês, e a firma sabe disso. A teoria deles é a de que um casamento sólido significa um advogado feliz, e um advogado feliz é um advogado produtivo. Se tivermos tempo logo à tarde, eu mostro-te as casas de alguns dos sócios. Quando as vires, não te importas com as oitenta horas por semana.
- Já estou habituada a elas.
- Isso é bom, mas o curso de Direito não se compara com isto. Às vezes, trabalham cem

horas por semana, na época da entrega das declarações de impostos.

Abby sorriu e abanou a cabeça. - Tu trabalhas?

- Não. A maior parte de nós não trabalha. Há dinheiro que chegue, por isso não somos obrigadas a fazê-lo, e os maridos ajudam-nos pouco a tratar das crianças. É claro que não nos proíbem de trabalhar.

- Quem é que não proíbe? - A firma.

- Espero bem que não. - Abby repetiu a palavra "proíbem" para si própria. Kay bebericou o café e olhou para os patos. Um rapazinho afastou-se da mãe e foi até á fonte.

- Tencionas ter filhos? - perguntou ela. - Talvez daqui a uns dois anos.

- A firma encoraja-nos a ter filhos. Um novo bebé é um acontecimento importante na firma.

- Que bom, mas eu não quero ter ninguém que me diga quando é que devo trabalhar ou deixar de trabalhar, nem quando é que devo ter filhos.

- Não te preocupes. A firma não se intromete. - Começo a duvidar.

- Calma, Abby. A firma é como uma família. São pessoas fantásticas, e Memphis é uma cidade maravilhosa para se viver e criar os filhos. - Vamos dar a tal volta?

- Foi para isso que cá vim. - Kay pagou os cafés, como aliás já tinha pago o pequeno-almoço, e saíram do Peabody no novo Mercedes dos Quins. A SALA DE JANTAR, tal como era simplesmente chamada, ocupava a extremidade ocidental do quinto andar. Ao

longe via-se o rio. Uma fila de janelas de dois metros e meio fornecia uma vista fascinante de barcos de rodas, barcaças, docas e pontes. A sala era um refúgio onde os sócios se reuniam todos os dias ao almoço, que era preparado por Jessie Frances, uma velha negra caprichosa, e servido pelo marido, Roosevelt, que usava luvas brancas e smoking, que lhe fora oferecido pelo próprio Mr. Bendini pouco antes de morrer. A sala destinava-se apenas aos sócios e a convidados ocasionais, como algum cliente importante ou um colaborador em perspectiva. Os colaboradores podiam lá jantar duas vezes por ano, mas só mediante convite de um dos sócios.

Mitch sentou-se à mesa com Lamar Quin, Oliver Lambert e Royce McKnight. A entrada foram costeletas de vaca, servidas com quiabo frito e puré de legumes.

- Hoje, ela evitou gorduras - observou Lambert. - Está delicioso - disse Mitch.

- Está habituado a gorduras?

- Estou. É característica da cozinha do Kentucky.

- Eu entrei nesta firma em 1955 - disse McKnight - e sou de Nova Mrsia. Evitava os pratos típicos do Sul o mais que podia. É tudo envolto em polme e frito, não é? Depois, Mr. Bendini decidiu abrir este pequeno restaurante, contratou Jessie Frances e há vinte anos que eu sofro de azia. Tomates maduros fritos, tomates verdes fritos, beringelas fritas, quiabo frito, puré de legumes frito, tudo frito. Um dia, Victor Milligan disse: "Çhega." Ele é do Connecticut, compreende? E a Jessie Frances tinha feito um puré de pickles fritos. Já imaginou? Pickles fritos! Milligan queixou-se a Roosevelt e ele foi falar com a Jessie. Ela saiu porta fora e despediu-se. Não veio trabalhar durante uma semana, e Roosevelt queria trabalhar, mas ela não o deixava sair de casa. Finalmente, Mr.

Bendini deitou água na fervura e ela disse que voltava se não houvesse mais queixas, mas cortou nas gorduras. Acho que ganhá-mos todos dez anos de vida.

- Está delicioso - disse Lamar enquanto punha manteiga no pão. - É sempre delicioso - acrescentou Lambert quando Roosevelt ia a passar. - A comida dela é alimentícia e engorda, mas é raro perdermos um almoço. Mitch comeu comedido enquanto conversava nervosamente e tentava aparentar um à-vontade total. Era difícil. Rodeado por advogados eminentemente famosos, todos milionários, na sua sala de jantar exclusiva, prodigamente decorada, sentia-se como se estivesse em terreno sagrado. Quando se tornou evidente que Mitch acabara de comer, Oliver Lambert limpou a boca, levantou-se lentamente e bateu com a colher no copo de chá

gelado.

- Meus senhores, peço-vos uns minutos de atenção.

Vinte e tal sócios pousaram os guardanapos e voltaram-se para o convidado. Dois meses antes, tinham votado unanimemente nele como primeiro da lista.

- Como sabem, temos hoje entre nós um convidado muito especial, Mitch McDeere, que em breve terminará o curso, com excelentes classificações, na Universidade de Harvard ...

- Viva! Viva! - disseram alguns oriundos de Harvard.

- Obrigado. Mitch e a sua encantadora esposa, Abby, vieram cá passar o fimde-semana e encontram-se instalados no Peabody como nossos convidados. Mitch recebeu muitas ofertas. Nós queremos-lo a trabalhar connosco, e sei que vão querer falar com ele antes de partir. Hoje à noite, vai jantar com

Lamar e Kay Quin e amanhã à noite é o jantar em minha casa. Estão todos convidados. Mitch sorriu, embaraçado, aos sócios enquanto Lambert falava da grandeza da firma. Quando ele acabou, Roosevelt serviu um pudim e café. O GABINETE de Royce McKnight era no quarto andar, num dos cobijados cantos no corredor do de Nathan Locke, mas na outra extremidade. O sócio-gerente pediu a Mitch que se sentasse na pequena mesa de reuniões.

- Mitch, quero explicar-lhe bem as condições da nossa oferta. O salário-base anual no primeiro ano é de oitenta mil dólares. Quando passar o exame da Ordem do Tennessee recebe um aumento de cinco mil dólares. O exame é em Agosto e receberá a orientação necessária por parte de alguns dos sócios. Nunca houve nenhum colaborador nesta firma que chumbasse no exame, e estamos convencidos de que você não vai quebrar a tradição. No mês de Dezembro,

receberá um bônus baseado nos lucros e no seu desempenho durante o ano antecedente.
-Acho justo.

McKnight olhou para o seu bloco de apontamentos.

- Nós cobrimos todas as despesas médicas, incluindo dentistas, de toda a família. Temos um plano de reforma melhor que qualquer outro. Por cada dólar que investir, a firma acompanha com dois. Lamar falou-lhe das férias?

- Falou.

- Ótimo. Reserve com antecedência, principalmente para as Caymans. Você

paga a viagem, mas os apartamentos são de borla. Nós temos muitos assuntos a tratar nas Caymans e de -vez em quando irá lá

passar dois ou três dias. Essas viagens não contam como férias.

Mitch acenou com a cabeça e viu-se deitado na praia, beberricando uma pina colada e a olhar para os biquinis reduzidos.

- Há alguma pergunta que queira fazer?

- Há. Nas grandes firmas, os colaboradores têm de fazer imensas pesquisas e ficam enfiados numa biblioteca nos primeiros três anos. Não me importo de fazer pesquisas, mas gostava também de trabalhar com clientes. McKnight ouviu com interesse, mas fez tardar um pouco a sua resposta.

- Eu percebo-o, Mitch. Durante as primeiras seis semanas, pouco mais fará do que estudar para o exame da Ordem. Depois, vai trabalhar com um dos sócios, e os clientes dele serão seus clientes também. Fará a maior parte das pesquisas desse sócio e, é

claro, as suas também. Se não se der bem com esse sócio, indicamos-lhe outro. A firma vai investir muito dinheiro em Mitch McDeere e queremos que seja produtivo. - McKnight olhou para a sua agenda. - Mais alguma coisa?

- Não. Não me ocorre mais nada.

- Nós não queremos pressioná-lo, mas precisamos de uma resposta rapidamente. Se for trabalhar para outra firma, teremos que entrevistar outras pessoas. É um processo moroso, e nós queríamos que o novo colaborador começasse a trabalhar no dia 1 de Julho.

- Darei uma resposta daqui a dez dias, pode ser? - Pode. Até ao dia 30 de Março, digamos?

- Claro, mas entrarei em contacto convosco antes disso. - Mitch despediu-se e encontrou Lamar Quin à espera no corredor, à saída do

gabinete de McKnight. Combinaram jantar às 7.

Não havia gabinetes de advogados no quinto andar do Edifício Bendini. A sala de jantar dos sócios e a cozinha ocupavam a ala ocidental, ao centro havia umas arrecadações vazias trancadas e uma parede de cimento selava o outro terço do piso. Essa parede tinha uma pequena porta de metal com um botão ao lado e uma câmara por cima, que dava acesso a uma pequena sala onde um guarda armado controlava uma parede repleta de ecrãs do circuito fechado de vigilância. Um corredor ziguezagueava por entre um labirinto de minúsculos gabinetes, onde um grupo de gente excêntrica cumpria a sua missão de recolha de informações secretas. As janelas tinham os vidros pintados e estavam tapadas com persianas.

DeVasher, chefe da segurança, ocupava o gabinete maior. O solitário diploma

pendurado nas paredes nuas do gabinete era um louvor aos trinta anos de dedicação demonstrada enquanto inspetor da Polícia de Nova Orleães. Tinha estatura média, tronco largo e uma cabeça redonda enorme. Era raro sorrir. A sua camisa amarrotada estava misericordiosamente desabotoada no colarinho, permitindo ao pescoço avantajado expandir-se livremente. Na manhã da segunda-feira seguinte à visita de McDeere, Oliver Lambert parou do lado de fora da pequena porta metálica e olhou para a câmara que se encontrava por cima dela. Carregou duas vezes no botão, esperou e finalmente deixaram-no passar. Entrou apressadamente no gabinete atravancado. DeVasher deitou uma baforada de fumo do seu charuto, pousou-o no cinzeiro vazio e abriu um dossier que se encontrava sobre a secretária.

- Bom dia, Ollie. Suponho que queiras falar sobre o McDeere. DeVasher era a única

peessoa que se atrevia a chamar-lhe Ollie à sua frente.

- Sim. Entre outras coisas - disse Lambert, sentando-se.

- Bom, ele ficou impressionado com a firma e gostou de Memphis. - Onde estavam os teus homens?

- No hotel, tínhamos os dois quartos ao lado. O quarto dele tinha microfones, a limusina e o telefone também. O costume, Ollie.

- Vamos aos factos.

- Está bem. Na quinta-feira à noite, chegaram tarde e foram para a cama. Na sexta-feira à noite, ele contou-lhe tudo sobre a firma: descreveu os gabinetes, as pessoas, disse que tu eras um tipo muito simpático. Achei que ias gostar de saber.

Continua.

- Contou-lhe o almoço requintado com os sócios. Falou-lhe dos pormenores da proposta e ficaram em êxtase. Ela quer uma casa com carroeiro de entrada, árvores e um pátio. Ele disse-lhe que ia tê-la. Ela gosta da cidade, e ela e a mulher do Quin deram-se bem. Na sexta-feira à tarde, andaram a ver casas e ela viu uma de que gostou bastante. Tipo colonial: número 1231 na East Meadowbrook. É suficientemente razoável para um dos teus rapazes, Ollie.

- Achas que está no papo?

- Aposto que sim. Acho que vai aceitar. - Desconfia de alguma coisa?

- Nem por isso. Quin disse-lhe para ele se manter afastado do gabinete de Locke. Mas acho que não suspeita de nada. A mulher

disse que a firma parecia preocupar-se com coisas que não lhe diziam respeito.

- Tais como?

- Assuntos pessoais. Filhos, mulheres que trabalham, etc. Disse que por nada deste mundo aceitava que um grupo de advogados lhe dissesse quando é que devia trabalhar e quando é que devia ter filhos. Mas não acho que ela venha a causar qualquer problema.

- Ele apercebeu-se do carácter permanente deste emprego?

- Não falou em trabalhar aqui uns anos e depois pôr-se a andar. Quer tornar-se sócio, como todos os outros.

- E o jantar em minha casa?

- Estavam nervosos, mas divertiram-se. Ficaram muito impressionados com a tua casa e gostaram muito da tua mulher.

- Sexo?

- Todas as noites. Parecia que estavam em lua-de-mel. - DeVasher apagou o charuto no cinzeiro e sorriu. - Em suma, é um casamento sólido - disse ele.

- Qual é a opinião que tens do tipo?

- Muito boa, é um jovem decente e também muito ambicioso. Acho que está

lançado e que não desiste até chegar lá acima. Vai arriscar, transgredir algumas regras se for preciso.

Ollie sorriu.

- Era isso que eu queria ouvir.

- Duas chamadas. Ambas para a mãe dela, no Kentucky. - E a família dele?

- Nunca foi mencionada.

- Não descobriram mais nada sobre o Ray?

- Ainda estamos a investigar, Ollie. Dá-nos tempo.

DeVasher fechou o dossier sobre McDeere e abriu outro, mais grosso.

- Quais são as últimas? - perguntou Lambert em voz baixa.

- Não são boas, Ollie. Estou convencido de que o Hodge e o Kozinski agora estão a trabalhar juntos. Na semana passada o FBI revistou a casa do Kozinski e descobriu os nossos microfones. Disseram-lhe, mas obviamente não sabem quem foi. O Kozinski contou ao Hodge na sexta-feira passada na

biblioteca do terceiro andar. Tínhamos um microfone lá perto e conseguimos apanhar excertos da conversa. Não muito. Têm tido muito cuidado com os sítios onde falam.

- Qual é o agente do FBI?

- Tarrance. É ele quem está à frente da coisa, evidentemente. - É bom?

- Ultrazeloso, competente. Mas não se compara aos nossos. Quantas vezes é

que já falou com Kozinski?

- Soubemos de quatro encontros este mês, mas suspeito que tenha havido mais.

- O que é que ele lhes contou?

- Espero que não tenha contado grande coisa. Ainda andam às apalpadelas. Ele ainda não se decidiu a colaborar. Foram eles que o abordaram, ou pelo menos é o que

pensamos. Apertaram-no bastante e ele estava prestes a entrar em acordo. Agora já não está tão convencido.

- A mulher dele sabe?

- Acho que não. Reparou que ele anda estranho, mas ele justifica-se com a pressão do trabalho.

- E Hodge?

- Tanto quanto sabemos, ainda não teve contactos com os tipos do FBI. Ele e Kozinski conversam muito e Hodge está sempre a dizer que morre de medo do FBI, que eles jogam sujo. Não vai fazer nada sem Kozinski.

- E se Kozinski for eliminado?

- Acho que ainda não chegámos a esse ponto. Bolas, Ollie, ele não é nenhum criminoso que

se meteu no nosso caminho. É um jovem muito simpático, com filhos, etc.

- A tua compaixão é comovedora. Deves achar que eu gosto disto. Ouve, eu quase criei estes rapazes.

- Nós vamos metê-los na linha antes que a coisa vá longe demais. Chicago já

começa a desconfiar. Têm feito muitas perguntas. - Quem? - Lazarov. - O que é que lhes disseste, DeVasher?

- Tudo. É essa a minha missão. Eles querem saber tudo. Querem respostas também. E planos preliminares para eliminar Kozinski, Hodge e Tarrance, caso se torne necessário.

- Tarrance! Estás doido? Não podemos eliminar um chui.

- O Lazarov é estúpido, Ollie. Tu sabes muito bem. É um perfeito idiota. Oliver Lambert saltou da cadeira e avançou para a porta. - Vigia o McDeere mais um mês.

- Está bem, Ollie. Podes apostar: ele vai aceitar. Não te preocupes. O MAZDA dos McDeeres foi vendido por duzentos dólares, e a maior parte do dinheiro investido no aluguer de uma carrinha de mudanças. Na carrinha puseram o frigorífico, a cama, a cómoda, a pequena televisão a cores, caixas com pratos, roupa e bugigangas e um velho sofá que não iria durar muito tempo na nova casa.

Abby levava Hearsay, o rafeiro, ao colo, enquanto Mitch atravessava Boston e se dirigia para sul, bem para sul, em direcção à promessa de um futuro melhor. Durante três dias, percorreram estradas secundárias, gozaram a paisagem, cantaram as músicas que davam no rádio e falaram da casa colonial

que tinham comprado, do BMW, da mobília nova, de filhos, de dinheiro. Chegaram a Memphis numa quinta-feira de manhã, e tal como lhes fora prometido, o 3181 preto encontrava-se estacionado à porta de casa. Ele ficou a olhar para o carro e ela para a casa. A relva era espessa, verde e estava bem aparada, tal como as sebes. Os malmequeres estavam em flor. Encontraram as chaves do carro e da casa debaixo de um balde na casa das ferramentas, como prometido. Descarregaram rapidamente a carrinha antes que os vizinhos vissem os parques pertences. Entregaram a viatura no agente mais próximo e foram dar uma volta no BMW.

Uma decoradora - a mesma que iria decorar o gabinete de Mitch - chegou pouco depois do meio-dia e trouxe amostras de tapetes, tintas, cortinados e papel de parede. Depois do apartamento que tinham em Cambridge, Abby achava hilariante a ideia de uma decoradora, mas desempenhou o seu papel. Mitch

cansou-se, pediu desculpas e foi dar um passeio pelas ruas arborizadas do bairro. Sorriu quando os rapazes montados nas bicicletas paravam e assobiavam ao verem passar o seu novo carro. Acenou ao carteiro. Ali estava ele: Mitchell Y. McDeere chegara, vinte e cinco anos de idade, acabado de se formar em Direito há uma semana.

Às 3, foram com a decoradora a uma loja de móveis, onde o gerente os informou que Mr. Oliver Lambert já tratara de tudo relativamente ao crédito. Não estabelecera quaisquer limites de quantidade nem de preço. Compraram tudo para a casa.

Ao FIM da tarde, partiram para casa dos Quins. Ficava numa zona da cidade chamada Chickasaw Gardens, com terrenos arborizados e casas enormes. Estacionaram o carro à entrada.

A empregada cumprimentou-os com um aceno de cabeça cordial, mas não sorriu. Conduziu-os até à sala de estar e foi-se embora. A casa estava escura e silenciosa - não se ouviam crianças nem vozes, nada. Falaram baixinho: confirmaram entre si que tinham sido convidados para jantar na quinta-feira dia 25 de Junho, às 6 horas. Mitch olhou novamente para o relógio. Kay Quin apareceu vinda do corredor, tentando sorrir. Tinha os olhos inchados e brilhantes, as lágrimas corriam-lhe livremente pela cara abaixo e apertava um lenço contra a boca. Abraçou Abby e sentou-se ao lado dela no sofá, mordendo o lenço.

Mitch ajoelhou-se à frente dela. - Kay, o que é que aconteceu?

- Uma tragédia - disse ela, soluçando baixinho. - Dois membros da firma, Marty Kozinski e Joe Hodge, morreram hoje. Nós eramos muito amigos deles. Mitch sentou-se em

cima da mesa em frente do sofá. Lembrava-se de Marty Kozinski da segunda visita, em Abril, mas não conseguia lembrar-se de Joe Hodge.

- Como é que foi? - perguntou. Kay limpou a cara e olhou para ele.

- Não temos bem a certeza. Eles estavam na Grande Cayman a fazer mergulho. Houve uma explosão qualquer num barco e pensa-se que eles se afogaram. O Lamar disse que ainda não se sabiam os pormenores. Houve uma reunião na firma há bocado, onde comunicaram a toda a gente. O Lamar mal conseguiu chegar a casa.

- Onde é que ele está?

- Ao pé da piscina. Está à tua espera.

Lamar estava sentado numa cadeira metálica de jardim pintada de branco, ao lado de uma

pequena mesa perto da piscina. Junto a um canteiro de flores, um irrigador de aspersão lançava em jacto um perfeito arco de água, que apanhava a mesa, a cadeira e Lamar. Ele estava encharcado: a água pingavalhe do nariz, orelhas e cabelo; a camisa de algodão azul e as calças estavam ensopadas. Não tinha sapatos nem meias. Estava imóvel, sem sequer se mexer, quando o jacto o atingia. A sua atenção parecia concentrada num objecto distante na sebe lateral. Mitch inspecionou o relvado atrás da casa, depois deu a volta à pis

cina, parando no limite da zona seca. Lamar reparou nele, acenou-lhe e tentou sorrir, apontando para uma cadeira molhada. Mitch puxou-a uns centímetros e sentou-se exactamente quando o jacto seguinte se abatia. - Lamar, lamento muito... - hesitou. - Eu também.

- Gostava de poder dizer alguma coisa.

Os olhos de Lamar abandonaram a sebe e ele inclinou a cabeça na direcção de Mitch. Os seus olhos estavam vermelhos e tristes. Esperou até o jacto seguinte passar.

- Eu sei. Mas não há nada a dizer. Lamento que tenha acontecido agora, hoje. Não tivemos disposição para cozinhar.

- Isso é o menos.

- Lembras-te deles? - perguntou Lamar.

- Lembro-me de Kozinski, mas de Hodge não.

- Marty Kozinski era um dos meus melhores amigos. De Chicago. Entrou na firma três anos antes de mim e estava no topo da lista para se tornar sócio. Era um Ótimo advogado, talvez o melhor negociador da firma. Sob pressão, mantinha-se muito frio e seco. - Olhou para o chão. - Três filhos. As gémeas

são um mês mais velhas que o nosso filho. - Fechou os olhos, mordeu o lábio e começou a chorar.

Mitch sentia vontade de se ir embora.

- Lamento muito, Lamar. Mesmo muito.

Passados uns minutos, Lamar parou de chorar, mas a água continuou a jorrar. Mitch olhou para o outro lado do relvado para ver se via a torneira. Arranjou coragem para perguntar se podia desligar o irrigador, mas concluiu que, se Lamar conseguia aguentar, ele também conseguia. Talvez fosse uma ajuda.

- E como foi o acidente? - perguntou finalmente Mitch.

- Não nos disseram grande coisa. Estavam a fazer mergulho e houve uma explosão no barco. O instrutor também morreu, era um

nativo das ilhas. Agora estão a tentar mandar os corpos para cá.

- Onde estavam as mulheres deles?

- Em casa, graças a Deus. Era uma viagem de negócios. - Não consigo lembrar-me do Hodge.

- Joe era um tipo alto e louro que falava pouco. O tipo de pessoa que não fica na memória. Era de Harvard, como tu.

- Quantos anos tinha?

- Ele e Marty tinham ambos trinta e quatro anos. Eram muito amigos. Acho que o somos todos, principalmente agora. - Lamar pôs-se de pé e dirigiu-se para terreno seco. - Estamos contentes por te ter cá, Mitch. Desculpa as circunstâncias. Vais gostar disto.

- Não tens que pedir desculpa.

- Estou entorpecido. Tremo só de pensar que vou ter de enfrentar a mulher e os filhos de Marty. Preferia ser açoitado com um chicote de couro a ter de lá

ir.

As mulheres chegaram e encaminharam-se para a piscina. Kay dirigiu-se à

torneira, e o irrigador foi finalmente silenciado.

Mitch e Abby saíram de Chickasaw Gardens assim que puderam e seguiram para oeste, juntamente com o trânsito, em direcção ao centro da cidade e ao Sol, que se punha. Mitch abriu o tejadilho e as janelas. O ar húmido característico do Verão em Memphis instalou-se com a penumbra. Mitch tentou esquecer o que acontecera a Kozinski e Hodge; aliás, praticamente nem os conhecia. Na realidade, nem sequer chegara a conhecê-

los. E ele, um pobretanas sem família, tinha muito com que se alegrar: uma mulher bonita, uma casa nova, um carro novo, oitenta mil dólares por ano. A única coisa que tinha de fazer era trabalhar noventa horas por semana. Fácilmo. Atravessou cuidadosamente a cidade e, depois de ter virado duas vezes no sítio errado, descobriu a casa de Mr. e Mrs. Mitchell Y. McDeere.

QUATRO DIAS depois, no dia que deveria ter sido o primeiro passado atrás da sua nova secretária, Mitch e a sua encantadora mulher juntaram-se aos outros trinta e nove membros da firma e às respectivas encantadoras mulheres para prestarem a última homenagem a Martin S. Kozinski. A catedral estava cheia. Oliver Lambert proferiu um elogio fúnebre tão eloquente e comovedor que nem o próprio Mitchell McDeere, que já enterrara o pai e o irmão, conseguiu evitar arrepios. Os olhos de Abby encheram-se de lágrimas ao ver a viúva e os filhos.

Voltaram a encontrar-se novamente à tarde na igreja presbiteriana, na zona leste de Memphis, para se despedirem de Joseph M. Hodge. No dia seguinte, Mitch chegou ao gabinete de Royce McKnight às 8.30 em ponto, conforme combinado. Oliver Lambert e McKnight cumprimentaram-no e apresentaram-no a outros dois sócios: Victor Milligan e Avery Tolar. Milligan era o chefe do Departamento de Impostos, e Tolar, com quarenta e um anos de idade, era um dos sócios mais jovens. Sentaram-se todos em torno da pequena mesa de reuniões.

- Mitch, queríamos pedir desculpa por este início tão deprimente - disse McKnight. - Ficámos muito sensibilizados com a sua presença nos funerais.

- Achei que devia ir - afirmou Mitch.

- Acabámos de perder dois dos nossos melhores advogados, por isso teremos que exigir

mais de si - disse Lambert. - Por favor, seja paciente conosco. Todos eles acenaram e franziram o sobrolho, de olhos postos na mesa. McKnight olhou para uns apontamentos que tinha num bloco.

- Mitch, acho que já falámos disto. Nesta firma, cada colaborador está afecto a um sócio, o qual age como seu supervisor e mentor. Você irá trabalhar com Avery Tolar.

Mitch sorriu embaraçado ao "seu sócio".

- Trabalhará sob a orientação dele. Os casos e dossiers que lhe vão passar pelas mãos serão os dele. Praticamente, todos estão relacionados com direito fiscal.

- Ótimo.

Antes que me esqueça, Mitch, gostaria de almoçar consigo hoje - disse Tolar.

- Com certeza - respondeu Mitch.

- I"evem a minha limusina - ofereceu Lambert. - Já estava a planear fazê-lo

-disse Tolar.

- Quando é que me dão uma limusina? - perguntou Mitch. Sorriram e pareceram gostar da graça.

- Daqui a cerca de vinte anos - esclareceu Lambert. McKnight voltou a olhar para o bloco de apontamentos.

- Tal como já lhe disse, Mitch, o exame da Ordem é prioritário. Tem seis semanas para estudar para ele, e nós prestamos-lhe toda a ajuda possível. Temos cursos de revisão orientados pelos nossos membros e pelo menos meio-dia será passado com isso. A sua secretária será Nina Huff, que trabalha na

firma há oito anos. Não é bonita, mas é muito eficiente.

- Onde é o meu gabinete? - No segundo andar.

O gabinete de Lamar também era no segundo andar, e naquela altura isso era reconfortante. Depois, lembrou-se dele sentado junto à piscina, encharcado e a chorar.

EVERY TOLAR não parou de falar enquanto a limusina avançava lentamente por entre o trânsito do meio-dia. Tinha mulher e dois filhos, mas falou pouco da família. Falou de dinheiro. O primeiro milhão estava no banco. O segundo viria daí a dois anos. A sua especialidade era formar sociedades destinadas à

compra de superpetroleiros. Era o especialista número um na matéria e cobrava aos clientes trezentos dólares por hora e

trabalhava sessenta horas, às vezes até setenta, por semana.

Mitch começaria por cobrar cem dólares por hora, num mínimo de cinco horas por dia, até passar o exame e obter a licença de exercício de actividade. Depois disso, passaria a cento e cinquenta dólares por hora, oito horas por dia. Avery afirmou que a cobrança era o sangue vital da firma. Promoções, aumentos, bónus, sobrevivência, sucesso, tudo girava em torno de como se estava a facturar. Principalmente em relação aos novos colaboradores. O

caminho mais rápido para se receber uma repreensão era negligenciar os registos da facturação diária.

A média por colaborador era de cento e setenta e cinco dólares por hora. No caso dos sócios, era de trezentos. Milligan cobrava quatrocentos a alguns dos clientes, e Nathan

Locke uma vez cobrara quinhentos por um caso de direito fiscal que envolvia permuta de bens em vários países estrangeiros. Quinhentos dólares por hora! Avery saboreava a ideia. Era assim que se fazia dinheiro naquela actividade. Arranjava-se um grupo de advogados a trabalhar à hora e construía-se uma dinastia. Quanto mais advogados se tem, mais dinheiro recebem os sócios.

Avery avisou-o novamente para não negligenciar a facturação, que devia ser sempre a primeira prioridade - depois do exame da Ordem, é claro. A limusina virou numa transversal e parou em frente a um pequeno toldo que ia da borda do passeio até uma porta de metal preta. Avery salientou que o Manhattan Club, aonde se dirigiam, era o restaurante mais selecto da cidade. Oferecia almoços importantes a pessoas importantes - banqueiros, advogados, executivos, políticos e aristocratas. Um elevador dourado levava directamente ao elegante décimo andar. O

maitre-d'hotel dirigiu-se a Mr. Tolar pelo nome e deu-lhe os sentimentos pela perda de Mr. Kozinski e de Mr. Hodge. Avery agradeceu-lhe e apresentou o membro mais recente da firma. A mesa preferida de Avery esperava-os a um canto.

- A firma não permite que se beba vinho ao almoço - disse ele enquanto abria a ementa. - O que é que vai beber?

- Chá com gelo.

- Chá gelado para este senhor - disse Avery ao empregado. - Traga-me um gin Bombay com gelo e três azeitonas.

Mitch mordeu a língua e sorriu por detrás da ementa.

- Temos regras a mais - murmurou Avery. Pediu para ambos um peixe grelhado qualquer.

Mitch foi depenicando a comida enquanto ouvia o que o seu mentor dizia. As secretárias chegavam ao escritório às 8.30. Mas ninguém trabalhava oito horas por dia. Ele pessoalmente chegava ao escritório por volta das 8 e quase nunca saía antes das 6. A firma não se importava que Mitch chegasse às 6 ou às 9, desde que o trabalho aparecesse feito.

- A que horas é que abrem as portas? - perguntou Mitch. Avery explicou que todos tinham chave, por isso podia entrar e sair às horas que bem entendesse. A segurança era apertada, mas os guardas estavam habituados aos viciados no trabalho. Alguns hábitos de trabalho eram lendários. Victor Milligan, nos seus primeiros anos de actividade, trabalhara dezasseis horas por dia, sete dias por semana, até chegar a sócio. A seguir, deixara de trabalhar aos domingos. Nathan Locke dizia que não conseguia trabalhar convenientemente depois de as secretárias chegarem, por isso entrava às 6. Ali estava um

homem de sessenta e um anos que valia dez milhões e que trabalhava das 6 da manhã até às 8 da noite, cinco dias por semana e meio-dia ao sábado.

Mitch disse que percebera a mensagem. Dezasseis horas por dia não era nada que lhe fosse estranho.

Às 2 horas, os almoços importantes já rareavam e a multidão diminuía. Avery assinou a factura e saíram do restaurante.

A DECORADORA encontrava-se à espera no gabinete de Mitch. Trazia catálogos cheios de mobiliário de escritório. Ele pediu-lhe sugestões, ouviuas, mostrando o máximo interesse que conseguiu, e acabou por lhe dizer que confiava nela para escolher o que fosse mais apropriado. Ela gostava da sólida secretária de madeira de cerejeira sem gavetas, das poltronas de orelhas de couro e de um tapete oriental muito caro. Mitch

achou tudo maravilhoso. Ela saiu, e ele sentou-se à secretária antiga. O gabinete tinha duas janelas de um metro e oitenta viradas a norte que davam directamente para o segundo piso do velho edifício do lado. A vista não era grande coisa. Fazendo um esforço, conseguia avistar o rio a noroeste. Aquele gabinete serviria por uns anos, depois mudava-se para um com melhor vista antes de passar finalmente para um dos do canto - um dos gabinetes do poder.

Miss Nina Huff bateu à porta e apresentou-se como sendo a secretária. Era uma mulher de quarenta e cinco anos, bastante forte, não sendo portanto difícil compreender porque era solteira. Informou-o logo que já trabalhava na firma há oito anos e que sabia tudo o que era preciso saber sobre o expediente do escritório. Se ele tivesse alguma dúvida, bastava perguntar-lhe. Mitch agradeceu-lhe.

- Como se chama a sua mulher? - perguntou ela. - Porque é que pergunta? retorquiu ele.

- Quando ela lhe telefonar, gostaria de ser amável com ela. - Abby.

- Como é que costuma tomar o café? Sem natas, mas eu próprio o farei.

- Bom... - Fez uma pausa e depois disse: - Já sei o nome da sua mulher e já

resolvemos a questão do café, acho que posso começar.

- Esteja cá todos os dias às oito e meia. - Com certeza, Sr. Doutor. Ela saiu, e Mitch sorriu: seria divertido trabalhar com ela. O DESPERTADOR tocou às 5 da manhã e foi imediatamente silenciado. Mitch abriu a porta das traseiras para deixar sair o cão e entrou no duche. Vinte minutos depois, partia para o escritório. Decidira iniciar os seus

dias às 5.30, a menos que alguém conseguisse ultrapassá-lo. Seria o primeiro advogado a chegar ao Edifício Bendini todos os dias, até se transformar no sócio mais jovem na história da firma.

O terreno desocupado junto ao Edifício Bendini encontrava-se vedado por uma corrente de trinta metros de comprimento e havia um guarda fardado ao portão. O guarda aproximou-se do carro. Mitch baixou o vidro e mostrou-lhe o cartão com a sua fotografia.

- Deve ser o novo colaborador - disse o guarda. - Exacto, chamo-me Mitch McDeere. E você? - Dutch Hendrix. Começa cedo, não?

Mitch sorriu.

- Não. Pensei que já cá estivessem todos. Dutch esboçou um sorriso.

- O senhor é o primeiro. Mr. Locke não tardará.

O portão abriu-se. Mitch encontrou o seu nome pintado de branco no asfalto e estacionou o imaculado BMW. Olhou para o relógio: eram 5.30 em ponto. Ficou aliviado por não ser necessário chegar mais cedo. O resto da firma ainda estava a dormir.

Já no gabinete, acendeu a luz. A um dos cantos encontravam-se três caixotes de papelão cheios de livros, dossiers, blocos e apontamentos que acumulara nos últimos três anos. Mitch pousou o primeiro caixote em cima da secretária e começou a despejá-lo. Encontrou o material de revisão para o exame da Ordem no terceiro. Não reparou na silhueta que surgiu repentinamente à

porta.

- Bom dia!

Mitch voltou-se e olhou, boquiaberto. - Assustou-me - disse ele.

- Desculpe. Chamo-me Nathan Locke. Creio que ainda não fomos apresentados.

- Mitch McDeere, o novo colaborador. - Apertaram as mãos.

- Sim, eu sei. Peço desculpa por não o ter cumprimentado ainda. Estava ocupado quando cá veio das primeiras vezes. Julgo que o vi nos funerais. Mitch acenou, mas tinha a certeza de que nunca estivera a cem metros daquele homem, senão lembrar-se-ia. Eram os olhos: pretos e frios com camadas de rugas à volta. Uns olhos inesquecíveis. O cabelo era branco e começava a rarear em cima, embora fosse denso. junto às orelhas, e a sua brancura contrastava vivamente com o seu rosto. Quando falava, semicerrava os olhos e as pupilas pretas brilhavam

ferozmente. Uns olhos sinistros. Uns olhos astutos.

- Vejo que gosta de se levantar cedo. - É verdade.

- Bom, muito prazer em tê-lo cá.

Nathan Locke afastou-se da porta e desapareceu. Mitch concluiu que não era de admirar que o mantivessem afastado de toda a gente. Já compreendia porque é que não lhe tinham apresentado Nathan Locke antes de ele ter aceitado o emprego. Era provável que o escondessem de todos os possíveis candidatos. Locke tinha, sem dúvida, a presença mais sinistra e malévola que Mitch jamais encontrara.

EVERY TOLAR estava à espera dele às 9 horas no quarto andar, empunhando um dossier grosso que lhe entregou.

- Este é o processo Sonny Capps, uma parte dele. O nosso cliente vive em Houston. Possui a maior empresa de rebocadores do rio Mississípi. Tem navios espalhados por todo o Mundo. Agora quer formar uma sociedade limitada para adquirir uma frota de petroleiros, desta vez a uma família qualquer de Hong Kong. É um negócio de cerca de sessenta e cinco milhões. Esse dossier é uma parte da última sociedade que formei para este cliente. Contém um projecto, cartas de intenções, declarações e o contrato da sociedade propriamente dita. Lê-o. Depois, prepara um rascunho do contrato da sociedade para este negócio.

O dossier engordou. Começar às 5.30 da manhã talvez não fosse suficiente. O sócio continuou:

- Temos cerca de quarenta dias, por isso já estamos atrasados. Marty Kozinski estava a

ajudar-me, e logo que eu tiver revisto o dossier dele, entrego-to. Alguma pergunta?

- E a pesquisa?

- Vais ter que a actualizar. Capps fez mais de nove milhões no ano passado e pagou uma ninharia de impostos. Ele não acredita no pagamento de impostos e responsabiliza-me por todos os centavos gastos com eles. É tudo legal, mas o empreendimento vai ser inspeccionado pelos governos de pelo menos três países. Por isso, tem cuidado.

Mitch folheou os documentos.

- Quantas horas por dia é que devo trabalhar nisto?

- O máximo possível. Eu sei que o exame da Ordem é importante, mas no ano passado Sonny Capps pagou-nos quase meio milhão de dólares em honorários.

- Vou tratar do assunto.

- Eu sei. Nina vai examinar contigo a relação das horas. Lembra-te de que não podes ignorar as horas a facturar.

- Como poderia esquecer-me?

OLIVER LAMBERT e Nathan Locke estavam em frente à porta metálica do quinto andar a olhar para a câmara por cima dela. A porta abriu-se e um guarda acenou-lhes. DeVasher aguardava-os no seu gabinete.

- Bom dia, Olhe - disse baixinho, ignorando Locke.

=Quais são as últimas notícias de Chicago? - indagou Locke bruscamente.

- Estão muito ansiosos, Nat. Estão a fazer perguntas difíceis. - E o que é que lhes tens dito?

- Que está tudo bem: que a grande firma Bendini é sólida, que a fuga de informações foi tapada. O negócio corre normalmente, sem problemas.

- Quais foram os estragos causados? - perguntou Oliver Lambert. - Não creio que tenham chegado a falar. Soubemos de fonte segura que uns agentes do FBI iam a caminho da ilha no dia do acidente, por isso achamos que tinham marcado o encontro para despejarem tudo. Calma. Foi um trabalho limpo, muito profissional, sem deixar rasto. - Isto enoja-me, DeVasher-disse Lambert.

- E achas que eu gosto, Ollie? O que é que querias que fizéssemos? Que ficássemos de braços cruzados e os deixássemos falar? O Lazarov deu-nos ordens. Se quiseres discutir com o Lazarov, eu não te impeço. Um destes dias, encontram-te para aí a boiar algures. Aqueles rapazes deviam ter mantido as bocas fechadas, continuado a conduzir os seus

belos carrinhos e a brincar a advogados famosos. Mas não, quiseram armar-se em santinhos. Lambert olhava para a parede.

- Porque é que nos chamaste aqui?

- Chicago quer pôr sob escuta os telefones de todos os colaboradores.

- De todos? - perguntou Lambert. - Até do McDeere?

- Sim. Até do McDeere. Acho que o Tarrance vai tentar novamente, e desta vez é capaz de começar por baixo.

- Conheci o McDeere esta manhã - disse Locke. - Chegou cá antes de mim.

- Às cinco horas e trinta e dois minutos - esclareceu DeVasher. Os APONTAMENTOS da faculdade passaram para o chão, e o dossier Capps ocupou a secretária toda. Nina trouxe

uma sanduíche de salada de frango quando voltou do almoço, e ele comeu-a enquanto lia. Pouco depois da 1, chegou Wally Hudson para dar início às revisões para o exame. Era especialista em contratos. Entregou a Mitch uma sebenta com três argolas e uns dez centímetros de espessura.

Wally explicou que o exame durava quatro dias e era composto por três partes. No primeiro dia, havia um teste de escolha múltipla sobre ética com a duração de quatro horas. Gill Vaughn era o perito em ética da casa e iria orientar essa parte das revisões. No segundo dia, havia um exame de oito horas sobre quase todas as áreas da lei comuns a todos os estados. No terceiro e quarto dias, o exame cobriria quinze áreas dos direitos e deveres fundamentais. Todas as respostas seriam dadas sobre a forma de ensaio, e as perguntas iriam incidir especialmente sobre a legislação do estado do Tennessee. A firma

tinha um plano de revisão para cada uma das quinze áreas.

- São quinze assim como esta?! - Mitch levantou o bloco de apontamentos. Wally sorriu.

- São. Estude oitenta páginas dessa sebenta para a semana que vem. Vai encontrar algumas perguntas a que deverá responder em forma de ensaio.

- Tipo trabalho de casa?

- Exacto. Eu depois classifico.

Wally saiu. Menos de dez segundos depois, entrou Randall Dunbar, o chefe do Departamento de Bens Imobiliários, trazendo consigo outra sebenta grossa. Kendall Mahan trouxe outra sobre direito constitucional. A procissão continuou durante toda a tarde até metade da firma ter passado por lá a deixar

sebentas, a marcar trabalhos de casa e reuniões semanais. Seis deles recordaram a Mitch que nunca nenhum membro da firma chumbara no exame. Quando Nina se despediu, às 5 da tarde, Mitch limitou-se a sorrir-lhe para logo voltar a embrenhar-se na versão de lei contratual de Wally. Uma hora depois, sentiu fome. Então, pela primeira vez em doze horas, pensou em Abby. Telefonou-lhe.

- Ainda me demoro um bocado - disse ele. - Mas eu estou a fazer o jantar.

- Deixa-o no forno - disse ele um pouco apressado.

- A que horas vens? - perguntou ela, falando incisivamente. - Passaste aí o dia todo.

- É verdade, e ainda tenho muita coisa para fazer. - Sentes-te bem?

- Sinto. Vou chegar tarde a casa.

O BARULHO do motor acordou Dutch Hendrix, que se levantou de um salto. O portão abriu-se, e ele aguardou ao seu lado enquanto o último carro abandonava o parque. A viatura parou junto dele.

Dutch apontou o foco da lanterna para o pulso e olhou para o relógio: 11.30.

- Só agora é que se vai embora?

- É verdade. Tive um dia muito ocupado. Até daqui a pouco. O BMW afastou-se rapidamente na noite. "Daqui a pouco", pensou Dutch. Os novatos eram espantosos. Dezoito, vinte horas por dia, seis, sete dias por semana. Todos eles planeavam ser os melhores advogados do Mundo e ganhar um milhão de dólares do dia para a noite. Às vezes, dormiam sentados à

secretária, mas o corpo humano não fora concebido para tais abusos. Passados seis meses, perdiam vapor: passavam a quinze horas por dia, seis dias por semana; depois, doze horas por dia. Ninguém conseguia trabalhar cem horas por semana durante mais de seis meses.

UMA DAS SECRETÁRIAS vasculhava o ficheiro à procura de uma coisa de que Avery Tolar necessitava urgentemente. A outra estava de pé em frente da secretária dele, com um bloco de apontamentos na mão, estenografando as instruções que ele lhe dava quando parava de gritar ao telefone. Quando ele falava para o auscultador, as secretárias falavam ríspidamente uma com a outra. Mitch entrou devagarinho no gabinete e ficou à porta.

- Calem-se! - gritou Avery às secretárias.

Passados minutos, desligou violentamente o telefone e fitou Mitch. - Era Sonny Capps. Os chineses querem setenta e cinco milhões, e ele concordou. Temos vinte dias ou o negócio é cancelado. És capaz de acabar o rascunho do contrato da sociedade até sábado de manhã? - perguntou Avery quase com sarcasmo.

As secretárias entregaram a Mitch uma pilha de dossiers volumosos. Ele pegou-lhes e encaminhou-se para a porta.

- É claro que consigo. Mais alguma coisa?

-É tudo. Não quero que faças outra coisa senão trabalhar nesse dossier até

sábado, entendido?

- Sim, chefe.

De volta ao seu gabinete, Mitch retirou o material de revisão para o exame, ou seja as

quinze sebatas, de cima da secretária e colocou-as numa prateleira. Respirou fundo e começou a ler os dossiers do processo Capps. ÀS 11 HORAS da noite, não se ouvia nada no gabinete do segundo andar, excepto um leve ressonar. Mitch tinha os pés em cima da secretária e o resto do corpo confortavelmente recostado na cadeira volumosa de couro. As mãos seguravam com firmeza um documento de aspecto importantíssimo contra o estômago.

O telefone tocou. Só depois de ter tocado uma dúzia de vezes é que ele se mexeu e saltou para o atender. Era a sua mulher.

- Porque é que não telefonaste? - perguntou Abby friamente, ainda que com um toque de preocupação na voz.

- Desculpa. Adormeci. Que horas são? - Esfregou os olhos. - Onze. Vens para casa?

- Não. Preciso de trabalhar a noite toda.
- Tu não podes trabalhar a noite toda, Mitch. O jantar ainda está no forno.
- Desculpa, mas estou cheio de prazos para cumprir e perdi a noção do tempo.
- Isto vai tornar-se um hábito, Mitch? É possível.
- Compreendo. Quando é que achas que vens para casa? - Vou aí por volta das sete para tomar um duche.
- Que bom! Se eu estiver a dormir, não me acordes. - Desligou. NA MANHA seguinte, bem cedo, Abby beberricava um café com o cão ao colo, enquanto ouvia os barulhos da vizinhança a despertar. Passara a noite a acordar e o duche quente não lhe aliviara o cansaço. Envergava um roupão de turco branco - um dos dele - sem nada por baixo.

A porta de um carro bateu e, momentos depois, ela ouviu-o abrir a porta da cozinha. Pousou o casaco num banco e aproximou-se dela.

- Bom dia - disse ele.

Ela presenteou-o com um falso sorriso. -- Bom dia.

Ele respirou fundo.

---Estás zangada por causa de ontem à noite, já vi. --Não. Estou-me nas tintas.

- Por favor, não peças o divórcio, Abby. Juro que não volta a acontecer. Não me abandones.

Ela conseguiu então esboçar um verdadeiro sorriso.

- Estás com péssimo aspecto - disse ela. - Porque é que não passas pelas brasas?

- Obrigado. Mas tenho uma reunião às nove horas com o Avery. - Estão a tentar matar-te logo na primeira semana?

- Estão, mas não vão conseguir. Sou demasiado homem para isso. Vamos tomar um duche.

-Se viesses para casa a horas decentes, não te sentirias deprimido.

- Tenho a certeza de que deve haver imensos noctívagos. É uma maratona. Aquele que resistir ganha a medalha de ouro.

-,E morre ao chegar à meta.

- Não acredito! Mudámo-nos para cá há uma semana e já estás preocupada com a minha saúde. - Aproximou-se dela por trás e deu-lhe um beijo no rosto.

- Amo-te - sussurrou.

Ela agarrou-lhe na mão.

- Vai tomar um duche. Eu faço o pequeno-almoço.

A mesa estava posta na perfeição. O serviço de porcelana da avó dela ia ser usado pela primeira vez na nova casa. As velas dos castiçais de prata estavam acesas. O sumo de toranja estava servido em copos de cristal. Quando ele acabou de tomar banho e de se vestir, entrou na casa de jantar e assobiou.

- O que é que vamos comemorar?

- É um pequeno-almoço especial para um marido especial. Ele levantou a tampa de um prato coberto de prata.

- O que é isto?

- Piccata de vitela. Ele olhou para o relógio. - Pensei que eram horas do pequeno-almoço.

- Fi-la para o jantar ontem à noite e sugiro que comas. - Piccata de vitela ao pequeno-almoço?

Ela sorriu e abanou ligeiramente a cabeça. Ele olhou novamente para a travessa e analisou a situação durante segundos. Por fim, disse:

- Cheira bem.

No Sábado de manhã, ele deixou-se dormir e só chegou ao escritório às 7. Não fez a barba, vestiu uns jeans, uma camisa com botões no colarinho e calçou mocassins sem meias. Indumentária da faculdade de direito. Mas a pressão continuava. Mitch cancelara as reuniões de revisão para o exame na quinta, sexta e sábado, e as quinze sebatas continuavam na prateleira a apanhar pó e a recordar-lhe que seria sem dúvida o primeiro membro da firma a chumbar no exame.

O contrato Capps fora impresso e reimpresso na sexta-feira a altas horas da noite. Nina dissera que não se importava de fazer horas extraordinárias, por isso ele pedira-lhe para ir trabalhar no sábado de manhã. Ela chegou às 9, com umas calças de ganga que serviriam a qualquer jogador de futebol. Mitch entregou-lhe o contrato, com duzentas e seis páginas, com as suas últimas alterações e pediu-lhe para o imprimir pela terceira vez. Ia encontrar-se com Avery às 10 horas.

Às 10, a terceira versão do contrato estava pronta: tinha já duzentas e dezanove páginas. Mitch pousou-o na secretária do sócio a que estava adstrito. Uma das secretárias estava a encher uma enorme pasta enquanto o patrão falava ao telefone.

- Mas é impressionante - disse Avery quando desligou o telefone. - É só um esboço?

- Acho que não. Essa é a terceira revisão desde ontem de manhã. - Veremos. Vou lê-lo no avião para Houston. Depois, Capps lê-o com uma lupa. Quantas horas estão aqui?

- Cinquenta e quatro e meia desde quarta-feira.

- Eu sei que te pressionei e peço desculpa por isso. Tiveste uma primeira semana muito dura. Mas não será a última vez que nos vamos estafar por alguém que nos paga meio milhão de dólares por ano.

- Não me importo. Estou atrasado nas revisões para o exame, mas consigo recuperar.

Avery colocou o contrato na pasta.

- Onde é que estão os projectos e os outros documentos? - Fiz apenas esboços. Disse-me que tínhamos vinte dias.

- E temos, mas é melhor elaborá-los quanto antes. Capps começa a pedir as coisas muito antes de os prazos expirarem. Trabalhas amanhã? - A minha mulher tem insistido para irmos à igreja.

Avery abanou a cabeça.

- As mulheres podem mesmo tornar-se um empecilho - disse ele. - Vamos acabar o processo Capps até ao próximo sábado.

- Certo. Não há problema - disse Mitch, e voltou para o gabinete. A CRISE Capps durou duas semanas e foi resolvida sem problemas de maior, sobretudo graças a um horário de dezoito horas por dia cumprido pelo membro mais recente da firma, membro esse que ainda não tinha feito o exame da Ordem e que estava demasiado ocupado com o exercício da profissão para se preocupar com ele.

Oliver Lambert manifestou a sua preocupação pelos hábitos de estudo de Mitch - faltavam menos de três semanas para o exame. Avery disse-lhe para não se preocupar, pois o seu rapaz estaria preparado. Em Julho, Mitch facturou uma média de cinquenta e nove horas por semana, um recorde da firma para um estagiário.

Quinze dias antes do exame, Mitch queixou-se finalmente a Avery. Precisava de tempo para estudar. Podia estudar sofregamente nas duas semanas seguintes e passar por um triz, mas precisava que o deixassem em paz para o fazer. Avery pediu-lhe desculpa e prometeu ignorá-lo durante essas duas semanas.

Na primeira segunda-feira de Agosto, foi convocada uma reunião na biblioteca do primeiro andar. Todos os membros estavam presentes, até

Nathan Locke, que chegou atrasado. Não cumprimentou ninguém e ninguém olhou para ele. Mitch olhava de relance para os Olhos Negros sempre que podia.

A atmosfera estava pesada. Ninguém sorria. Beth Kozinski e Laura Hodge entraram escoltadas por Oliver Lambert e sentaram-se de frente para uma parede onde estavam pendurados dois quadros tapados. Deram as mãos e tentaram sorrir. Lambert virou-se para a pequena audiência. Falou em voz baixa, mas o poder da sua maravilhosa voz de barítono fez que todas as sílabas pronunciadas fossem ouvidas pelos presentes. Olhando para as duas viúvas, falou do grande pesar que a firma sentia, acrescentando que, enquanto a firma existisse, nada lhes faltaria a elas nem aos filhos. Falou de Marty e Joe, e do grande vazio deixado pelas suas mortes. Falou do amor que eles sentiam pela família, da sua dedicação ao lar. Os negociadores da grande Bendini, veteranos endurecidos e

duros de roer, engoliram em seco e evitaram olhar uns para os outros. Só Nathan Locke permanecia impassível. Quando Lambert chegou ao fim do seu discurso, destapou os retratos de Martin Kozinski e de Joe Hodge. Mitch ouvira dizer que Hodge fizera um seguro de vida de dois milhões quatro meses antes de morrer. Quando o discurso terminou, Nathan Locke desapareceu pela porta. Os advogados acercaram-se das viúvas e proferiram palavras de conforto e abraçaram-nas. Mitch não as conhecia, por isso não tinha nada para lhes dizer. Foi até à parede e examinou os quadros. Ao lado dos de Kozinski e de Hodge encontravam-se três retratos mais pequenos, mas igualmente dignos. O retrato de uma mulher chamou-lhe a atenção. A placa de latão dizia: ALICE

KNAUSS, 1948-1976.

- Ela foi um erro - disse Avery baixinho ao aproximar-se do seu colaborador.

- O que quer dizer com isso?

- Uma típica advogada feminina. Veio para cá acabada de sair de Harvard, era a número um da turma e cheia de manias por ser mulher. Passados seis meses, todos a detestávamos, mas não nos conseguíamos livrar dela. Milligan ainda a culpa pelo ataque cardíaco que teve. Era ele o sócio responsável por ela.

- O que é que lhe aconteceu?

- Um acidente de automóvel causado por um condutor embriagado. Foi sem dúvida uma tragédia.

Mitch acenou em direcção ao retrato ao lado.

- Quem era ele?

- Robert Lamm. Era um grande amigo meu da Faculdade de Direito de Atlanta. Andava três anos à minha frente.

- O que é que lhe aconteceu?

- Ninguém sabe. Em 1980, andava a caçar veados no Arkansas e desapareceu. Foi encontrado numa ravina com um buraco na cabeça. A bala entrou-lhe pela nuca. Calcula-se que o tiro tenha sido disparado por uma carabina potente de uma grande distância. Provavelmente, foi um acidente, mas nunca viremos a saber. Não consigo imaginar ninguém que quisesse matar Bobby Lamm. O último retrato era de John Mickel, 1950-1984.

- O que é que aconteceu a este? - sussurrou Mitch.

- Talvez tenha sido a morte mais trágica de todas. Não era um homem forte e a pressão deu cabo dele. Meteu-se na droga e a mulher deixou-o. Gastámos uma pequena fortuna em tratamentos, psiquiatras, tudo. Nada resultou e ele entrou em grande depressão e

depois suicidou-se. Escreveu uma carta de sete páginas a explicar o suicídio e deu um tiro nos miolos.

- Que horror. Onde é que o encontraram?
Avery pigarreou.

- No teu gabinete. Não és supersticioso, com um sorriso malicioso.

- Claro que não. Posso mudar de gabinete?

- Claro. Basta chumbares no exame que nós damos-te um daqueles gabinetes dos solicitadores na cave.

- Se eu chumbar, a culpa é sua.

- Pois é, mas não vais chumbar, pois não? -
Se conseguiu passar, eu também consigo.

pois não? - perguntou

DAS 5 ATÉ ÀS 7 da manhã, o Edifício Bendini estava vazio e calmo. Nathan Locke chegava por volta das 6, mas ia directamente para o seu gabinete e fechava a porta. Mitch dava grande apreço à solidão das primeiras horas da manhã. Vagueava pelos corredores acendendo luzes e inspeccionando o edifício. Mas não desperdiçava o seu tempo. Ditava cartas para um gravador, escrevia memorandos. Estudava para o exame.

Na manhã que se seguiu à cerimónia em honra dos advogados mortos, estando na biblioteca do primeiro andar à procura de um tratado, reparou novamente nos cinco retratos. Cinco advogados mortos em quinze anos. Era um local perigoso para se trabalhar. Aproximou-se da parede e rabis-cou os nomes e as datas das mortes num bloco de apontamentos.

Algo se moveu no corredor. No meio da escuridão, viu o Olhos Negros a observá-lo.

- O que é que está a fazer? - perguntou Locke. Mitch encarou-o e tentou sorrir.

- Bom dia. Estou a estudar para o exame da Ordem.

Locke olhou para os retratos e depois fitou Mitch.

- Ah ... Porque é que está tão interessado nos retratos?

- Apenas curiosidade. Esta firma tem tido o seu quinhão de tragédias.

- Eles estão todos mortos. Uma verdadeira tragédia será você não passar no exame. - Locke recuou e desapareceu.

Já no seu gabinete, Mitch escondeu os nomes e datas numa gaveta e abriu a sebenta de direito constitucional.

No Sábado a seguir ao exame, Mitch evitou ir ao escritório e entrar em casa e passou a manhã a cavar os canteiros do jardim, à espera. Completada a decoração da casa, esta encontrava-se agora apresentável, e, é claro, os primeiros convidados teriam que ser os pais de Abby. Ela prometeu que eles não se demorariam muito, apenas umas horas, e ele prometeu que seria o mais simpático possível.

Mitch lavara e encerara o BMW e o novo Peugeot de Abby. A relva fora aparada por um miúdo que vivia ao fundo da rua.

O pai e a mãe de Abby chegaram ao meio-dia, e Mitch abandonou com relutância os canteiros. Sorriu, saudou-os e desculpou-se dizendo que tinha de ir lavar-se. Percebeu que eles se sentiam pouco à vontade, e era mesmo isso que ele queria. Tomou um duche prolongado enquanto Abby lhes mostrava todas as peças de mobiliário e todos os

centímetros de papel de parede. Aquelas coisas impressionavam os Sutherlands. Eles impressionavam-se com pouco. Davam importância às coisas que os outros tinham ou não tinham. Ele era gerente de um pequeno banco à beira da falência há dez anos. Ela era

"fina" demais para trabalhar e passara toda a sua vida de adulta à procura de promoção social numa cidade onde ela não existia. Em conjunto, tinham encorajado incessantemente a filha desde o berço a alcançar o melhor e, mais importante ainda, a casar com o melhor. A filha rebelara-se e casara com um pobretanas sem família, excepto uma mãe maluca e um irmão misterioso que ninguém parecia conhecer.

- Que bela casa que vocês têm, Mitch - disse Mr. Sutherland, esforçando-se por melhorar o ambiente, enquanto se sentavam à mesa do almoço.

- Obrigado. - Não disse mais nada, a não ser obrigado. Concentrou-se na comida. Não faria um sorriso durante o almoço. Queria que se sentissem embaraçados, culpados, errados. Eles é que tinham decidido boicotar o casamento. Eles é que tinham atirado as pedras, e não ele.

- É tudo tão bonito - disse-lhe a mãe dela efusivamente. - Obrigado.

- Estamos tão orgulhosos, mãe - disse Abby.

- Com que então arranjaste emprego... - disse Mrs. Sutherland a Abby.

- Pois é. Vou dar aulas à terceira classe na Saint Andrew's School. - Nunca se ganhou grande coisa a ensinar - deixou escapar o pai.
- Não estou preocupada com dinheiro, pai. Eu sou professora, para mim é a profissão mais importante do Mundo.

- As crianças na terceira classe estão numa idade tão engraçada - disse a mãe.

- Não tarda nada vais querer ficar grávida.

Mitch já pensara que, se havia alguma coisa que atraísse regularmente aqueles dois a Memphis, seriam os netos. E decidira que podia esperar ainda muito tempo. Nunca lidara de perto com crianças e não sentia qualquer afinidade com elas.

- Queres ter filhos, não queres, Mitch? - perguntou Mrs. Sutherland.

- Talvez daqui a uns anos.

Mr. Sutherland acendeu um cigarro.

- Como é que correu o exame da Ordem?

°Aquilo podia ser interessante, pensou Mitch. - Foi cansativo. Abby mastigava nervosamente. - Achas que passaste?

- Espero bem que sim. -Quando é que sabes?
- Daqui a quatro ou seis semanas.

- Ele não faz mais nada a não ser estudar e trabalhar desde que nos mudámos para cá. Quase não o vi este Verão - disse Abby.

- O que é que acontece se não passares? - perguntou o pai dela. - Não sei. Ainda não pensei nisso.

Abby pressentiu perigo e começou a falar da igreja que frequentavam. Ela cantava no coro e ensinava catequese aos miúdos de oito anos ao domingo. Mitch acompanhava-a quando não ia trabalhar, mas trabalhava quase todos os domingos. Seguiu-se um silêncio desagradável.

- E se fôssemos comer a sobremesa no pátio?
- sugeriu Abby. Levantou-se e levou o bolo de morango lá para fora.

- Têm uma casa muito bonita - disse o pai pela segunda vez enquanto examinava o quintal.

Mitch percebeu que a curiosidade dele estava a tornar-se quase insuportável. Quanto teria custado a casa? Iria continuar a sondar até conseguir formular a pergunta de alguma maneira.

- Em que ano é que foi construída? - perguntou ele.

Mitch pegou num prato de sobremesa e pigarreou. Pressentia que a pergunta não tardava.

Tem cerca de cinquenta anos - respondeu.

- Fizeste uma hipoteca nova ou assumiste uma antiga? - perguntou o pai dela.

- Fiz uma nova - disse Mitch. Abby estava em expectativa, rezando. O pai dela não conseguiu esperar mais. - Quanto é que pagaste por ela?

Mitch respirou fundo e ia dizer "Um exagero", mas Abby antecipou-se-lhe.

- Não pagámos muito, pai - disse ela firmemente. - Sabemos muito bem gerir o nosso dinheiro.

Mitch conseguiu sorrir enquanto mordida a língua. Mrs Sutherland já estava em pé.

- Vamos dar um passeio até ao rio. Anda, Harold. - E puxou-o pelo braço.

- Boa ideia - disse Abby.

Entraram no BMW, resplandecente, e foram ver o rio. Mitch conduziu em silêncio e tentou ser simpático.

NnvA entrou de rompante no gabinete.

- São cinco horas. Vou-me embora. Oliver Lambert está à sua espera na biblioteca do primeiro andar.

- Oliver Lambert! À minha espera?

- Exacto. E disse que era um assunto muito importante. Mitch endireitou a gravata, desceu as escadas a correr e entrou na biblioteca com um ar despreocupado. Lambert, Avery e quase todos os sócios estavam sentados à volta da mesa de reuniões. Os colaboradores estavam de pé atrás das cadeiras dos sócios. O lugar à cabeceira da mesa encontrava-se vazio, à

espera. A sala estava em silêncio, a atmosfera era quase solene. Lamar Quin estava ali ao pé e recusou-se a olhar para ele.

- Sente-se, Mitch - disse Lambert num tom grave. - Queríamos falar consigo. Ele sentou-se e procurou algum indício que o pusesse mais à vontade. Não encontrou nenhum. Os sócios viraram as cadeiras na sua direcção. Os colaboradores rodearam-no e olharam fixamente para baixo.

- O que é que se passa? - perguntou Mitch humildemente, olhando desamparado para Avery. O seu coração batia desenfreadamente. Lambert franziu o sobrolho, como se fosse penoso o que tinha para dizer.

- Acabámos de receber uma chamada de Nashville, Mitch. O exame da Ordem dos Advogados. O exame da Ordem. Fizera-se história. Um colaborador da grande firma Bendini tinha finalmente chumbado. Olhou fixamente para Avery cheio de vontade de gritar: "A culpa é toda sua!" Lambert olhou desconfiado para os outros sócios e voltou a olhar para McDeere.

- Receávamos que isto acontecesse, Mitch.

Queria falar, explicar que merecia só mais uma hipótese, que haveria novamente um exame daí a seis meses e que ele tiraria a melhor nota, que não tornaria a embarçá-los.

- Sim - disse humildemente, completamente derrotado. Lambert preparou-se para desferir o último golpe.

- De Nashville disseram-nos que tinha obtido a nota mais alta do exame da Ordem dos Advogados. Parabéns, Sr. Doutor.

A sala explodiu com risos e vivas. Rodearam-no e deram-lhe apertos de mão. Kendall Mahan pousou três garrafas de champanhe na mesa e começou a fazer saltar as rolhas. Mitch conseguiu finalmente respirar e sorriu. Bebeu o champanhe de um trago e encheram-lhe novamente a taça. DEZ DIAS

depois, Mitch encontrava-se sentado numa mesa ao fundo de um restaurante, a três quarteirões do escritório, a comer um cachorro com chili. O

restaurante estava vazio. O dono, que era grego, estava a dormir atrás da caixa registadora.

Um desconhecido aproximou-se da sua mesa e parou a alguns centímetros. Desembrulhou um Juicy Fruit, fazendo o máximo barulho possível. Quando se tornou óbvio que ninguém reparara nele, avançou para a mesa e sentou-se. Mitch ergueu os olhos e perguntou:

- Deseja alguma coisa?

- Você é o McDeere, não é? - perguntou-lhe o desconhecido. Falava com uma acentuada pronúncia de Brooklyn. Mitch examinou-o cuidadosamente. Tinha cerca de quarenta

anos, o cabelo muito curto dos lados e, à frente, uma farripa de cabelo grisalho que lhe chegava quase às sobrancelhas. O fato era de polyester azul-marinho, a gravata era uma imitação barata de seda, mas o homem não deixava de ter bom aspecto, para além de um ar petulante.

- Sou. E quem é o senhor? - perguntou Mitch. O homem puxou de um distintivo.

- Wayne Tarrance, agente especial do FBI. - Arqueou as sobrancelhas e esperou a reacção.

- Esteja à vontade - disse Mitch.

- Obrigado. Li no jornal que você passou no exame da Ordem dos Advogados e soube que era a nova aquisição da Bendini, Lambert & Locke.

- Que interesse é que isso tem para o FBI? -
Vigiamos essa firma muito atentamente.

Mitch perdeu o interesse pelo cachorro com chili e empurrou o prato para o centro da mesa.

- E porquê?

- Nós temos as nossas razões, mas não foi para falar disso que aqui vim. Vim para o conhecer e para o avisar.

- Para me avisar?!

- Sim. Para o avisar em relação à firma. Mitch manteve uma expressão impassível. - Sou todo ouvidos.

- Três coisas. Em primeiro lugar, não confie em ninguém. Nunca se esqueça de que não há uma única pessoa naquela firma em quem se possa confiar. Vai ser importante mais

tarde. Em segundo lugar, tudo aquilo que você disser, em casa, no seu gabinete ou em qualquer outro sítio do edifício, provavelmente estará a ser gravado. Até no seu carro podem estar a ouvi-lo. Mitch ouvia atentamente e Tarrance apreciava isso.

- Em terceiro e último lugar, o dinheiro não cai do céu. - Não se importa de explicar?!

- Agora não posso. Acho que nos vamos entender os dois muito bem. Quero que confie em mim, e sei que vou ter que ganhar a sua confiança. Por isso, não quero avançar depressa demais. Não podemos encontrar-nos nem no seu escritório nem no meu, e não podemos comunicar através do telefone. Por isso, de vez em quando, encontro-me consigo. Entretanto, não se esqueça das tais três coisas e seja prudente. Tarrance levantou-se e tirou a carteira do bolso.

- Aqui tem o meu cartão. O número de minha casa está na parte de trás. Se o quiser utilizar, deverá fazê-lo de um telefone público. Mitch examinou o cartão.

- Porque havia eu de lhe telefonar?

- Durante uns tempos, não vai necessitar. Mas guarde o cartão. Mitch guardou-o no bolso da camisa.

- Outra coisa - disse Tarrance. - Vimo-lo nos funerais de Hodge e de Kozinski. Lamentável, muito lamentável mesmo. As mortes deles não foram acidentais. - Olhou para Mitch e sorriu.

- Não compreendo.

- Telefone-me um dia destes, mas tenha cuidado. Eles estão à escuta concluiu Tarrance, encaminhando-se para a porta. Às

8 DA MANHÃ do dia seguinte, Mitch entrou no gabinete de Lamar Quin.

- Precisamos de falar - disse Mitch, fechando a porta. A acreditar em Tarrance, o gabinete tinha microfones e a conversa seria gravada. Não sabia em quem acreditar.

- Parece grave - disse Lamar:

- Já ouviste falar num tipo do FBI chamado Wayne Tarrance? Lamar fechou os olhos.

- FBI - murmurou ele.

- Isso mesmo. Tinha distintivo e tudo. - Onde é que o conheceste?

- Foi ter comigo ao Lansky. Sabia quem eu era. Diz que sabe tudo sobre a firma. Que estão a vigiar-nos atentamente.

- Já contaste a Avery?

- Não. Só a ti. Não sei bem o que fazer.
Lamar pegou no telefone.

- Temos que contar a Avery.

- O que é que se passa, Lamar? - perguntou Mitch.

Lamar falou com a secretária de Avery e disse que era urgente. Passados segundos, Avery atendia.

- Temos um pequeno problema, Avery. O Mitch foi contactado por um agente do FBI.

Lamar escutou e depois disse a Mitch: - Ele vai falar a Lambert.

- Pelos vistos, a coisa é grave - disse Mitch. - É, mas não te preocupes. Há uma explicação.

Lamar aproximou mais o auscultador da orelha e ouviu as instruções, a seguir desligou.

- Querem-nos no gabinete de Lambert daqui a dez minutos. Avery Tolar, Royce McKnight, Oliver Lambert e Nathan Locke esperavam-nos. Estavam todos de pé à volta da mesa de reuniões, muito nervosos e tentando apertar calma.

- Sentem-se - disse Nathan Locke. - Contem-nos tudo.

- Certo. Eu estava a almoçar no Lansky, na Union, quando o tipo apareceu. Sabia o meu nome, mostrou-me um distintivo e disse que era Wayne Tarrance, agente especial do FBI. Contou-me que estavam a vigiar esta firma e avisou-me de que não devo confiar em ninguém. Perguntei-lhe porquê e ele respondeu que me explicaria mais tarde. Depois, disse-me que as mortes de Kozinski

e Hodge não tinham sido acidentais e foi-se embora. A conversa durou menos de cinco minutos.

O Olhos Negros olhava fixamente para Mitch, absorvendo todas as palavras.

- Já alguma vez tinha visto esse homem? -
Nunca.

- A quem mais é que contou isto?

- Só a Lamar. Conte-i-lhe logo hoje de manhã.
- Não contou à sua mulher?

- Não.

- Ele deu-lhe algum número de telefone para o contactar? - Não.

- Conte-me a conversa tintim por tintim - ordenou Locke.

- Deixe-me pensar. - Havia algumas coisas que queria manter em segredo. Sabia que Locke suspeitava de mais alguma coisa. - Ele disse que tinha visto o meu nome no jornal e sabia que eu era novato aqui. Mais nada. Foi uma conversa muito breve.

Os sócios pareciam ligeiramente menos tensos. Locke encaminhou-se para a janela.

- Mitch, há já alguns anos que temos problemas com o FBI e também com o IRS. Alguns dos nossos clientes são gente muito rica que ganha milhões e quer pagar poucos ou nenhuns impostos. Pagam-nos milhares de dólares para fugirem legalmente aos impostos. Temos a reputação de sermos muito agressivos. Alguns dos subterfúgios e cancelamentos nos livros de contas são postos em causa pelo IRS. Nem todos os nossos clientes se regem pelos mais elevados padrões de ética e têm sido investigados e perseguidos pelo FBI. E

nós também temos sido perseguidos nos últimos três anos. Tarrance esteve aqui há menos de um ano e anda à procura de caça grossa. Não pode voltar a falar com ele. A vossa conversa provavelmente foi gravada. Ele é extremamente perigoso. O jogo dele não é limpo, e você não tardará a aprender que, na maior parte, os agentes do FBI jogam sujo.

- Quantos desses clientes é que foram condenados? - Nem um sequer.

- E relativamente a Kozinski e Hodge?

-Boa pergunta-respondeu Lambert. -Não sabemos o que aconteceu. Ao princípio, parecia um acidente, mas agora já não temos a certeza. Estava um nativo da ilha a bordo com Marty e Joe. As autoridades locais suspeitam agora de que ele era um elo importante numa rede de tráfico de droga e que talvez a explosão se destinasse a ele.

- Não conte nada disto a ninguém-instruiu Locke. - Se Tarrance voltar a contactá-lo, informe-nos imediatamente.

- Com certeza.

- Não contes sequer à tua mulher - disse Avery. Mitch acenou com a cabeça. A cordialidade de avô voltou ao rosto de Lambert. Sorriu e fez girar os óculos que utilizava para ler.

- Mitch, sabemos que isto é assustador, mas já nos acostumámos. Deixe-nos tratar do assunto e confie em nós. Nós não temos medo de Mr. Tarrance, nem do FBI, nem do IRS, porque não fizemos nada de errado. Anthony Bendini criou esta firma à custa de muito trabalho, talento e respeito pela ética profissional. Não queremos que se preocupe mais com isto. Mantenha-se afastado desse tipo. Se o encorajar, ele fica mais ousado e torna-

se maçador. Locke esticou um dedo em direcção a Mitch.

- Qualquer outro contacto com Tarrance porá em perigo o seu lugar nesta firma.

- Compreendo - disse Mitch.

- É tudo por agora, Mitch - disse Lambert. - Seja prudente. Mitch e Lamar transpuseram a porta e dirigiram-se às escadas mais próximas.

- Telefona ao DeVasher - disse Locke a Lambert.

Minutos depois, já os dois sócios se encontravam sentados em frente à

secretária atulhada de DeVasher.

- Ouviste? - perguntou Locke.

- É claro que ouvi, Nat. Trataste muito bem do assunto. Acho que o rapaz ficou assustado e vai fugir do Tarrance.

- E Lazarov?

- Vou ter que lhe contar. O patrão é ele. Não podemos fingir que não aconteceu nada.

- O que é que eles farão?

- Nada de grave. Vamos vigiar o rapaz e escutar todas as suas chamadas. Não vai ser ele a dar o primeiro passo, a iniciativa partirá do Tarrance. Um dia irá

novamente ter com ele e dessa próxima vez nós estaremos lá. Acho que a coisa não é tão má como parece.

- Porque é que teriam escolhido McDeere? - perguntou Locke. - Nova estratégia, penso eu. Kozinski e Hodge foram ter com eles,

certo? Talvez lhes tenham dito mais do que imaginámos. Não sei. Talvez achem que McDeere é

o mais vulnerável, porque acabou de sair da universidade e está cheio do idealismo dos novatos. E de ética, como aqui o nosso amigo Ollie. Bom, agora sugiro que mantenham o McDeere tão ocupado que nem sequer tenha tempo para pensar no Tarrance. Digam ao Lamar Quin para se tornar amigo íntimo de McDeere, pois pode ser que ele desabafe se lhe passar alguma ideia pela cabeça.

Locke olhou para Ollie.

- Boa ideia. Vamos ter uma longa conversa com Quin. É ele quem está mais próximo de McDeere e talvez possa aproximar-se ainda mais.

- Sim, acho que tens razão. Tens falado com a mãe? - Já há algum tempo que não falo.

- Ela ainda mora na Florida? - Acho que sim.

Calaram-se e pensaram na mãe. Eram, na sua maioria, recordações tristes. Tinha havido uma época mais feliz quando eram pequenos e o pai ainda era vivo. Ela nunca se recompusera depois da morte do marido.

- Vamos falar de outra coisa - disse Ray. Mitch acenou em concordância.

- Disseste numa carta que um dos teus ex-companheiros de cela é detective particular em Memphis.

- Eddie Lomax. Foi chui em Memphis durante nove anos, até ter sido preso por violação.

- Violação?

- Sim. Passou um mau bocado aqui. Toda a gente odeia os chuis. Quase o mataram, até

que eu intervim. Já saiu há três anos. Dedicou-se principalmente a investigações relacionadas com divórcios. Para que é que precisas dele?

- A mulher de um amigo meu anda a sair com outro. O tipo é bom? - Muito bom, segundo ele próprio diz. Tem feito algum dinheiro. - Posso confiar nele?

- Estás a gozar ou quê? Diz-lhe que és meu irmão e ele é capaz de matar por tua causa. Ele vai ajudar-me a sair daqui, só que ainda não sabe. Podes falar-lhe nisso. Ambos sorriram, depois calaram-se. Esperaram que o guarda dissesse que o tempo terminara. Mitch olhou para a cicatriz na testa de Ray e pensou nos inúmeros bares e nas inúmeras brigas que tinham levado ao inevitável homicídio. Legítima defesa, chamara-lhe Ray. Durante anos, Mitch sentira vontade de amaldiçoar o irmão por ser tão burro. Agora,

sentia vontade de abraçá-lo, levá-lo para casa e ajudá-lo a arranjar um emprego.

- Tenho que me ir embora - disse Mitch.

- Faz-me um favor. Procura a mãe, só para se ter a certeza de que ainda está

viva. Agora que já acabaste a faculdade, seria simpático ires visitá-la.

- Já pensei nisso.

- Então volta a pensar, está bem? - Está bem. Até à vista, Ray. DEVASHER puxou uma fumaça do seu charuto e expeliu uma grande baforada.

- Descobrimos Ray McDeere - anunciou ele, orgulhoso.

- Onde? - perguntou Lambert.

- Na Prisão Estadual de Brushy Mountain. Foi condenado por homicídio de segundo grau em Nashville há oito anos e apanhou pelo menos quinze. Tem trinta e um anos. Não tem família. Esteve três anos no Exército.

- Como é que o descobriste?

- Recebeu uma visita ontem: a do seu irmão mais novo. - Com que então quinze anos? Quem é que ele matou?

- O costume. Uma luta entre bêbados num bar por causa de uma mulher. Mas não utilizou arma. Deu dois murros na vítima e rachou-lhe' o crânio. Parece ter uma personalidade sórdida.

- Não interessa. O que é que descobriste mais?

- Nada de relevante. Temos o rapazinho sob escuta dia e noite e não falou no Tarrance a ninguém.

Lambert acenou em sinal de aprovação. Tinha orgulho em McDeere. - E a vida sexual como é que vai?

- Nós limitamo-nos a ouvir, Ollie. Mas acho que já há duas semanas que não há nada. É preciso não esquecer que ele passa cá dezasseis horas por dia. Ela telefona muito à mãe, chamadas a cobrar no destinatário para ele não ficar a saber. Ela disse à mãe que ele ainda se matava a trabalhar. Lambert olhava para a parede, mas não disse nada.

- Ouve, Ollie, acho que devíamos mandar o rapaz com Avery à Grande Cayman em serviço. Vê lá se consegues arranjar isso.

- É fácil, mas posso saber porquê? - Agora não. Mais tarde saberás. O EDIFÍCIO situava-

se na zona de casas de renda barata no centro de Memphis. Uma tabuleta pendurada numa porta atraía a atenção para o primeiro andar, onde Eddie Lomax, detective particular, tinha um escritório. Mitch fizera uma marcação para as 5 e chegou uns minutos adiantado. Uma loura platinada cheia de curvas, com uma saia de cabedal muito justa e botas pretas a condizer, perguntou-lhe o nome e indicou-lhe uma cadeira junto à

janela. Eddie não se demorava nada. A louraça retomou o seu lugar em frente à máquina de escrever. Mitch olhou lá para fora.

Passados dois minutos, deixou de se ouvir a máquina de escrever. - O senhor é advogado?

Mitch desviou os olhos da janela e olhou para a secretária. Ela estava sentada na borda da mesa, com as pernas cruzadas e a saia preta de cabedal bem acima dos joelhos.

- Sou.

- Bem me parecia. Vi logo pelo fato, pela camisa janota de colégio particular com botões no colarinho e pela gravata de seda com cornucópias. Mitch examinou as pernas, a saia, a camisola justa e tentou pensar em qualquer coisa para dizer. Ela parecia apreciar aquele exame minucioso. Quando se fartou, apontou a porta de Eddie e disse: - Pode entrar. O Eddie está à sua espera.

Lá dentro, o detective indicou-lhe uma cadeira de madeira, e Mitch sentou-se. Eddie tinha umas botas azuis bicudas de pele de lagarto, umas Levi's, uma camisa cor de pêssego cheia de goma, aberta até aos pêlos pretos do peito, expondo dois grossos cordões de ouro.

- Com que então é o Mitchell McDeere - disse ele. - É um prazer conhecê-lo. Apertaram as

mãos por cima da secretária. - O prazer é todo meu - disse Mitch.

- Você é muito parecido com o seu irmão. Ele já me tinha dito, falou-me muito de si. Acho que também lhe deve ter falado de mim. Devo-lhe a vida. Quase me mataram na prisão quando descobriram que eu era chui.

- Ele é a única família que me resta.

- Pois é, eu sei. O Ray falava de si durante horas a fio. Quando eu saí em liberdade condicional, você estava a pensar em ingressar na faculdade de direito.

- Acabei o curso em Junho e estou a trabalhar na Bendini, Lambert & Locke. É uma firma de advogados, especializada em direito fiscal, na Front Street.

- Nunca ouvi falar. Faço muitos trabalhos relacionados com divórcios para advogados.

Vigilância, fotografias. - Falava depressa, utilizando palavras pequenas e frases curtas.

- Trabalha à hora? - perguntou Mitch.

-Trinta dólares mais despesas. Ontem à noite, passei seis horas enfiado no carro à porta de um hotel à espera que o marido da minha cliente saísse do quarto com a namorada para tirar fotografias.

A secretária loura espreitou para dentro do gabinete, disse que se ia embora e bateu com a porta.

- Tammy é uma tipa porreira - disse Eddie. - Então, qual é o seu problema?

Alguma coisa relacionada com a sua mulher?

- Não. Não é nada disso. Preciso de umas informações sobre quatro pessoas. Três já morreram.

- Parece interessante. Sou todo ouvidos.

- Parto do princípio de que é tudo confidencial. - Claro que é. Quem são essas pessoas?

- As três que morreram exerciam advocacia na nossa firma. Robert Lamm morreu em 1980 num acidente de caça nas montanhas do Arkansas. Encontraram-no com uma bala na cabeça. Alice Knauss morreu em 1976 num acidente de automóvel aqui em Memphis. Ao que parece, um condutor embriagado chocou contra ela. John Mickel suicidou-se em 1984. O seu corpo foi encontrado no gabinete juntamente com a arma e uma carta.

- Não sabe mais nada? - Não.

- O que é que procura?

- Quero obter o maior número de informações possível sobre a forma como estas

peessoas morreram. Quais as circunstâncias que rodearam cada uma das mortes? Quem é que fez as investigações? Todas as questões por responder ou suspeitas existentes.

- De que é que suspeita?

- Por enquanto, de nada. Apenas tenho curiosidade. - Não se trata só de curiosidade.

- Está bem. Não é só curiosidade. Mas, por agora, é melhor não adiantar mais nada.

- Certo. Quem é o quarto?

- Um agente do FBI aqui de Memphis chamado Wayne Tarrance. - FBI!

Cobro quarenta à hora para chuis.

- Não faz mal.

- O que é que quer saber?

- Investigue-o. Há quanto tempo é que cá está? Há quanto tempo é que é agente? Qual é a reputação que tem?
- Não é difícil.
- Quanto tempo é que isto demorará?
- Cerca de um mês. Ouça lá, qual é o nome da sua firma? Aqueles dois tipos que morreram no Verão passado ...
- Trabalhavam lá. - Algumas suspeitas? - Não.
- Era só para saber.
- Olhe, Eddie, não me fale nem para casa nem para o escritório. Eu telefonolhe mais ou menos daqui a um mês. Suspeito que estou a ser vigiado.
- Por quem?

- Quem me dera saber.

- AVERY sorriu ao olhar para a folha impressa pelo computador.

-No mês de Outubro, facturaste uma média de sessenta e uma horas por semana. Será verdade? Quantas horas por semana é que tens trabalhado?

-Entre oitenta e cinco e noventa.

-A tua mulher não fica irritada por chegares tarde?

- Mitch fitou Avery e recordou durante segundos a discussão da noite anterior, quando chegara a casa à meia-noite.

-Não precisa de se preocupar com o que se passa em minha casa - disse ele. Desde que eu aqui continue a produzir, acho que devem ficar contentes.

-Muito bem. Agora que isto está resolvido, tu e eu partimos para a Grande Cayman de amanhã a oito dias. Tenho uma reunião com alguns banqueiros da Cayman por causa de Sonny Capps e de outros três clientes. Trata-se de uma viagem de negócios, mas consegue-se sempre fazer um pouco de mergulho. Eu disse a Royce McKnight que precisava de ti e ele aprovou a viagem. Queres ir?

-Claro que quero. Quanto tempo é que lá vamos estar?

-Uns dias. Vamos para um dos apartamentos da firma. Estou a tentar arranjar o avião da empresa, mas, se calhar, vamos ter de ir num avião comercial.

-Por mim, não há problema.

- Só Dois dos passageiros a bordo do 727 da Cayman Airways em Miami estavam de

gravata, e, depois do primeiro ponche de rum oferecido pela companhia, Avery tirou a dele. O ponche foi servido por lindas hospedeiras das Caymans, morenas de olhos azuis e sorrisos graciosos. As mulheres eram fantásticas nas ilhas, disse Avery mais de uma vez.

- Mitch ia no lugar da janela e tentava esconder o entusiasmo que sentia pela sua primeira viagem ao estrangeiro. Tinha encontrado um livro sobre as ilhas Caymans na biblioteca. Eram território dependente da Grã-Bretanha, com um governo invulgarmente estável. As ilhas eram três - a Grande Cayman, a Pequena Cayman e a Cayman Brac. As duas mais pequenas eram escassamente povoadas e raramente visitadas. A Grande Cayman tinha cerca de dezoito mil habitantes, doze mil empresas registadas e trezentos bancos. Vinte por cento da população era branca, vinte por cento negra e os

outros sessenta por cento não sabiam nem se ralavam com isso.

- A Grande Cayman tinha cerca de trinta e sete quilómetros de comprimento e doze quilómetros de largúra nalguns sítios, mas vista do ar parecia muito mais pequena. Era um pequeno rochedo rodeado de água límpida cor de safira. A aterragem quase que teve lugar numa lagoa, mas no último segundo uma pequena faixa de asfalto surgiu no horizonte e apanhou o avião. Desembarcaram e passaram rapidamente pela alfândega.

-Seven Mile Beach! - ordenou Avery ao rapaz negro, que atirou as malas deles para o porta-bagagem de um Ford LTD de 1972.

-Está bem, amigo - disse o condutor arrastando as palavras, e acelerou o táxi.

- O ar tropical quente e húmido aflorou o rosto de Mitch. Era uma sensação agradável.

- A ilha era plana, e a estrada para George Town, a capital, estava repleta de pequenos e poeirentos carros europeus, motocicletas e bicicletas. As casas eram térreas, pequenas, tinham telhados de chapa metálica e estavam pintadas de cores garridas. À medida que se aproximavam da cidade, as casas iam aumentando de tamanho. A seguir a uma curva em cotovelo, ficaram subitamente no centro da cidade, atulhado de modernos edifícios de bancos.

- Avery assumiu o papel de guia turístico.

-Há bancos de toda a parte do Mundo: Alemanha, França, Grã-Bretanha, Canadá, Espanha, Japão, Dinamarca, Arábia Saudita e Israel. Eram mais de trezentos da última vez que os contei. Isto é um paraíso fiscal. Os banqueiros aqui são extremamente discretos. Os suíços ao pé deles parecem uns falabaratos.

- O táxi abrandou devido ao trânsito intenso e a brisa cessou. - Estou a ver muitos bancos canadianos - comentou Mitch.

-Aquele ali é o Royal Bank de Montreal. Vamos lá passar amanhã de manhã. Na maior parte, os nossos negócios serão com bancos canadianos.

-Alguma razão especial?

-São muito seguros e muito discretos.

- A rua cheia de trânsito descrevia uma curva e desembocava noutra. Do outro lado do cruzamento, o azul-brilhante do mar das Caraíbas prolongava-se até

ao horizonte. Estava um barco de cruzeiro ancorado na baía.

-Seven Mile Beach é uma das praias mais bonitas e mais famosas do Mundo disse Avery. - Não é?

-É, amigo.

-Vai haver um bufete cá fora hoje à noite no Palms? - Sim, amigo. Às seis horas.

-É mesmo ao lado do nosso apartamento. O Palms é um hotel muito popular cuja animação é a mais intensa aqui da praia.

Os apartamentos da firma situavam-se no centro de Seven Mile Beach. Como seria de esperar, eram espaçosos e encontravam-se ricamente decorados. Eram um refúgio para os exaustos advogados da Bendini, Lambert & Locke. E para alguns, muito raros, clientes.

Da varanda do seu quarto, situado no segundo andar, Mitch olhou para os pequenos

barcos flutuando ao sabor da maré naquelas águas reluzentes. O

ritmo cadenciado da música das Caraíbas chegava até ele vindo do Palms. Avery foi ter com ele, com uns calções às flores cor de laranja e amarelas fosforescentes. Era magro e rijo, sem sinais de flacidez. Mitch ficou impressionado.

- Já cá vim uma dúzia de vezes e ainda fico empolgado - confessou Avery. Já pensei em vir viver para cá quando me reformar. Jogar dominó e beber cerveja Red Stripe da Jamaica. Já alguma vez provaste uma Red Stripe?

- Que me lembre, não.

- Então, vamos lá beber uma.

O bar ao ar livre do Palms chamava-se Rum-heads. Estava a abarrotar de turistas e de

alguns nativos sentados em torno de uma mesa de madeira a jogar dominó. Avery embrenhou-se na multidão e voltou com duas garrafas. Encontraram um lugar junto ao jogo de dominó. Avery ficou a olhar durante uns minutos e depois disse:

- Acho que é isto que vou fazer quando me reformar. Venho para cá viver à

custa do dominó. E quando me cansar do dominó, sabe-se lá o que farei. Volto já. - Levantou-se e dirigiu-se a uma mesa no pátio onde uma rapariga com um biquini reduzido acabara de se sentar. Apresentou-se, e ela convidou a sentar-se. Mitch pediu outra Red Stripe e sentou-se a uma mesa num canto escuro do pátio. A praia à sua frente estava deserta. As luzes de uma dúzia de barcos deslocavam-se lentamente nas águas. "É agradável", pensou, "mas seria ainda mais agradável com Abby." Talvez passassem ali as férias no Verão seguinte.

Precisavam de passar tempo juntos, longe de casa e do escritório. Criara-se uma distância entre eles - distância essa que ele não sabia definir e que o assustava.

- Para onde é que está a olhar? - A voz a seu lado sobressaltou-o. Era uma rapariga nativa de pele escura e olhos cor de avelã. Uns olhos lindos, quentes e desinibidos. O cabelo escuro e encaracolado estava penteado para trás e chegava-lhe quase à cintura. Estava com a parte de cima de um biquini branco e uma saia comprida e de cores garridas, com uma racha até à cintura. Não tinha sapatos.

- Para lado nenhum - respondeu Mitch.

Ela era jovem e tinha um sorriso infantil que revelava uns dentes perfeitos.

- De onde é? - perguntou ela no inglês suave, brando, exacto e confiante das Caraíbas.

- Estados Unidos, de Memphis. Vives aqui?

- Vivo. Vivi sempre aqui. A minha mãe nasceu cá. O meu pai é de Inglaterra. Já cá não está, voltou para o sítio de onde veio.

- Queres tomar alguma coisa? - perguntou ele. - Quero. Rum com soda. Ele ficou de pé ao balcão à espera da bebida. Tinha uma sensação nervosa e palpitante no estômago. Podia deslizar na escuridão, desaparecer por entre a multidão e enfiar-se na segurança do apartamento. Podia trancar a porta e ler um livro. Um bocado maçador. Além disso, Avery muito provavelmente já lá

estava com a pequena com quem metera conversa. A rapariga era inofensiva, dizia-lhe a Red Stripe. Bebiam uns copos e depois despediam-se.

- Que idade tens? - perguntou ele. - Vinte, e chamo-me Eilene.

- Eu sou Mitch. - O seu estômago dava voltas e ele sentia-se leviano. Beberricou a cerveja apressadamente. Olhou para o relógio. Ela observava-o com um sorriso sedutor.

- És muito bonito. Pareces um atleta. És muito musculado. As coisas estavam a ir muito depressa. "Mantém a calma", disse ele para consigo, "mantém a calma." Admirou o corpo dela e tentou lembrar-se de um elogio que não fosse sugestivo. Era melhor esquecer.

- Onde é que trabalhas? - perguntou ele, tentando abordar áreas menos sensuais.

- Sou empregada numa joalheria na cidade. Onde é que estás hospedado?

- Num apartamento aqui ao lado. - Acenou na direcção do apartamento. Ele percebeu que ela queria ver o apartamento.

- Gostas da praia? - perguntou ela. - É linda.

- É mais bonita vista ao luar. - O tal sorriso novamente. - Vamos dar um passeio.

- Não sei ... devia ir-me embora. Tenho que trabalhar. Ela riu-se e agarrou-lhe na mão, e ele seguiu-a até à praia. Caminharam em silêncio até deixarem de ver o Palms e pas-sarem a ouvir a música só em surdina. A Lua estava mais brilhante, e a praia encontrava-se deserta. Ela desapertou qualquer coisa e tirou a saia, ficando apenas com o biquini muito reduzido. Enrolou a saia e colocou-a à volta do pescoço dele. Algo lhe dizia que fugisse. "Atira a saia para a areia. Foge! Foge!" E algo lhe dizia que se descontraísse. Trata-se apenas de uma brincadeira inofensiva. Se acontecer alguma coisa, diverte-te. Nunca ninguém saberá. Já acontecera uma vez quando andava na faculdade, antes de se casar, mas depois de estar noivo. Deitara as culpas ao excesso de cerveja e sobrevivera. O

tempo encarregavase de apagar tudo. A Abby nunca viria a saber.

"Foge! Foge! Foge!"

Ela chapinhou com os pés na água. - Vamos nadar um bocado.

- Bom, hum, não me está a apetecer. - Anda lá, Mitch. Eu adoro a água. - Vai tu. Eu fico aqui a ver.

Ela avançou, dando a impressão de o estar a fazer em câmara lenta, até ficar com água pelos joelhos, depois voltou-se para a praia.

- Anda lá, Mitch. A água está maravilhosa.

Lançou-lhe um sorriso radioso. Ele sabia que seria a sua última oportunidade de fugir, mas sentia-se tonto e fraco. Fugir requeria forças que sabia não conseguir reunir. Queria que ela se fosse embora. Talvez a maré se

materializasse repentinamente e a levasse para o alto mar.

- Anda lá, Mitch.

Ele tirou a camisa e avançou com dificuldade água adentro. Quando chegou junto dela, ela pôs-lhe os braços em volta do pescoço e beijaram-se. Beijaram-se novamente. Ela parou abruptamente e, sem proferir palavra, começou a caminhar em direcção à praia. Ele deu um mergulho e susteve a respiração durante uma eternidade. Quando voltou à tona, ela estava deitada de costas na areia, apoiada nos cotovelos. Ele examinou a praia e, claro, não viu ninguém. Não se avistava nenhum barco, ninguém a nadar, nada.

- Não posso fazer isto - murmurou ele de dentes cerrados. - Mas eu quero-te. Anda lá, Mitch. Nunca ninguém vai saber. Nunca ninguém vai saber. Nunca ninguém vai saber.

Avançou lenta mente na direcção da rapariga. Nunca ninguém vai saber.

O siLÊNcio era total no banco de trás do táxi que levou os advogados ao centro de George Town. Estavam atrasados. Não tinham acordado a tempo e não haviam podido tomar o pequeno-almoço. Nenhum deles se sentia bem. Avery parecia muito perturbado. Tinha os olhos vermelhos e não fizera a barba.

No Royal Bank de Montreal, Randolph Osgood, o banqueiro, um típico britânico enfadonho, cumprimentou Avery como um amigo de longa data e apresentou-se a Mitch. Foram conduzidos a um amplo gabinete no segundo andar onde eram aguardados por dois funcionários.

- Do que é que precisa exactamente, Avery? - perguntou Osgood.

- Comecemos por beber um café. Depois, preciso dos extractos dos últimos seis meses de todas as contas de Sonny Capps, AI Coscia, Dolph Hemmba, Ratzlaff Partners e do Greene Group.

Osgood estalou os dedos. Um dos funcionários saiu para ir buscar o café. O

outro tomou notas.

- Claro, Avery. Arranjamos-lhe os extractos. E que mais?

- Preciso de formar três sociedades. Duas para Sonny Capps e uma para o Greene Group. Vamos utilizar o processo normal. O banco servirá de agente registado, etc.

O funcionário voltou com o café.

- Vamos tratar dos documentos necessários - disse Osgood. - De que é que precisa mais?

- F tudo por agora.

- Muito bem. Teremos os extractos em breve. Almoça comigo? - Desculpe, Randolph. Eu e o Mitch já temos outro compromisso. Talvez amanhã.

- Talvez - respondeu Osgood. Ele e os funcionários abandonaram a sala. Avery fechou a porta, tirou o casaco e pegou numa chávena de café. - Ouve, Mitch, desculpa eu ter desaparecido ontem à noite. A sério. Embebedei-me e deixei de pensar. Mas o que fazemos fora de Memphis fica fora de Memphis. Percebeste?

- Ora, Avery. Sabe muito bem que eu nunca iria contar nada. - Eu sei. Eu sei. Osgood e um grupo de funcionários entraram na sala com folhas de computador e pilhas de documentos.

- Isto deve mantê-los ocupados durante um dia ou coisa parecida - disse Osgood. Estalou os dedos e os funcionários desapareceram. - Estou no meu gabinete, se precisarem de alguma coisa.

- Está bem, obrigado - disse Avery enquanto se debruçava sobre a primeira pilha de documentos.

Mitch tirou o casaco e aliviou o nó da gravata.

- O que é que nós viemos cá fazer exactamente? - perguntou ele. - Duas coisas. Em primeiro lugar, vamos analisar os movimentos destas contas, com especial incidência nos juros obtidos. Vamos fazer um relatório por alto de cada uma das contas. Segundo, temos de formar três companhias sob a jurisdição das Caymans. É uma tarefa razoavelmente fácil. Mitch folheou as cópias do computador. - Quem é este Hemmba?

- Um grande fazendeiro do Arkansas, um dos maiores proprietários daquele estado.
- Doze milhões de dólares? É muito algodão e rebentos de soja. - Digamos que faz outros investimentos.
- Legais ou ilegais?
- Digamos simplesmente que está a esconder do IRS vinte milhões e respectivos juros em vários bancos das Caraíbas.
- E nós estamos a ajudá-lo?
- Avery começou a examinar os movimentos. Mitch ficou à espera da resposta, mas o silêncio adensou-se, e tornou-se óbvio que não a obteria. Arregaçou as mangas e lançou-se ao trabalho.
- AO MEIO-DIA, Mitch ficou a saber qual era o compromisso de Avery. A mulher da noite

anterior estava à espera dele no apartamento para um pequeno rendez-vous. Avery sugeriu que se separassem durante umas horas e indicou um café no centro da cidade onde Mitch poderia ir passar o tempo.

- Em vez do café, Mitch foi à procura da biblioteca de George Town, a quatro quarteirões do banco. Na biblioteca encontrou uma prateleira cheia de antigos exemplares do Daily Caymanian. Examinou-os e tirou o de 26 de Junho. Colocou-o numa pequena mesa junto a uma janela que dava para a rua. Olhou de relance lá para fora, mas depois voltou a olhar com mais atenção. Estava um Chevette amarelo já velho estacionado do outro lado da rua em frente à

biblioteca. Vira o mesmo carro estacionado em frente da loja ao lado do banco.

- Mitch leu cuidadosamente o artigo do jornal sobre os dois advogados americanos e o

seu guia de mergulho, que tinham morrido num acidente misterioso no dia anterior. Fixou alguns detalhes, voltou a colocar o jornal no sítio e saiu da biblioteca.

- O Chevette continuava a vigiar. Ele passou à frente do carro e prosseguiu na direcção do banco. As ruas eram estreitas e estavam a abarrotar de turistas. Entrou rapidamente num beco, atravessou a correr as sombras escuras até à

rua seguinte e mandou parar um táxi.

- -Escola de Mergulho Abanks, Bodden Town-disse ao motorista. - Certo, amigo - respondeu o homem.

- Mitch foi sentado encolhido enquanto o táxi avançava pela zona comercial, dirigindo-se para leste, para fora da cidade.

- Segundo o jornal, o guia de mergulho morrera no acidente com o barco. Chamava-se Philip Abanks, era filho de Barry Abanks, o dono da escola de mergulho. Tinha dezanove anos. Tinham-se afogado os três com a explosão repentina do barco. Os corpos haviam sido encontrados, com o equipamento completo de mergulho, a duas milhas da costa, em águas com vinte e cinco metros de profundidade. O artigo dizia que ainda havia muitos pontos por esclarecer.

- Bodden Town era uma aldeola a vinte minutos de George Town. A escola de mergulho ficava a sul, numa área isolada da praia. O edifício principal era uma casa de dois andares com telhado de chapa. De cada um dos lados, havia uma dúzia de choupanas de telhado de colmo onde os mergulhadores dormiam. Um labirinto de passadeiras de madeira ligava as choupanas a um bar ao ar livre junto à água.

- Mitch dirigiu-se ao bar, de onde vinha o barulho de reggae e de risos. - Onde está Barry Abanks? - perguntou ao empregado de balcão. O homem fez um sinal com a cabeça em direcção ao mar. A uns oito centos metros da praia, um barco avançava lentamente em direcção à escola. Mitch bebeu uma cerveja e aguardou.

- Quando o barco atracou, um homem baixo e magro vociferou ordens aos empregados do cais. Tinha um boné de basebol branco e pouco mais. A julgar pela pele castanha e curtida, pouco mais que isso usara nos últimos cinquenta anos. Dirigiu-se ao bar, foi até ao frigorífico e tirou uma cerveja.

- O empregado de balcão disse-lhe qualquer coisa e acenou na direcção de Mitch. Abanks abriu a cerveja, deu um grande gole e foi até à mesa de Mitch. Não sorriu.

-Anda à minha procura? - Mr. Abanks?

-Sim. O que é que quer?

-Gostava de falar uns minutos consigo. Abanks engoliu a cerveja e olhou para o mar.

-Estou muito ocupado. Tenho um barco de mergulho a partir daqui a quarenta minutos.

-Chamo-me Mitch McDeere. Sou advogado em Memphis. Abanks olhou-o fixamente com os seus minúsculos olhos castanhos. - E daí?

-Os dois homens que morreram com o seu filho eram meus amigos. Abanks sentou-se num banco.

-Esse assunto não é dos meus preferidos. - Eu sei. Desculpe.

-O que é que quer saber? - perguntou ele em voz baixa. - Não podemos falar noutra sítio qualquer?

-Claro. Vamos dar um passeio. - Deu um grito ao empregado e falou com uns mergulhadores sentados a uma mesa. Depois, foram dar um passeio pela praia.

-Gostava de lhe fazer algumas perguntas sobre o acidente - disse Mitch.

-Pode fazê-las, mas eu também posso não responder. - O que é que provocou a explosão?

- Não sei. Talvez um compressor de ar. Talvez o combustível. A maior parte das pistas desapareceu com as chamas.

- Onde é que os corpos foram encontrados?

- A vinte e cinco metros de profundidade. Não havia nada de suspeito nos corpos, a não ser não apresentarem queimaduras nem quaisquer outros ferimentos que indicassem que tinham sido vítimas da explosão.

- As autópsias revelaram que se tinham afogado.
- Sim, afogaram-se. Mas os seus amigos estavam com o equipamento completo de mergulho, que foi mais tarde examinado por um dos meus instrutores. Estava tudo em perfeitas condições e eles eram bons mergulhadores.
- E o seu filho?
- Não estava com o equipamento completo, mas nadava como um peixe.
- Onde é que se deu a explosão?
- O barco foi encontrado em chamas a duas milhas da costa, muito afastado de todos os nossos locais de mergulho.
- O barco pode ter andado à deriva?

- Impossível. Nunca teria derivado duas milhas naquelas águas. E os corpos não estavam no barco, não se esqueça. Suponhamos que o barco derivou ... Como é que se explica que os corpos, a vinte e cinco metros de profundidade, tivessem derivado do mesmo modo? Foram encontrados muito perto do barco.

- Eu sei que é difícil falar disto.

Abanks acabou a cerveja e atirou a garrafa para uma caixa de madeira.

- Pois é. Porque é que está tão interessado no assunto? - As famílias estão cheias de dúvidas.

- Lamento o que lhes aconteceu. Eram boas pessoas.

- É possível que estivessem apenas a explorar novo território quando ocorreu o acidente?

- É possível, mas não é provável. O meu filho era o melhor capitão desta ilha. Nunca deixaria de comunicar as suas manobras no mar.

- Terá sido um acidente? - Acho que não.

Deram a volta e regressaram na direcção da escola. A conversa tinha terminado.

- Vou pedir-lhe um favor - disse Abanks. - Não conte nada disto às famílias. Eu não posso provar o que sei ser a verdade, por isso é melhor que ninguém saiba. Principalmente as famílias.

- Não vou contar a ninguém. E vou pedir-lhe que nunca mencione esta nossa conversa. Alguém pode ter-me seguido até aqui e pode vir fazer-lhe perguntas sobre a minha visita. Diga que estivemos simplesmente a falar de mergulho.

- Como queira.

- A minha mulher e eu vimos cá passar férias na Primavera. Pode ter a certeza de que venho ter consigo.

- ESTOU muito ocupado - disse Oliver Lambert ao sentar-se no gabinete de DeVasher. - O que é que tens assim de tão importante para me dizer?

DeVasher sorriu de esguelha maliciosamente e, com uma expressão de orgulho, atirou um grande envelope de papel pardo por cima da secretária para o colo de Lambert.

- Dos melhores trabalhos que jamais fizemos.

Lambert abriu o envelope e olhou embasbacado para as fotografias quinze por vinte a preto e branco.

- São incríveis.

- Pois é. Também achámos.

- Quem é a rapariga? - perguntou Lambert sem desviar os olhos. - Uma prostituta nativa. Não tem nada mau aspecto, pois não? - Onde estavam os teus homens?

--Um pouco por todo o lado. Essas foram tiradas por detrás de uma palmeira, a uns vinte e cinco metros de distância.

Lambert levantou bem alto uma das fotografias, colocando-a em frente aos olhos.

- Fizeste-me uma cópia? - perguntou por detrás da fotografia. É claro, Ollie. Sei como gostas destas coisas.

- Pensei que o McDeere fosse mais forte.

- É forte, mas é humano. E também não é burro nenhum. Não temos a certeza, mas achamos que percebeu que o estávamos a

vigiar no dia seguinte à hora do almoço. Desapareceu e chegou uma hora atrasado ao encontro com Avery no banco.

- Onde é que teria ido?

- Não sabemos. Até pode ter estado num bar.

- Vigiem-no cuidadosamente. Ele preocupa-me. DeVasher acenou-lhe com outro envelope de papel pardo.

- Deixa-te de preocupações, Ollie. Ele agora está nas nossas mãos! - E o Tarrance?

Nem sinal. O McDeere não falou nele a ninguém.

- Mantenham os olhos bem abertos. Como é que vão as coisas lá em casa dele?

- Não vão muito bem. É óbvio que o nosso rapaz e os pais dela não morrem de amores, e isso preocupa-a muito. Ela quer ir passar o

Natal ao Kentucky e receia não conseguir convencê-lo a ir. Tem havido muita fricção. Ela diz à

mãe que ele trabalha muito, e a mãe responde-lhe que é porque quer impressioná-los. Não me agrada nada, é mau sinal.

- Continua à escuta - disse Oliver Lambert, e retirou-se. DeVasher trancou as fotografias num armário-ficheiro. "Mitchell McDeere", disse para consigo com um enorme sorriso, "agora estás nas nossas mãos." O PARQUE era pequeno e situava-se numa elevação íngreme acima do rio. Mitch encontrava-se de pé, ao lado da estátua de um general e do seu cavalo, a olhar para o rio e para as pontes que levavam ao Arkansas. Apertou a gabardina e levantou a gola, protegendo as orelhas. Estava escuro e muito frio.

Quase que conseguia avistar o Edifício Bendini, a seis quarteirões dali. Tinha deixado o carro estacionado numa garagem no centro da cidade e apanhara um táxi de regresso à zona ribeirinha. Tinha a certeza de que não fora seguido. Esperou.

Ouviu passos e depois viu um vulto a aproximar-se.

- Mitch? - Era Eddie Lomax, de jeans, um casaco comprido de pele de coelho e um chapéu de cowboy branco.

- Sim, sou eu. Foste seguido? - Não, acho que não. E tu? - Não. Lomax enfiou as mãos nos bolsos.

- Tens falado com o Ray ultimamente? - perguntou ele.

- Não. - A resposta foi curta, como que querendo indicar que ele não estava

propriamente ali ao frio para falar de trivialidades.

- O que é que descobriste? - perguntou Mitch. Lomax acendeu um cigarro.

- Sobre os três advogados, não descobri lá grande coisa. O relatório policial diz que o acidente de Alice Knauss foi causado por um condutor embriagado, mas, por estranho que pareça, esse condutor nunca foi apanhado. Ela trabalhara até tarde e ia a caminho de casa. A cerca de quilómetro e meio do seu apartamento, choca de frente com uma carrinha aberta grande. Não houve testemunhas. Quando os chuis lá chegaram, a carrinha estava vazia. Através da matrícula, descobriram que fora roubada em St. Louis três dias antes. Não encontraram impressões digitais nem qualquer outra coisa. Havia uma garrafa de whisky no chão, por isso acharam que o condutor estava embriagado e arquivaram o processo.

- Parece-me suspeito.

- Suspeito e não é pouco. Aliás, são os três suspeitos. Robert Lamm era caçador de veados no Arkansas. Ia com uns amigos para os montes Ozarks duas ou três vezes por ano durante a época da caça. Depois de passarem uma manhã na mata, todos eles voltaram para a cabana menos o Lamm. Fizeram-se buscas durante semanas a fio e acabaram por encontrá-lo numa ravina parcialmente coberto de folhas. Tinha levado um tiro na cabeça, e não se sabe mais nada. Puseram de parte a hipótese de suicídio.

- Então, foi assassinado?

- Aparentemente. Podia ter apanhado com uma bala destinada a um veado, mas os amigos disseram que não viram nem ouviram outros caçadores na manhã em que ele desapareceu. O xerife está convencido de que foi

assassínio. Mas não há provas para abrir um inquérito.

- E o Mickel?

- Uma história muito triste. Suicidou-se em 1984, com trinta e quatro anos. Deu um tiro na têmpora direita. Deixou uma longa carta de despedida na qual dizia à ex-mulher que esperava que ela o perdoasse. Muito comovente.

- O que é que há de suspeito nisso?

- A arma. Ele nunca comprou uma arma na vida. Ninguém sabe de onde é

que ela veio. Não estava registada, não tinha número de série, nada. O Mickel tinha alegadamente dito a um amigo que comprara uma arma para se proteger. É óbvio que estava a ter problemas emocionais.

- O que é que achas?

Lomax atirou a beata para o passeio.

- Não sei. Se um tipo daqueles quisesse uma arma, teria pura e simplesmente ido a um armeiro e comprado uma pistola nova e reluzente. A arma utilizada tinha pelo menos dez anos e fora limpa por profissionais.

- Então, o que é que pensas da nossa firmazita? - perguntou-lhe Mitch.

- É um sítio perigoso para se trabalhar. Perderam cinco advogados nos últimos quinze anos. Não é uma estatística que inspire muita segurança.

- Cinco?

- Se incluirmos Hodge e Kozinski. Soube de fonte segura que ainda há

alguns pontos por esclarecer.

- Não te contratei para investigares esses dois casos.

- E eu não tos vou cobrar. Só que fiquei curioso. Estás com problemas, não estás, pá? Desconfio que sabes muito mais do que me contas. Estamos aqui ao frio porque não queres encontrar-te comigo nem no teu escritório nem no meu e não podemos falar pelo telefone. Há cinco advogados naquela firma que morreram em circunstâncias muito suspeitas, e tu estás a agir como se pudesses vir a ser o próximo. Pois é, cá para mim estás com problemas. Grandes problemas mesmo.

- E o Tarrance?

- É dos melhores agentes do FBI; veio transferido de Nova Iorque para cá há

cerca de um ano. De quem é que andas a fugir? - perguntou Lomax.

- Quem me dera saber.

Lomax examinou-lhe o rosto cuidadosamente. - Acho que sabes. Mitch não disse nada.

- Ouve, Mitch, tu precisas de um amigo. Eu era capaz de me atirar ao rio pelo Ray McDeere e posso muito bem ajudar o seu irmão mais novo. Mitch fez um ligeiro aceno de cabeça, mas não disse nada. Lomax acendeu outro cigarro.

- Contacta-me sempre que precisares e tem cuidado contigo. Eles andam à

solta e não são para brincadeiras.

MITCH e Abby entraram no Bombay Bicycle Club, um bar de solitários com boa comida e blues ao vivo. Mitch olhou para o chefe de mesa, depois examinou as duas salas de

jantar e apontou para uma mesa a um dos cantos ao fundo.

- Ali - disse ele.

Mitch sentou-se de costas para a parede e de frente para a porta de entrada. O

canto estava escuro. Pediram vinho.

Telefonara a Abby à tarde a perguntar se podia encontrar-se com ele às 7. Ela perguntara porquê e ele respondera que lhe explicaria depois. - A que é que se deve isto? - perguntou ela agora.

- É preciso uma razão para jantar fora com a minha mulher?

- É. São sete da tarde de segunda-feira e tu não estás no escritório. É sem dúvida uma ocasião especial.

- Lembras-te de Rick Acklin, da Westem Kentucky? - Não - respondeu ela.

- Jogava basebol, vivia no dormitório. Um tipo com bom aspecto, bom aluno. Não éramos amigos, mas conhecíamos-nos.

Ela abanou a cabeça e esperou.

- Bom, ele agora trabalha no FBI, aqui em Memphis. - Ele observou-a para ver se FBI tinha algum impacte. Não teve. - E hoje estava eu a almoçar no Obloe, um sítio de cachorros quentes, quando Rick apareceu, caído do céu, e me disse olá. Outro agente do FBI, um tipo chamado Tarrance, apareceu também inesperadamente e sentou-se à mesa. É a segunda vez que o Tarrance me contacta desde que passei o exame da Ordem.

- E são agentes do FBI? O que é que eles querem? O vinho chegou, e Mitch olhou em volta.

- Não sei. - Bebeu um gole do vinho e contou detalhadamente o seu primeiro encontro com Tarrance, o aviso contra certas pessoas em quem não devia confiar, os locais onde não devia falar, a reunião com Locke, Lambert e os outros sócios. Explicou a versão deles dos motivos que levavam o FBI a interessar-se pela firma e disse que conversara com Lamar e que acreditara em tudo o que Locke e Lambert haviam dito.

Abby absorveu tudo, mas aguardou antes de começar a fazer perguntas.

-E então hoje, o tal Acklin, meu colega da faculdade, aparece e diz-me que o FBI tem a certeza de que os meus telefones estão sob escuta, a minha casa está

cheia de microfones e que alguém na Bendini, Lambert & Locke sabe sempre quando é que espirro ou vou à casa de banho.

- Mas o que é que eles querem?

- Não dizem. Mas escolheram-me a mim por alguma razão. - Contaste esse encontro ao Lamar?

- Não. Não contei a ninguém, a não ser a ti. E não tenciono fazê-lo. Ela saboreou o vinho.

- Os nossos telefones estão sob escuta?

- Segundo o FBI, estão. Eu não sei. Quero acreditar em Locke e Lambert, mas há muita coisa que não bate certo. Vejamos a coisa assim: se a firma tivesse um cliente duvidoso, digno de ser investigado pelo FBI, porque é que o FBI me escolheria a mim, o novato, aquele que menos sabe, e começaria a

seguirme? Porque não abordarem um dos sócios?

- Já testemunhaste algum negócio ilegal? O vinho estava a surtir efeito.

- Eu não devia responder a essa pergunta, nem mesmo a ti, Abby. Mas a resposta é não. Talvez uma ou duas fugas aos impostos. Tenho algumas dúvidas sobre os extractos de contas que vi nas Caymans, mas nada de muito grave.

O empregado vagueou ali por perto e olhou para as ementas. - Mais vinho - pediu Mitch, apontando para os copos. Abby inclinou-se para a frente e perguntou:

- Muito bem, quem é que pôs os nossos telefones sob escuta?

- No primeiro encontro, em Agosto, o Tarrance disse-me para não confiar em

ninguém da firma e que tudo o que eu dizia podia estar a ser ouvido e gravado. Parti do princípio de que queria dizer que era a firma que estava a fazê-lo.

- E o que é que Mr. Locke disse a esse respeito? - Nada. Eu não lhe contei, omiti algumas coisas.

-Acreditas nisso, Mitch? Porque é que uma firma de advogados iria fazer isso?

- Acho que se passa alguma coisa. A história não acaba aqui. Abby olhou para ele com uma expressão de medo. Ele contou-lhe a história de Hodge e de Kozinski, começando pelo que Tarrance lhe dissera e passando depois às Caymans: o ter sido seguido e o encontro com Abanks. Contou-lhe tudo o que Abanks dissera. Depois falou-lhe de Eddie Lomax e das mortes de Alice Knauss, de Robert Lamm e de John Mickel.

- Porque é que só agora é que estás a contar-me tudo isso? - perguntou ela quando Mitch terminou.

- Tinha esperanças de que a coisa passasse. Tinha esperanças de que Tarrance me deixasse em paz, mas Acklin veio transferido para Memphis para se dedicar a mim. Fui seleccionado pelo FBI para uma missão da qual nada sei.

- Sinto-me fraca.

- Temos que ter cuidado, Abby. Temos que continuar a viver como se não suspeitássemos de nada.

- Isto não pode estar a acontecer, Mitch. Queres que eu viva numa casa cheia de microfones; onde alguém está a ouvir tudo o que dizemos? - Tens alguma ideia melhor?

- Tenho. Porque é que não contratamos esse tal Lomax para revistar a nossa casa?

- Já pensei nisso. Mas, e se ele estraga algum dispositivo que lá foi posto?

Eles, sejam lá quem forem, ficariam a saber que nós sabemos. É demasiado perigoso, pelo menos por agora. Talvez daqui a uns tempos.

- Isto é uma loucura, Mitch. Quando quisermos conversar, temos de ir para o pátio das traseiras, não?

- É claro que não. Podemos ir para o da frente.

- Neste momento, não estou em condições de apreciar o teu sentido de humor.

- Desculpa. Ouve, Abby, temos de ter paciência por uns tempos. Tarrance convenceu-me

de que está determinado e eu não posso detê-lo. É ele que vem ter comigo, não te esqueças. Por enquanto, é importante agirmos normalmente.

- Normalmente? Pensando bem, não tem havido muitas conversas lá por casa ultimamente. Quase que chego a ter pena deles se pretendem ouvir alguma coisa de interessante. -Falo muito com o Hearsay.

NO DIA DE NATAL, de manhã bem cedo, Abby telefonou aos pais a dizer que ia, mas que ia sozinha. Eles disseram que ficavam desapontados e sugeriram que ela talvez devesse ficar em casa para não criar problemas. Ela insistiu. Era uma viagem de dez horas. O trânsito não devia ser muito e ela chegaria ao fim da tarde.

Mitch, sentado ao lado da árvore, fingia estar concentrado a ler o jornal enquanto ela punha a bagagem no carro. O cão estava

escondido ali perto, debaixo de uma cadeira. Tinham aberto os presentes e haviam-nos disposto no sofá. Roupa, perfumes e álbuns, e para ela um casaco de raposa comprido. Pela primeira vez na curta vida do casal, tinha havido dinheiro para gastar no Natal.

- Vou-me embora - disse Abby em voz baixa, mas firme. Ele levantou-se lentamente e fitou-a. - Gostava que viesses comigo - acrescentou ela. Ele pura e simplesmente não conseguia ir.

- Talvez para o ano - disse. Era mentira, e ambos o sabiam. Mas caía bem, era encorajador. - Vai com cuidado, por favor.

Ele agarrou-lhe nos ombros e deu-lhe um beijo. Ela era linda, ainda mais bonita aos vinte e quatro anos do que quando se tinham casado. Saíram lá para fora, e ele ajudou-a a entrar no carro. Voltaram a beijar-se, e ela fez marcha atrás.

"Feliz Natal", disse Mitch para si próprio. Depois de passar uma hora a olhar para as paredes, atirou duas mudas de roupa para dentro do BMW, colocou Hearsay no banco da frente e saiu da cidade. Dirigiu-se para sul, para o Mississípi. A estrada encontrava-se deserta, mas ele não tirava os olhos do retrovisor. O cão gania exactamente de hora a hora, e Mitch parava na berma - se possível, no topo de uma colina. Procurava umas árvores onde pudesse esconder-se a observar o trânsito enquanto Hearsay fazia as suas necessidades. Após cinco paragens, teve a certeza de que não estava a ser seguido. Era óbvio que tinham tirado folga no dia de Natal.

Pôs-se em Mobile em seis horas, e duas horas depois atravessava a baía em Pensacola, rumando para a Costa Esmeralda, na Florida. A Auto-Estrada n.<> 98 passava pelas cidades costeiras de Navarre, Fort Walton Beach, Destin e Sandestin. Ao lusco-fusco, passou por uma elevação onde uma placa

indicava que Panama City Beach ficava a treze quilómetros. A auto-estrada bifurcava e ele escolheu a marginal chamada Miracle Strip - vinte e cinco quilómetros de apartamentos, hotéis baratos, parques de campismo, casas de férias, pequenos restaurantes e lojas de T-shirts.

Em Panama Beach, a maior parte dos milhares de apartamentos encontravam-se vazios, mas havia alguns carros estacionados, e Mitch supôs que algumas famílias passavam o Natal na praia. Um Natal cheio de calor. "Pelo menos estão todos juntos", disse para com os seus botões. Hearsay olhou lá para fora e pôs-se a apreciar a vista.

Mitch parou numa bomba de serviço permanente para meter gasolina.

- Onde fica a San Luis Street? - perguntou ele.

- É muito fácil - disse o empregado. - Vire à direita nos segundos semáforos. O bairro era um subúrbio desorganizado de velhas caravanas, mas era evidente que não saíam dali há décadas. Viam-se motocicletas e bicicletas encostadas aos reboques e cabos de máquinas de cortar relva saindo de debaixo das caravanas. Era um bairro de lata sobre rodas. Encontrou a San Luis Street e sentiu-se repentinamente nervoso. O n .O 486

era uma das caravanas mais velhas e pequenas, pouco maior que uma tenda. A tinta original estava a descascar. Uma das janelas por cima do reboque estava muito rachada e colada com fita isoladora cinzenta. Na única entrada que havia, a porta antitempestades encontrava-se aberta, e Mitch viu a silhueta de um homem a passar.

Não era isto que ele queria. Por opção, nunca conhecera o segundo marido da mãe, e agora

não era altura para o fazer. Seguiu caminho, desejando não ter lá

ido.

Na Miracle Strip, encontrou a familiar tabuleta de um Holiday Inn. Estava vazio, mas aberto. Estacionou o BMW de modo a não ser visto da estrada e fez a reserva em nome de Eddie Lomax, de Danesboro, no Kentucky. Pagou em dinheiro um quarto individual com vista para o mar. Uma vez lá dentro, deitou-se na cama e adormeceu.

NA LISTA telefónica de Panama City Beach vinham três creperias, todas elas na Miracle Strip. Ligou para o primeiro número. Azar. Ligou o segundo e voltou a perguntar por Ida Ainsworth. Disseram-lhe para aguardar um momento, e ele desligou. Eram 11 da noite. Dormira duas horas. A creperia era um pequeno edifício em forma de caixote com uma dúzia de mesas. Uma das paredes

estava forrada de enormes janelas espelhadas para que os clientes pudessem ver a marginal à distância enquanto saboreavam os crepes com nozes e bacon. O pequeno parque de estacionamento encontravase quase repleto, e Mitch estacionou num lugar vazio junto às janelas. Chegou-se para a frente e examinou os clientes que estavam lá dentro. No canto, junto à máquina dos cigarros, havia uma mesa de turistas gordos com camisas compridas, pernas brancas e meias pretas que estavam a beber café e a falar todos ao mesmo tempo enquanto olhavam para

a ementa. O líder, um homem com a camisa desabotoada e um boné de uma equipe de basebol, olhou várias vezes para o grelhados a ver se via uma empregada.

Ela surgiu não se sabe de onde e parou junto à mesa, com a caneta e o bloco na mão. O líder disse uma piada e todos os gordos

desataram a rir. Ela não sorriu, limitou-se a continuar a assentar. Tinha um ar frágil e estava muito mais magra. A farda preta e branca aconchegava-lhe o corpo e apertava-lhe o peito pequeno. O cabelo grisalho estava apanhado atrás e escondido por baixo do boné da farda. Tinha cinquenta e um anos, e à distância aparentava a idade que tinha. Podia ser pior. Parecia atenta. Quando terminou de anotar o pedido, tirou as ementas das mãos dos clientes, disse uma amabilidade e quase sorriu. Mitch descontraíu-se e seguiu os movimentos dela: serviu um café a um homem sentado sozinho a uma mesa, ele disse qualquer coisa e ela sorriu. Um sorriso maravilhoso e gracioso. Um sorriso que Mitch vira milhares de vezes na escuridão enquanto olhava para o tecto. O sorriso da sua mãe. Era quase meia-noite do dia de Natal. "Não, agora não", disse Mitch com os seus botões.

AO ROMPER da aurora, vestiu uns jeans e uma sweatshirt e levou Hearsay a dar um passeio pela praia. O cão correu corajosamente para o mar, recuando depois, furioso, quando uma onda de espuma branca se aproximou. Percorridos uns três quilômetros, chegaram a um pontão que entrava cerca de sessenta metros pelo mar dentro. Mitch foi até à extremidade deste, encostouse ao corrimão e observou o mar. Ao olhar para sudeste, pensou nas Caymans e em Abanks. E, por instantes, na rapariga; depois, ela desvaneceu-se. Voltaria às ilhas em Março para passar férias com a mulher. Iria fazer mergulho e amizade com Abanks. Beberiam umas cervejas no bar dele e falaria de Hodge e Kozinski. Havia de seguir quem quer que o seguisse. Agora que Abby era sua cúmplice, ela ajudá-lo-ia. EDDIE Lomax, detective particular, estacionou cuidadosamente o seu Lincoln Town Car num motel em Memphis Sul. Pegou numa

máquina fotográfica, p slhe um rolo e encaixou o flash. Não reparou na carrinha castanha estacionada uns dez metros atrás dele. Um homem de camisola de gola alta preta e luvas pretas abriu a porta da carrinha devagar e silenciosamente. Esperou até o parque deixar de ter movimento, saltou da carrinha, escancarou a porta de tr s do lado esquerdo do Lincoln e disparou tr s tiros na nuca de Eddie. Os tiros, abafados por um silenciador, não se ouviram fora do carro.

Eddie caiu para cima do volante, morto. A carrinha afastou-se rapidamente, levando o assassino.

Após três dias sem factura o, sem produtividade, de exílio do seu santuário, de peru, fiambre e molho de groselha e de brinquedos novos para montar, os descansados e rejuvenescidos advogados da Bendini, Lambert & Locke regressaram   fortaleza na Front Street cheios de vigor. O parque de

estacionamento já se encontrava repleto às 7.30. Beberam café aos litros, resmungaram furiosamente para os ditafones, berraram ordens às secretárias, aos funcionários e aos solicitadores. Oliver Lambert vagueou pelos corredores, sorrindo e ouvindo os barulhos da riqueza facturada à hora. Ao meio-dia, Lamar entrou no gabinete de Mitch e inclinou-se sobre a secretária. Mitch estava embrenhado num negócio de petróleo e gás na Indonésia.

- Vamos almoçar? - perguntou-lhe Lamar. - Não, obrigado. Estou atrasado.

- E não estamos todos? - Lamar inclinou-se ainda mais, como se quisesse partilhar uma novidade extraordinária. - Sabes que dia é hoje? Mitch olhou para o relógio.

- Dia 28.

- Pois é. E sabes o que é que acontece no dia 28 de Dezembro todos os anos?

- Desisto. O que é?

- Neste preciso momento, os sócios estão todos reunidos na sala de jantar a comer pato assado e a beber vinho francês.

- Vinho ao almoço?

- Sim. É um dia especial. Depois de terem comido durante uma hora, Lambert vai distribuir o relatório financeiro deste ano. Tem os nomes de todos os sócios e ao lado o que facturaram durante o ano. Na segunda página, vem um relatório dos lucros líquidos, deduzidas as despesas. A seguir, com base na produtividade, dividem o bolo!

Mitch ouvia com muita atenção. - E?

- E no ano passado a fatia foi em média de trezentos e trinta mil. E, é claro, todos os anos sobe.

- Trezentos e trinta mil - repetiu Mitch devagar.

- Sim. E é só a média. Locke vai aproximar-se do milhão. Victor Milligan vem logo a seguir.

- E nós?

- Nós também vamos ganhar algum. No ano passado, andou à volta dos nove mil. Depende do tempo de casa e do que se produz.

Podemos lá ir ver?

- Não venderiam um bilhete nem sequer ao presidente dos Estados Unidos. O BAR do

Ernie situava-se bem perto do aeroporto. Mitch descobriu-o à

terceira tentativa e estacionou entre duas autocaravanas com tracção às quatro rodas. Eram quase 11 horas.

Olhou novamente para o bilhete para se certificar.

Caro Mr. McDeere

Por favor, venha ter comigo ao Bar do Emie, em Winchester, hoje à noite bem tarde. É sobre Eddie Lomax. Muito importante. Tammy Hemphill, a secretária.

O bilhete estava pendurado na porta da cozinha quando ele chegara a casa. Lembrava-se dela da única vez que fora ao escritório de Eddie, em Novembro. Lembrava-se da saia de cabedal justa e do cabelo pintado. Entrou disfarçadamente no bar. O lado esquerdo da

sala era preenchido por mesas de bilhar e à direita havia um balcão comprido cheio de gente. Ninguém pareceu dar pela sua presença.

- Uma imperial - pediu ele ao empregado do bar.

Tammy chegou antes da cerveja. Tinha estado sentada à espera num banco cheio de gente junto às mesas de bilhar. Trazia uns jeans justos, uma camisa de ganga desbotada e sapatos de salto alto encarnados.

- Obrigada por ter vindo - disse ela junto ao rosto dele. - Estou à sua espera há

quatro horas. Não consegui pensar noutra modo de me encontrar consigo. Mitch fez um aceno de cabeça e sorriu.

- O que é que aconteceu? - perguntou ele.

- Preciso de falar consigo. Será que podemos dar uma volta de carro por aí?

- É claro, mas não no meu. Pode não ser lá muito boa ideia. - Eu tenho carro. É velho, mas acho que serve.

Mitch pagou a cerveja e seguiu-a. Ela abriu a porta de um Volkswagen já

muito velho, e Mitch enfiou-se a custo no lugar do passageiro. Ela carregou cinco vezes no acelerador e rodou a chave. Mitch susteve a respiração até o carro pegar.

Tammy seguiu em direcção ao aeroporto. Segurava com força o volante.

- Qual é a sua ideia? - perguntou Mitch. - Bom, soube o que aconteceu ao Eddie? - Soube.

- Eu e o Eddie, bom, éramos muito amigos. Percebe? Ele contava-me coisas que acho que não deveria contar. Disse-me que uns advogados da sua firma tinham morrido em circunstâncias duvidosas. E que

você estava convencido de que andava a ser seguido e de que escutavam as suas conversas. Isso é muito esquisito num escritório de advogados. "Lá se foi a confidencialidade", pensou Mitch.

- Lá esquisito é.

- E depois de ter acabado o que andava a fazer para si, um dia disse-me que achava que estava a ser seguido. Isto passou-se três dias antes do Natal. Perguntei-lhe quem é que andava a segui-lo e ele respondeu que não sabia, mas que provavelmente eram as mesmas pessoas que o seguiam a si.

- Quem mais é que havia de o seguir? - perguntou Mitch. - Ninguém. Ele era um bom detective que não deixava rasto. - Então, quem é que o matou?

- Quem andava a segui-lo. No jornal noticiaram a coisa como se ele andasse a bisbilhotar a vida de um ricoço qualquer e este tivesse mandado matá-lo. Não é verdade. Bom, seja como for, estou assustada, porque as pessoas que o mataram podem pensar que eu sei alguma coisa. Não vou ao escritório desde o dia em que ele morreu e não tenciono lá voltar.

- Se fosse a si, não voltava mesmo. Como é que o mataram?

- Três tiros na nuca, de muito perto, com uma pistola de calibre .22 Um trabalho perfeito de profissional.

- Não há nenhuns papéis no escritório relacionados comigo?

- Duvido. Nunca vi nada escrito. Ele disse que você queria assim. - É verdade

- disse Mitch, aliviado.

- Estou francamente assustada, Mitch. Acho que o mataram por causa do trabalho que ele fez para si. O que é que acha?

- Eu não me arriscaria.

- Talvez seja melhor eu desaparecer por uns tempos. - Para onde é que vai?

- Litfe Rock, St. Louis, Nashville ... - As palavras dela foram deixando de se ouvir.

Mitch reparou numa pequena lágrima no rosto dela. Não era feia, mas os anos começavam a manifestar-se. As linhas do rosto eram acentuadas, e se não fosse o

cabelo pintado e a maquilhagem exagerada, ela devia ser atraente para a idade. Cerca de quarenta, imaginou ele.

- Creio que estamos os dois no mesmo barco, não acha? - perguntou ela. - Isto é, eles andam atrás de nós dois. Mataram aqueles advogados todos e agora o Eddie, e nós devemos ser os próximos. "Não te controles, querida, deita tudo cá para fora."

- Ouça, temos que nos manter em contacto. Não me pode telefonar e não podemos ser vistos juntos. A minha mulher está a par de tudo e vou contar-lhe este nosso encontro. Não se preocupe com ela. Escreva-me uma vez por semana a dizer onde está. Como é que se chama a sua mãe? - Doris.

- Ótimo. Vai ser esse o seu nome de código. Assine Doris em tudo o que me escrever.

- Eles também lêem o seu correio?

- É muito provável, Doris, muito provável.

Às 5 DA TARDE, Mitch apagou a luz do gabinete, agarrou na pasta e na mala e parou junto à secretária de Nina. Ela abriu uma gaveta para tirar um envelope.

- Esta é a sua reserva no Capital Hilton.

- Até segunda-feira. - Subiu as escadas até ao gabinete de Avery. - Tens um grande sentido de oportunidade, McDeere. Enorme - disse Avéry. - Estou dois meses atrasado, e agora decides ir quatro dias a Washington a um seminário sobre direito fiscal. Levas os processos contigo?

- É claro, Avery. Assisto por dia a oito horas de conferências sobre direito fiscal para ficar a par das últimas revisões fiscais impostas pelo Congresso e facturo cinco horas nos tempos livres.

- Seis, se puderes. Estamos atrasados, Mitch.

As inscrições começaram às 8 à porta do Century Room, no piso intermédio do Capital Hilton. Mitch chegou cedo, inscreveu-se, agarrou na pesada pasta com documentos com o seu nome gravado na capa e entrou. Sentou-se no centro da grande sala.

A sala encheu-se lentamente de advogados de todo o país. Poucos minutos antes das 9, um advogado jovem, com bom aspecto, sentou-se à esquerda de Mitch. Quando a sala estava repleta, o moderador deu as boas-vindas a todos e apresentou o primeiro orador. O congressista fulano de tal, do Oregon. Quando este subia para o estrado, o advogado à esquerda de Mitch virou-se para ele e estendeu-lhe a mão.

- Olá, Mitch - sussurrou ele. - Chamo-me Grant Harbison, FBI. - Entregou-lhe um envelope branco.

O congressista iniciou o seu discurso com uma piada que Mitch não ouviu. Mitch abriu o envelope junto ao peito. O bilhete escrito à mão dizia: Caro Mr. McDeere

Gostava muito de falar uns minutos consigo durante o almoço. Por favor, siga as indicações do agente Harbison. Não lhe tomarei muito tempo. Agradecemos a sua colaboração.

Obrigado.

F. Denton Voyles Director, FBI

Mitch colocou o bilhete no meio do seu bloco de apontamentos. Apercebeu-se de como era importante manter a compostura, mas sentia-se tonto. O director do FBI e quem mais? Tarrance devia estar por perto.

A sala encheu-se subitamente de gargalhadas com uma graça do congressista. Harbison

inclinou-se rapidamente na direcção de Mitch e sussurrou:

- O táxi número oito seis seis sete estará lá fora em frente à porta principal. Tenha muito cuidado. Foi seguido até aqui por dois homens de Memphis. O MODERADOR agradeceu ao segundo orador, professor de Direito Fiscal da Universidade de Nova Iorque, e anunciou o intervalo para o almoço. Mitch saiu para a rua e encontrou o táxi 8667. Não disse nada ao motorista, e não tardaram a embrenhar-se no meio do trânsito. Quinze minutos depois, estacionavam perto do Monumento aos Veteranos do Vietname. O motorista olhou em frente e disse:

- Muito bem. Vá até ao monumento. Irão ter consigo daqui a mais ou menos cinco minutos.

Mitch saiu para o passeio, e o táxi foi-se embora. Enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo de lã e dirigiu-se lentamente para o monumento. Estava lá um peregrino solitário sentado, muito hirto, numa cadeira de rodas a olhar para a laje. Encontrava-se coberto com uma manta grossa. Sob o descomunal boné

de camuflado, um par de óculos de aviador escondia-lhe os olhos. Estava sentado próximo da extremidade da laje, junto aos nomes dos que tinham morrido em 1972. Mitch foi seguindo os anos ao longo do passeio até parar junto à cadeira de rodas.

Leu os nomes, e lá estava quase no fim. Muito bem gravado, tal como os outros. Mitch ajoelhou-se e tocou nas letras gravadas: Rusty McDeere. Dezoito anos de idade, para sempre. Estava há sete semanas no Vietname quando pisou uma mina.

- Mitch, estão à sua espera.

Ele voltou-se e olhou para o homem da cadeira de rodas, o único ser humano à vista. Os óculos de avião continuavam voltados para a pedra.

- Descontraia-se, Mitch. Temos o local cercado. Confie em nós, Mitch. O

director tem coisas importantes para lhe dizer que podem salvar-lhe a vida.

- Onde é que ele está?

O homem voltou a cabeça.

- Comece a andar. Eles irão ter consigo.

Mitch olhou novamente para o nome do irmão e depois caminhou lentamente, aguardando. Wayne Tarrance saiu de trás de uma árvore e caminhou a seu lado.

- Continue a andar - disse ele -, mas descontraia-se. Ninguém está a vigiá-lo para além dos nossos vinte agentes.

- Vinte?

- Sim. Queremos ter a certeza de que aqueles mercenários de Memphis não aparecem por aqui.

Tarrance apontou para a direita, para um banco de cimento junto a uma ponte para peões que ia dar a um pequeno bosque.

- Sente-se - ordenou-lhe.

Sentaram-se. Dois homens atravessaram a ponte. Mitch reconheceu imediatamente o mais baixo como sendo F. Denton Voyles, director do FBI durante o mandato de três presidentes. Um feroz e severo combatente do crime.

Mitch levantou-se por respeito. Apertaram as mãos e apresentaram-se. Voyles apontou para o banco. Tarrance e o outro agente caminharam até à ponte e puseram-se a perscrutar o horizonte.

Voyles sentou-se junto a Mitch; as pernas de ambos tocavam-se. Tinha um chapéu sóbrio castanho inclinado para um dos lados. Devia ter pelo menos setenta anos, mas os olhos verdes bailavam cheios de vida e não deixavam escapar nada.

- Agradeço-lhe o facto de ter vindo - começou Voyles. Mitch respirou fundo.
- Faz uma pequena ideia de como me sinto confuso e assustado? Gostava de uma explicação.
- Certo. O que vou contar-lhe vai chocá-lo, mas asseguro-lhe que é tudo verídico, e com

a sua ajuda podemos salvar-lhe a vida. Mitch preparou-se e aguardou.

- Nenhum advogado jamais saiu da sua firma com vida. Três tentaram e foram mortos. Dois iam fazê-lo e morreram no Verão passado. Quando um advogado entra na Bendini, Lambert & Locke, nunca mais de lá sai, a não ser que se reforme e mantenha a boca fechada. E na altura em que eles se reformam, fazem parte da conspiração e não podem falar. Como vê, Mitch, a firma é mais do que uma simples firma. Faz parte de um grande negócio: um negócio muito lucrativo, um negócio muito ilícito. A firma não é propriedade dos sócios.

O director tocou com força no joelho de Mitch e olhou fixamente para ele.

- A firma de advogados Bendini, Lambert & Locke pertence à família do crime Morolto, de Chicago. À Mafia. À Camorra. Eles dão as

ordens lá de cima. E é por isso que nós aqui estamos.

- Não acredito - disse Mitch, gelado de medo. O director sorriu.

- Acredita, sim, senhor, Mitch. Acredita, acredita. Há já algum tempo que tem as suas suspeitas. Foi por isso que falou com Abanks nas Caymans. Foi por isso que contratou aquele pobre detective que acabou por morrer. Você sabe que a firma é suja, Mitch.

Mitch esfregou as têmporas e começou a tremer.

- Ouça, Mitch, sei que deve ter mil perguntas. Muito bem, eu vou contar-lhe aquilo que sei. Todos os sócios estão envolvidos. Kozinski descobriu isso depois de lá ter estado sete anos e contou a Hodge. Vieram ter connosco e encontrámo-nos várias vezes. Eles tomaram a decisão fatal de saírem da firma.

Mandámos Wayne Tarrance para Memphis para os trazer. Tarrance é

um especialista no crime organizado. Ele e aqueles dois estavam quase a conseguir.

Depois de Hodge e Kozinski terem morrido, resolvi deitar a mão à firma. Se conseguirmos apanhar a firma, poderemos condenar todos os membros importantes da família Morolto. Fuga aos impostos, branqueamento de dinheiro, extorsão, aquilo que se quiser. Seria o golpe maior e mais devastador contra o crime organizado dos últimos trinta anos. E está tudo nos arquivos da pequena e tranquila firma Bendini, em Memphis.

- Quer dizer que todos os sócios ... - As palavras de Mitch desvaneceram-se.

- Sim, todos os sócios sabem e entram na jogada. Há muitas coisas que nós não sabemos, Mitch. Eu não sei explicar como é

que a firma funciona, mas trata de todos os impostos do grupo Morolto. Preparam anualmente as declarações das contribuições fiscais, muito bonitas, limpas e com bom aspecto, e declaram apenas uma fracção dos rendimentos. Branqueiam dinheiro como loucos: fazem negócios legais com dinheiro sujo. Os Moroltos recebem cerca de trezentos milhões por ano do jogo, droga, apostas, tudo. Tudo em notas, percebe? A maior parte do dinheiro vai para aqueles bancos nas Caymans. Como é que sai de Chicago para as ilhas? No avião da firma, pensamos nós. Aquele Lear dourado vai pelo menos uma vez por semana a George Town.

Mitch observava Tarrance, que se encontrava agora na ponte para peões.

- Então, porque é que não faz as acusações e rebenta com tudo? - Havemos de o fazer, garanto-lhe. Pus cinco agentes a trabalharem no projecto em Memphis e três aqui, em

Washington, mas precisamos da ajuda de um membro da firma. Precisamos de cópias dos processos, de extractos bancários, de documentos que só podem vir lá de dentro.

- E escolheram-me a mim.

- E escolhemo-lo a si. Se declinar, pode seguir o seu caminho e ganhar muito dinheiro, mas nós vamos continuar a tentar. Um dia havemos de encontrar o nosso homem, Mitch, e quando isso acontecer, condenamo-lo a si juntamente com os outros e mandamos o seu abastado e bem-sucedido tra-seiro para trás das grades. E isso há-de acontecer, meu filho, acredite em mim. Ali, naquele momento, naquele local, Mitch acreditou.

- Mr. Voyles, estou com frio. Não podemos andar um pouco? - Claro, Mitch. Caminharam lentamente em direcção ao memorial.

- Quem era Anthony Bendini? - perguntou Mitch.
- Era genro de Morolto. Nos anos quarenta, por qualquer razão que desconheço, mandaram-no para Memphis para abrir um escritório. Era um excelente advogado.
- E Oliver Lambert?
- O perfeito sócio mais novo. Da próxima vez que vir Mr. Lambert lá pelo escritório, tente lembrar-se de que ele é um assassino cruel. É claro que não tem outra opção. Se não cooperasse, seria encontrado a boiar no rio.
- E Nathan Locke? O director sorriu.
- Locke é outra história. Aos dez anos, era moço de recados do velho Morolto em Chicago. Foi um farsante toda a vida. Conseguiu fazer o curso de Direito, e o velho mandou-o

para o Sul para trabalhar com Anthony Bendini. Foi sempre um protegido do velho.

- Quando é que Morolto morreu?

- Há onze anos, com oitenta e oito. Tem dois filhos repugnantes, Mickey, o Bocas, e Joey, o Padre. Joey é o chefe.

Mitch falou em voz baixa.

- Não percebo como é que a firma consegue fazer tanta coisa ilegal mantendo segredo. Aquilo está cheio de secretárias, funcionários e solicitadores.

- Bem visto. Achamos que funciona como duas firmas. Uma é legal, com os novos colaboradores, a maior parte das secretárias e pessoal de apoio. Os colaboradores mais antigos e os sócios fazem o trabalho sujo. Hodge disse um dia a Tarrance que havia um

grupo de solicitadores na cave sobre os quais não sabia quase nada.

- Diga-me o que é que esperam que eu faça - perguntou Mitch. - Primeiro, boca fechada. Se começar a fazer perguntas, a sua vida pode correr perigo e a da sua mulher também. Faça papel de burro, como se tudo fosse maravilhoso e ainda estivesse a planear ser o melhor advogado do Mundo. Em segundo lugar, tem que decidir rapidamente se vai ou não cooperar. Se decidir ajudarnos, é claro que trataremos de fazer que isso lhe seja proveitoso. Protegemolo, Mitch, e nunca mais precisará de trabalhar na vida.

- Que vida? Se escapar, viverei aterrorizado para sempre. Ouvi histórias de testemunhas que o FBI supostamente escondera. Dez anos depois, o carro explode quando estão a fazer marcha atrás para sair da garagem. A Mafia nunca esquece.

- Eles nunca esquecem, Mitch, mas eu prometo-lhe que você e a sua mulher serão protegidos. - O director olhou para o relógio. - É melhor voltar senão começam a desconfiar. O Tarrance entra em contacto consigo. Dei-lhe carta branca: tem poderes para negociar.

- Negociar o quê?

- As condições, Mitch. O que lhe vamos dar a troco daquilo que nos der. Nós queremos apanhar a família Morolto. Você diz o seu preço, e o Governo, através do FBI, dá-lho. Desde que seja razoável, é claro. - Voyles tirou a mão do bolso. - Está um táxi à sua espera no sítio onde ficou, é o número dez setenta e três. O motorista é o mesmo. Nós não voltaremos a encontrar-nos, mas Tarrance vai entrar em contacto consigo dentro de dias.

- Não percebi o que é que querem que eu faça.

- Tarrance apresenta-lhe o plano quando se tiver comprometido a cooperar.

- Comprometido?

- É esse o termo, Mitch. Depois, já não pode voltar atrás. - Porque é que me escolheram a mim?

- Você tem coragem para abandonar tudo. Não tem família, a não ser a sua mulher. Não tem laços afectivos nem raízes. E é suficientemente esperto para se safar, não vai ser apanhado. Foi por isso que o escolhemos a si. Obrigado por ter vindo.

Voyles afastou-se. Tarrance esperava-o na extremidade do muro e saudou-o rapidamente, como se dissesse: "Adeus ... por agora." NO AEROPORTO Internacional de

Memphis, Mitch avistou Abby junto às cabi-
nas telefônicas. Atirou a pasta para o chão e
abraçou-a com força. Os quatro dias em
Washington mais tinham parecido um mês. -
Vamos sair os dois? - perguntou ele.

- Tenho o jantar na mesa e vinho no frig-
orífico - disse ela. - Bom, precisamos de falar
e não podemos fazê-lo em casa. Ela apertou-
lhe mais a mão. ...?

- Calma. Continua a sorrir. Estamos a ser ob-
servados. Mitch e Abby atravessaram a onda
de tráfego humano e entraram num bar
escuro cheio de homens de negócio à espera
dos voos. Acabara de vagar uma pequena
mesa e sentaram-se de costas para a parede,
de frente para o balcão e para o movimento.

Ele beijou-lhe os lábios e sorriram, olhando-
se nos olhos. Um dos empregados veio
limpar a mesa e eles pediram vinho.

- Como é que foi a viagem?

- Bastante maçadora. - Olhava-a com ar sonhador. - Tive saudades tuas, Abby. Nunca tinha tido tantas saudades de ninguém na vida. Amo-te. E tenho uma coisa horrível para te dizer.

Ela parou de sorrir.

Mitch olhou lentamente em volta.

- Mas há fortes probabilidades de estar aqui alguém a observar-nos. Sorri de vez em quando, mesmo que te custe.

O vinho chegou, e Mitch começou a sua história. Não omitiu nada. Abby beberricava nervosamente o vinho, tentando parecer uma vulgar esposa apaixonada que ouvia o relato do seminário sobre impostos. Sentia o corpo dorido de medo, mas ouvia e

representava. Ao fim de uma hora, Mitch terminou a história num sussurro:

- E Voyles disse que Tarrance me iria contactar daí a uns dias para saber se vou ou não cooperar. Despediu-se e foi-se embora.

- Nem quero acreditar, Mitch.

- Mas bem podes. Senão porque é que o director do FBI iria encontrar-se com um insignificante advogado novato de Memphis num banco de cimento com dez graus abaixo de zero? Se eu mantiver a boca fechada e os ignorar, um dia eles aparecem com mandados de captura e enfiam todos na prisão. E se decidir cooperar, tu e eu saímos de Memphis pela calada da noite, depois de eu ter entregue a firma à Polícia, e vamos viver os dois para Boise, no Idaho. Teremos montanhas de dinheiro, mas viveremos todas as horas do dia apavorados com medo de sermos descobertos.

- Que maravilha, Mitch, que maravilha! - Ela esforçava-se por não chorar.
- Ou podemos comprar dois bilhetes para San Diego, passamos ilegalmente a fronteira e comemos tortilhas o resto da vida.
- Vamos a isso.
- Mas com a sorte que tenho, Oliver Lambert estaria à nossa espera em Tijuana com um batalhão de valentões. Não resulta. Era apenas uma ideia como outra qualquer.
- E Lamar?
- Não sei. Já cá está há seis ou sete anos, por isso já deve saber. Avery está por dentro de tudo. - E Kay?
- Sabe-se lá. É muito provável que nenhuma das mulheres saiba. Abby mordeu o lábio.

- E a firma ouviu tudo o que nós dizemos - disse ela. - Estou tão assustada, furiosa e confusa que nem sequer sei para onde me virar. Tenho medo de dizer seja o que for na minha própria casa. Meço todas as palavras que digo ao telefone, mesmo quando é engano. E agora isto. Mitch agarrou-lhe no pulso e apertou-o com força.

- Espera lá. Estou a ver um rosto familiar. Não te vires. Sentado num banco do bar, a beber uma garrafa de cerveja, estava um homem louro muito bronzeado com uma camisola azul e branca espalhafatosa de ski. Como se tivesse acabado de chegar das montanhas. Mas Mitch já vira aquele bronzeado, aquela franja e aquele bigode louros algures em Washington.

- Vamos embora. - Mitch deixou uma nota de vinte dólares na mesa e saíram do aeroporto.

TARRANCE não esperou muito tempo. Uma semana depois de se ter despedido de Mitch no monumento, avistou-o a sair apressado do Federal Building, na North Main. Tarrance aproximou-se dele rapidamente. - Olá, Mitch. Importa-se que o acompanhe?

- Importo. Não acha que é perigoso?

Caminharam apressadamente, sem olhar um para o outro.

- Está a ver aquela loja? - perguntou Tarrance, apontando para a direita. Preciso de comprar um par de sapatos. - Entraram na sapataria e pararam ao fundo da loja, que era estreita. Mitch pegou num par de Reeboks falsos. Observavam a porta por entre os expositores de sapatos.

- O director telefonou-me ontem - disse Tarrance sem mexer os lábios. - Disse que já era altura de você tomar uma decisão.

- Diga-lhe que ainda estou a pensar.
Tarrance baixou-se repentinamente. - O

que foi? - perguntou Mitch.

- Acho que fomos apanhados. Acabei de ver um dos mercenários passar à porta e olhar cá para dentro. Ouça, Mitch. Vamos sair daqui juntos agora. Logo que chegarmos lá fora, dá-me um grito, diz-me para desaparecer e dá-me um empurrão. Eu finjo que quero andar à pancada e você foge.

- Ainda me matam por sua causa, Tarrance.

- Logo que chegar ao escritório, conte o pequeno incidente aos sócios. Digalhes que o encurralei e que fugiu assim que pôde. Lá fora, Mitch deu-lhe um empurrão com mais força do que era preciso e gritou:

- Desapareça da minha frente! Deixe-me em paz! - Percorreu dois quarteirões a correr até

à Union Avenue e fez o resto do caminho em passo normal até ao Edifício Bendini.

AVERY, LAMBERT, Nathan Locke e Royce McKnight estavam de pé junto à pequena mesa de reuniões no gabinete de Lambert. O Olhos Negros falou com o sobrolho ameaçadoramente carregado.

- Mitch, alguma vez voltou a ser contactado por Tarrance ou por qualquer outra pessoa do FBI desde o primeiro encontro em Agosto? - Não, Mr. Locke.

- Tem a certeza?

Mitch deu um murro na mesa. - Bolas! Eu disse que não!

Locke ficou espantado. Ficaram todos espantados.. Seguiu-se um silêncio pesado que durou trinta segundos. Mitch olhava fixamente para o Olhos Negros, que recuou

ligeiramente com um movimento descontraído da cabeça.

- Conte-nos tudo o que aconteceu.

- Tive uma audiência com o juiz Kofler por causa do caso Malcolm Delaney. Saí do Federal Building, e um quarteirão ou dois a seguir a norte da Union o tal Tarrance apareceu, agarrou-me no braço e arrastou-me para dentro de uma loja. Tentei desembaraçar-me dele, mas apesar de tudo ele é agente do FBI e eu não quis fazer uma cena. Lá dentro, disse-me que queria falar comigo, mas eu consegui libertar-me e correr para a porta. Ele seguiu-me, tentou agarrarme e eu dei-lhe um empurrão. Depois, corri até aqui, fui falar com Avery e aqui estamos nós.

- Sobre que é que ele queria falar?

- Nem lhe dei oportunidade de começar, Mr. Locke. Não faço tenções de falar com nenhum agente do FBI, a menos que tenha uma intimação.

- Tem a certeza de que era o mesmo agente?
- Acho que sim. Não o via desde Agosto.

O Olhos Negros pigarreou.

- A coisa é grave, Mitch. Mas nós não fizemos nada de mal. Isto é muito desconcertante.

Mitch sorriu e abriu as mãos.

- O que é que querem que eu faça? - perguntou com sinceridade. - Não pode fazer nada, Mitch - disse Lambert. - A não ser manter-se afastado desse tipo e fugir quando o vir. Se ele voltar nem que seja só a olhar para si, conte-nos imediatamente.

- Foi isso que ele fez - disse Avery na defensiva. Mitch pôs o ar mais deplorável possível.

- Pode ir, Mitch - disse Lambert. - E mantenha-nos informados. Mitch saiu sozinho do gabinete.

DEVASHER andava de um lado para o outro atrás da secretária, ignorando os sócios.

- Ele está a mentir, é o que lhes digo. Eu sei que está a mentir. - O que é que o teu homem viu? - perguntou Locke.

- O meu homem viu uma coisa diferente. Ele diz que McDeere e Tarrance entraram normalmente na sapataria. Não houve qualquer intimidação física por parte de Tarrance. Desapareceram no fundo da loja durante três, talvez quatro minutos. A seguir, outro dos nossos homens passou à porta, olhou lá

para dentro e não viu nada. É óbvio que eles viram o nosso homem, porque passados segundos saíram a correr da loja, com McDeere aos empurrões e aos gritos. Há qualquer coisa que não bate certo, garanto-vos.

- Soubeste de algum contacto entre eles desde Agosto? - perguntou McKnight.

- Não soubemos de nenhum, mas isso não quer dizer que não tenha havido. Só

soubemos dos outros dois quando já era tarde demais. É impossível vigiar todos os movimentos. - DeVasher continuava a andar de um lado para o outro.

- Tenho de falar com ele - declarou por fim. - Acho um pouco prematuro comentou Locke.

- E eu quero lá saber da tua opinião. Se fossem vocês, seus paspalhões, que

estivessem encarregados da segurança, a esta hora já estavam todos presos.

~Mitch estava sentado no gabinete a olhar para as paredes. Sentia-se enjoado. Avery entrou.

- E se fôssemos almoçar?

- Não, obrigado. Não tenho fome.

- Ouve, Mitch. Sei que estás preocupado. Vamos almoçar calmamente e conversamos. A limusina está lá fora à uma menos um quarto. Mitch conseguiu sorrir, como se tivesse ficado comovido.

- Está bem.

À 1 menos um quarto, Mitch dirigiu-se à limusina. O motorista abriu-lhe a porta e Mitch deixou-se cair no assento. Estava um homem, com uma cabeça redonda enorme e

um pescoço de touro, sentado confortavelmente na outra ponta do banco. Estendeu-lhe a mão.

- Chamo-me DeVasher, Mitch. É um prazer conhecê-lo.

- Será que não me enganei na li musina? - perguntou Mitch.

- Não, não. Calma. - O motorista afastou-se do passeio e dirigiu-se à Ponte Hemando De Soto.

- Onde vamos? - perguntou Mitch.

- Vamos dar um passeio. Precisamos de conversar.

"Com que então sou o número seis", pensou Mitch. " É agora. Não, espera lá. Eles foram muito mais imaginativos com as outras mortes." - Sou o chefe da segurança da firma, e,

para ser franco, estamos muito preocupados com esta coisa do FBI.

- Eu também.

- Pois. Achamos que o FBI pretende infiltrar-se na nossa firma na esperança de recolher informações sobre certos clientes.

Mitch acenou. Estavam agora no Arkansas, com a cidade de Memphis desaparecendo no horizonte. DeVasher fez uma pausa. Era evidente que os silêncios desconfortáveis não o incomodavam. Alguns quilómetros mais à

frente, o motorista deixou a estrada principal e meteu por uma estrada municipal que regressava para leste. Depois, enfiou por um caminho de gravilha e fizeram um quilómetro por entre campos de feijão junto ao rio.

- Onde é que vamos? - perguntou Mitch, um tanto alarmado. Calma. Quero mostrar-lhe uma coisa.

"Um cemitério", pensou Mitch. A limusina parou num rochedo com três metros de altura que partia de um banco de areia lá em baixo na margem.

- Vamos dar um passeio - disse DeVasher. Abriu a porta e foi até à parte de trás do carro. Mitch seguiu-o devagar.

- Como eu ia dizendo, Mitch, estamos muito aborrecidos com os contactos do FBI. Se lhes der conversa, eles tornam-se mais ousados. É crucial que não volte a falar com eles. Entendido?

- Sim. Percebi-o desde o primeiro contacto em Agosto. DeVasher sorriu maliciosamente.

- Tenho aqui uma coisa que o vai ajudar a manter-se na linha. - Enfiou a mão no casaco e tirou um envelope de papel pardo. - Ora veja lá isto - disse ele, e afastou-se.

Mitch abriu o envelope. Tinha quatro fotografias a preto e branco, quinze por vinte, muito nítidas. Na praia. A rapariga. - Quem é que tirou isto?

- gritou-lhe Mitch.

- Que diferença é que faz? É você, não é?

Não havia dúvida de que era. Rasgou as fotografias em pedacinhos e atirou-os na direcção de DeVasher.

- Temos lá muitas no escritório - disse este calmamente. - Não queremos utilizá-las, mas basta mais uma conversa com Mr. Tarrance ou com qualquer outro agente do FBI e nós mandamo-las pelo correio à sua mulher. Da

próxima vez que você e Tarrance decidirem ir comprar sapatos, pense em nós, Mitch. Porque nós estaremos a vigiar.

Mitch sentou-se em cima da mala da limusina e esfregou as têmporas. DeVasher aproximou-se.

- Ouça, você é um rapaz inteligente e está a caminho de ganhar umas massas valentes. Não deite tudo a perder. Trabalhe muito, cumpra as regras do jogo, compre carros novos, etc. Como os outros. Não se arme em herói. Eu não quero recorrer às fotografias.

- Certo, certo.

DURANTE dezassete dias e dezassete noites, a vida conturbada de Mitch e Abby McDeere prosseguiu calmamente, sem interferências de Wayne Tarrance ou de qualquer dos seus colegas. A rotina reinstalou-se. A cada dia pacato que passava, Mitch ficava mais

esperançado de que talvez o episódio da sapataria tivesse assustado Tarrance ou provocado o seu despedimento. Talvez Voyles simplesmente esquecesse toda a operação. Mas Mitch sabia que isso não passava de uma ilusão.

Abby movia-se silenciosamente na sua própria casa, sentindo-se violada e sabendo que não conseguiria aguentar muito mais tempo. Ambos sabiam como era importante agirem naturalmente, falarem natural mente. Os passeios à meia-noite à volta do quarteirão tornaram-se um hábito: todas as noites, depois de uma sanduíche comida à pressa, proferiam o diálogo ensaiado sobre como era saudável fazer exercício e saíam. Davam as mãos e caminhavam ao frio, falando da firma e do FBI e para que lado é que haviam de voltar-se. Chegavam sempre à mesma conclusão: não havia saída. Dezassete dias e dezassete noites.

No décimo oitavo dia, houve uma reviravolta. Às 9 da noite, Mitch estava exausto e decidiu ir para casa. Abby não o esperava tão cedo e estava na cama. No pequeno vestíbulo havia uma escrivaninha onde ela costumava deixar o correio. Ele pousou a pasta na secretária e viu um enorme envelope castanho endereçado a Abby McDeere, que dizia em letras pretas: FOTOGRAFIAS - É FAVOR NÃO DOBRAR. O envelope já estava aberto.

"Ela está na cama", pensou ele, "magoada e mal disposta." Com o envelope na mão, tentou ordenar as ideias. "Encara a coisa como um homem", disse para consigo, e abriu a porta do quarto.

Ela estava a ler um livro, olhou para cima e disse:

- Mitch! - Não estava com cara de choro. Os olhos pareciam normais: sem vestígios de

sufrimento'nem de ira. - O que é que estás aqui a fazer? perguntou ela com um sorriso.

- Eu vivo aqui - disse ele baixinho. Ela estava ótima!

Ele debruçou-se sobre a cama, beijou-a e entregou-lhe o envelope. - O que é

isto? - perguntou-lhe num tom casual.

- Isso gostava eu de saber. Não tinha nada dentro. Absolutamente nada. Absolutamente nada! Ele beijou-a novamente.

- --Estás à espera de algumas fotografias? - perguntou ele, fingindo completa ignorância.

- Que eu saiba, não. Devem ter-se enganado.

Ele quase ouviu DeVasher a rir naquele preciso momento, com os auscultadores enfiados na sua cabeça descomunal.

- Que estranho - comentou Mitch.

Abby vestiu uns jeans e apontou para o pátio das traseiras. Mitch acenou com a cabeça.

Pousou o envelope na secretária. Estava a ver o sorriso maldoso de DeVasher. Provavelmente, as fotografias tinham passado de mão em mão durante o almoço na sala de jantar dos sócios. Imaginava Lambert e McKnight e até

Avery a admirá-las, boquiabertos.

"Bem podem admirar as fotografias", pensou ele. "Bem podem gozar os últimos meses das vossas abastadas e felizes carreiras de advogados." Abby passou por ele, e ele agarrou-lhe na mão. Saíram pela porta das traseiras, atravessaram o pátio e embrenharam-se na escuridão.

- O que foi? - perguntou Mitch.

- Recebeste hoje uma carta da Doris. Diz que está em Nashville, mas regressa a Memphis no dia 27 de Fevereiro. Precisa de falar contigo. É importante. Era uma carta muito pequena.

- Dia 27! Isso foi ontem.

Eu sei. Calculo que já cá esteja.

- Então, há-de contactar-nos - disse Mitch.

NATHAN Locke fechou a porta do seu gabinete e indicou a DeVasher a pequena mesa de reuniões junto à janela. Os dois homens odiavam-se mutuamente e não faziam qualquer esforço para serem cordiais. Mas serviço é

serviço, e ambos recebiam ordens do mesmo patrão.

- Lazarov quis que eu falasse a sós contigo - disse DeVasher. - Sou todo ouvidos.

- O McDeere está a mentir. Sabes como o Lazarov sempre se gabou de ter um espião no FBI. Eu nunca acreditei, mas, segundo Lazarov, a sua fonte diz que houve um encontro entre McDeere e uns mandões do FBI quando o rapaz foi a Washington em Janeiro. Os nossos homens não viram nada, mas é

impossível seguir alguém vinte e quatro horas por dia. Pode ter-se escapado por umas horas sem darmos por isso. De qualquer maneira, Lazarov disse-me para fazer planos preliminares para lhe limpar o sebo.

- Bolas, DeVasher! Não podemos continuar a eliminar pessoas. - São apenas planos preliminares, nada de sério. Mas eles estão muito preocupados. É

óbvio que os do FBI mudaram de estratégia, e Lazarov quer resolver as coisas e pôr fim à fuga de informações.

O AGENTE imobiliário encostou-se à parede do fundo do elevador e admirou a mini-saia de cabedal preta por trás. Era uma mulher que gostaria de ter no prédio. Ela apenas queria um pequeno escritório. A renda era negociável. O elevador parou. A porta abriu-se, e ele saiu para o hall atrás dela. - Por aqui.

- Apontou, depois passou-lhe à frente e meteu a chave numa porta de madeira bastante velha.

- São só duas divisões - disse ele, carregando num interruptor. Tammy foi até à janela.

- A vista é boa - disse ela, olhando para longe. - Como é que este edifício se chama?
- É o Cotton Exchange Building. Um dos mais antigos de Memphis. É um sítio muito prestigiante.
- E a renda também é muito prestigiante?
- Bom, o escritório é pequeno. Disse que ia utilizá-lo para ... - Trabalho de secretariado. Sou secretária free-lancer.
- Estou a ver. Por quanto tempo é que vai precisar do escritório? - Seis meses, com opção de um ano.
- Está bem. Durante seis meses, podemos alugá-lo por trezentos e cinquenta por mês.
- Pago trezentos, mobilado. Preciso de uma secretária, três arquivos e umas cadeiras. Vou pôr uma fotocopiadora na outra divisão.

- Está bem - disse ele. Tirou um contrato da pasta, pousou-o numa mesa desmontável e começou a escrever.

Nome?

- Doris Greenwood. - Residência?

Não é da sua conta.

- Está bem, está bem. Não faz mal. Vamos ver. O arrendamento terá início hoje, dia 2 de Março, e durará seis meses. Exigimos uma caução de trezentos dólares e a primeira renda, pagas à cabeça.

Ela tirou um rolo de notas de um bolso da saia preta e justa de cabedal. Contou seis notas de cem dólares e colocou-as em cima da mesa. - O recibo, se faz favor - pediu ela.

- Com certeza. - Ele continuou a escrever.

- Em que andar estamos? - perguntou ela, encaminhando-se novamente para a janela.

- No nono. Tem direito a um lugar no parque de estacionamento do outro lado da rua.

Tammy assinou o contrato como Doris Greenwood. Trancaram a porta e ele seguiu-a de perto até ao elevador.

Ao meio-dia do dia seguinte, a mobília e a fotocopiadora com verificador e carregador automático, capaz de fazer noventa cópias por minuto, já tinham sido entregues a Doris Greenwood, da Greenwood Services. Ela pôs a máquina de escrever e o telefone um ao lado do outro em cima da secretária. Sentada de frente para a máquina, olhava de esguelha para a esquerda, lá para fora, e via o trânsito na Front Street. Dois quarteirões acima, do outro lado da rua, avistavam-se o quarto e quinto pisos do Edifício Bendini. ELE MANTEVE-SE intencionalmente isolado dos

outros, com o nariz enterrado nos livros e nas pilhas de papéis. Talvez não suspeitassem dele se facturasse vinte horas por dia.

Nina deixou-lhe uma caixa com uma piza quando saiu depois do almoço. Ele comeu-a enquanto arrumava a secretária. Telefonou a Abby e disse-lhe que ia visitar Ray e que regressava a Memphis no domingo à noite. Saiu pela porta lateral e dirigiu-se ao parque de estacionamento.

Percorreu durante três horas e meia a Estrada Nacional n.º 40 em direcção a leste, sem tirar os olhos do retrovisor. Nada. Não os viu. Provavelmente, telefonavam para uma localidade mais à frente, pensou ele, e estavam à espera dele algures. Em Nashville, desviou repentinamente para o centro da cidade. Tentou escapar ao trânsito, fazendo inversões de marcha sempre que possível. Estacionou num grande complexo habitacional e trancou o BMW. A cabina

telefónica junto à piscina coberta funcionava. Chamou um táxi.

- Para o terminal de autocarros Greyhound - disse ele ao motorista quando o táxi chegou.

No terminal, comprou um bilhete para o autocarro das 4.30 para Atlanta.

- Autocarro número quatrocentos e cinquenta e quatro - disse o empregado. O motorista do autocarro pediu o bilhete a Mitch e entrou atrás dele. Mitch percorreu lentamente o corredor, olhando para todos os rostos sem reconhecer ninguém. Sentou-se num lugar junto à janela na quarta fila a contar de trás. O

autocarro embrenhou-se rapidamente no trânsito. Iam parar em Knoxville. Talvez o seu contacto lá estivesse.

Quando já estavam na estrada nacional e o motorista já atingira a velocidade de cruzeiro, um homem de blue jeans e camisa de algodão apareceu de repente e deslizou para o lugar ao lado de Mitch. Era Tarrance.

- Onde é que estava? - perguntou-lhe Mitch.

- Na casa de banho. Conseguiu despistá-los?

- Eu nunca os vejo, por isso não sei se os despistei. Mas teriam que ser superhomens para me terem seguido. E o meu carro?

- Nós vamos buscá-lo, não se preocupe. Estará em Knoxville quando precisar dele.

- Peço desculpa por parecer preocupado. Mas depois do fiasco na sapataria, descobri que vocês não são imunes à estupidez.

- Foi um erro, tem razão. Nós ...

- Um grande erro. Um erro que me poderia ter colocado na lista negra. Prometa-me que nunca mais serei abordado em público.

- Está bem, está bem. Não volta a acontecer. Prometo.

- Obrigado - disse Mitch. - Bom, Voyles disse que você tinha uma estratégia de jogo.

- E tenho. Só preciso de um avançado. - Os bons são muito caros.

- Nós estamos dispostos a pagar. Quanto é que quer? - Para fazer o quê?

Tarrance abriu uma brochura grossa e fingiu estar a ler.

- É uma boa pergunta - comentou em voz baixa. - O que é que queremos que faça? Muito bem. Primeiro, tem que desistir da sua carreira de advogado. Vai ter de divulgar

segredos e documentos que pertencem aos seus clientes. Isso, é

claro, já é suficiente para ser expulso da Ordem. Depois, e mais importante de tudo, vai dar-nos documentos suficientes para incriminar todos os membros da firma e a maioria dos manda-chuvas do clã Morolto. Os documentos estão no edifício lá na Front Street.

- Como é que sabe? Tarrance sorriu.

- Porque gastamos milhões de dólares a combater o crime organizado. Porque temos fontes de informação dentro da família Morolto. Porque Hodge e Kozinski já nos tinham fornecido elementos quando foram assassinados. Não nos menospreze, Mitch.

- E acham que eu vou conseguir tirar de lá todas essas informações? Achamos, sim, Sr. Doutor. Estando lá dentro, poderá preparar um processo que irá dar cabo da firma e

desmembrar uma das maiores famílias de criminosos do país. Tem de nos dizer como funciona a firma: os nomes de todas as secretárias, empregados, solicitadores; quem é que está a trabalhar nos diversos processos; a quem pertencem os clientes; onde estão guardados os documentos; quais as informações que estão computadorizadas, e, mais importante ainda, vai ter de passar os documentos cá para fora e entregar-nos tudo. Temos de elaborar um processo muito consistente antes de começarmos a distribuir mandados de busca. - É só isso que querem?

- Não. Terá de testemunhar contra todos os seus colegas nos julgamentos. Pode demorar anos.

Mitch respirou fundo e fechou os olhos. Testemunhar nos julgamentos!

Aquilo nunca lhe ocorrera. Com milhões para pagar aos melhores advogados de

direito criminal, os julgamentos podiam arrastar-se indefinidamente. Tarrance começou a ler a brochura. Percorridos cinquenta quilómetros sem trocarem palavra, Mitch olhou para ele e disse:

- O que é que me acontece a mim?

- Vai ter muito dinheiro, se é que isso serve para alguma coisa. Se tem algum sentido de honestidade, vai poder olhar para o espelho todos os dias. Poderá

viver onde quiser neste país, com uma nova identidade, é claro. Arranjamos-lhe um emprego, fazemos-lhe uma operação ao nariz, faremos tudo aquilo que quiser.

Mitch olhou furioso para Tarrance.

- Honestidade? Não volte a repetir-me essa palavra. Eu sou uma vítima inocente, e você sabe-o muito bem.

Tarrance emitiu um som semelhante a um grunhido. Percorreram mais alguns quilômetros em silêncio.

- E a minha mulher?

- Ela terá tudo o que quiser. Ela está a par de alguma coisa? - De quase tudo.

- Arranjamos-lhe um emprego onde quiser. E a si também. Onde quiserem.

- Que maravilha! Até um de vocês deixar escapar alguma coisa à frente de quem não deve. A Máfia nunca se esquece, Tarrance. Vocês já deixaram morrer algumas pessoas, não vale a pena negar.

- Não o nego. E tenho de admitir que eles sabem ser engenhosos quando decidem matar.

- Obrigado. Então, para onde é que eu vou?

- Isso é consigo. Neste momento, temos cerca de duzentas testemunhas que vivem espalhadas pelo país com novos nomes e novos empregos. As hipóteses de ser apanhado são bastante reduzidas.

- E quanto dinheiro?

- Meio milhão de dólares.

Qualquer advogado que se preze sabe que a primeira oferta tem de ser sempre recusada. Sempre.

- Isso é ridículo, Tarrance. Não podem estar à espera que eu abandone uma mina de ouro por meio milhão de dólares. Depois de descontados os impostos, fico com trezentos mil; na melhor das hipóteses.

- E se nós fecharmos a mina de ouro e mandarmos todas as luminárias com indumentárias Gucci para a prisão?

- Se. Se. Se. Pensei que estivessémos a negociar, não a ameaçar. - Eu fiz-lhe uma oferta.

- Estão à espera que eu prepare um processo que vai pôr à vossa mercê um grupo dos piores criminosos da América, um processo que poderá muito facilmente custar-me a vida, e oferecem-me uma miséria. Três milhões, pelo menos.

Tarrance não pestanejou nem franziu o sobrolho, e Mitch percebeu que não estava fora de questão.

- É muito dinheiro - disse Tarrance quase para os seus botões. - Vou ter de falar com o director.

- Pensei que tinha carta branca. - E que mais é que quer?

- Tenho algumas coisas em mente, mas não vamos discuti-las antes de chegarmos a acordo sobre a quantia.

Tarrance voltou a concentrar-se na brochura.

Uma hora e meia depois, o autocarro entrou no terminal de Knoxville e parou. Mitch pôs-se de pé no corredor.

- Três milhões, nem um centavo a menos. E tenho uma terceira opção, Tarrance. Posso desaparecer no escuro, eclipsar-me no ar.

- Os Moroltos encontram-no numa semana. E nós não estaremos lá para o proteger. Até à vista, amigo.

Mitch saltou do autocarro e saiu a correr do terminal. ERAM apenas um casal de pom-binhos de mãos dadas passeando inocentemente pelo parque, apesar da brisa fria de Fevereiro. Pararam e olharam para o

majestoso rio, que avançava muito lentamente em direcção a Nova Orleães.

- Sabes, Abby - disse Mitch. - Eu sempre quis trabalhar nos Correios. Ser carteiro numa aldeia deve ser agradável.

Não passava de uma brincadeira esta tentativa de fazer humor com a situação, mas resultou. Ela riu-se um pouco, e ele percebeu que ela realmente achava engraçado.

- Pois é, e eu posso limpar o chão num centro de saúde. Ele abraçou-a.

- Acreditas no Tarrance? - perguntou Abby. - Acreditas que eles um dia acabarão por conseguir infiltrar-se na firma?

- Tenho medo de não acreditar.

- Então, pegamos no dinheiro e fugimos?

- Para mim é fácil, Abby. Não deixo nada para trás. No teu caso é diferente. Nunca mais vais voltar a ver a tua família.

- Para onde iríamos?

- Eu não quereria ficar nos EUA. Não se pode confiar no FBI. Sentir-me-ia mais seguro noutro país, mas não digo isso ao Tarrance.

- Qual é o próximo passo?

- Chegamos a acordo, depois reunimos rapidamente as informações suficientes para afundar o barco. Quando o Tarrance ficar satisfeito, pegamos no nosso dinheiro e desaparecemos.

- E eles pagam?

- Pagam, mas o problema não é esse. O problema é: queres pegar no dinheiro e fugir?

Ela estava com frio, e Mitch pôs-lhe o seu casaco sobre os ombros. - É um péssimo acordo, Mitch - disse ela -, mas pelo menos ficamos juntos. Vamos pegar no dinheiro e fugir.

- Está combinado.

TAMMY Greenwood Hemphill, da Greenwood Services, estacionou o seu Volkswagen sujo atrás do Peugeot reluzente no parque de estacionamento da St. Andrew's School. Deixou o motor ligado. Deu quatro passos, enfiou uma chave no porta-bagagem do Peugeot e tirou uma pesada pasta preta. Fechou o porta-bagagem regressou ao seu carro e partiu a toda a velocidade. De uma janela da sala de professores, Abby observava por entre as árvores o parque de estacionamento. Via bem o seu carro. Sorriu e olhou para o relógio. Meio-dia e meia hora, como planeado.

Tammy estacionou o carro no lugar que lhe pertencia, em frente ao Cotton Exchange Building, do outro lado da rua. Desta vez, eram nove dossiers. Fez duas cópias de todas as páginas e voltou a arrumá-las. Escreveu a data, hora e o nome de cada um dos dossiers num livro de registros. Havia agora vinte e nove títulos. Mitch dissera que no fim seriam uns quarenta. Ela colocou uma cópia de cada um numa gaveta fechada à chave no armário, depois pôs os originais e a outra cópia dentro da pasta.

Seguindo as instruções que ele lhe dera há uma semana, ela alugara uma arrecadação com dois metros e meio por dois metros e meio num edifício de pequenas arrecadações da Summer Avenue. Passados trinta minutos, ela chegou lá e abriu o n.º 38C. Colocou as outras cópias dos nove dossiers numa pequena caixa de papelão e rabiscou a data na extremidade da aba. Colocou a caixa junto às outras três que se encontravam no

chão. Às 3 horas em ponto, entrou no parque de estacionamento da St. Andrew's, parou atrás do Peugeot, abriu o porta-bagagem e deixou a pasta onde a encontrara.

Segundos depois, Mitch saiu da porta principal do Edifício Bendini e espreguiçou-se. Respirou fundo e olhou para a Front Street. Um dia maravilhoso. Reparou que num edifício dois quarteirões a norte dali no nono andar as persianas estavam fechadas. Era o sinal: correra tudo bem. Sorriu e voltou para o seu gabinete.

ÀS 3 DA MANHA do dia seguinte, Mitch saiu sorrateiramente da cama e vestiu em silêncio uns jeans desbotados, uma camisa de flanela, meias grossas brancas e um par de botas de borracha velhas. Queria parecer um camiãoista. Fez quarenta quilómetros para sul na Estrada Nacional n.º 55 em direcção a Senatobia, no Mississípi, e entrou num local de

paragem de camiões aberto toda a noite e cheio de gente.

A sala barulhenta estava repleta de homens corpulentos de meia-idade a beberem café e a comerem empadas compradas no supermercado. O advogado avançou pouco à vontade em direcção ao fundo da sala, até ver um rosto conhecido escondido atrás de uns óculos de aviador. Nessa altura, o rosto sorriu.

-Olá, amigo - disse Tarrance. - Então, como vai a vida de camionista?

Mitch sentou-se à mesa.

- Acho que prefiro o autocarro.

Uma empregada passou lentamente por eles e perguntou-lhes o que queriam. Pediram ambos apenas café.

- Como é que vai o meu velho amigo Voyles?
- perguntou Mitch. - Aguarda ansiosamente uma resposta sua. Eu falei-lhe do nosso encontro hoje à noite, e ele ficou muito entusiasmado. Disse que podíamos pagar um milhão, nem mais um tostão. O dinheiro será depositado num banco suíço, e ninguém, nem sequer o IRS, saberá da sua existência.

- Um milhão de dólares não chega, Tarrance. Quero um milhão agora e um milhão depois. Já comecei a copiar todos os meus processos e devo acabar dentro de poucos dias. Processos legais, penso eu. Se os der a alguém, serei expulso para sempre da Ordem dos Advogados. Por isso, quando lhos der, quero receber o primeiro milhão.

A empregada deixou cair duas chávenas em cima da mesa, salpicando tudo de café.

- Eu trago outro de graça - grunhiu ela, e foi-se embora.

- E o segundo milhão? - perguntou Tarrance, ignorando o café. - Quando você, eu e Voyles decidirmos que já vos dei documentos suficientes para os incriminar, recebo metade. Depois de testemunhar pela última vez, recebo a outra metade. É mais que justo, Tarrance.

- Sem dúvida. Está combinado.

Mitch respirou fundo e sentiu-se enjoado. Um acordo. Um contrato. Um contrato que nunca poderia ser escrito, mas que, apesar de tudo, era terrivelmente definitivo. O jogo iniciara-se, era preciso continuar.

- Vou pedir-lhe mais uma coisa, Tarrance. Não vos custa um centavo e vocês conseguem-no sem grande esforço. Está bem?

- Sou todo ouvidos.

- O meu irmão Ray está na Prisão de Brushy Mountain. Faltam-lhe sete anos para a liberdade condicional. Quero que o tirem de lá.
- Isso é ridículo. Nós podemos fazer muita coisa, mas não podemos dar liberdade condicional aos presos. Nem pensar.
- Ouça, Tarrance. Se eu tiver de me pôr a andar daqui com a Mafia atrás de mim, o meu irmão vai comigo. Faz parte do acordo. E eu sei que, se o director Voyles o quiser cá fora, ele sai cá para fora. É só uma questão de planearem a coisa.
- Fazemos um assalto à prisão com comandos e salvamo-lo. - Não se faça de parvo, Tarrance. Isto não é negociável.
- Está bem, está bem. Vou ver o que se pode fazer. Mais alguma surpresa?

- Não, apenas perguntas. O que é que Hodge e Kozinski vos disseram?
- O que eles disseram não foi suficiente. Nós temos um dossier no qual escrevemos tudo o que sabemos sobre os Moroltos e a firma. Organização, pessoas-chave, actividades ilegais, etc. Precisa de lê-lo antes de começarmos a trabalhar. Quando é que podemos ver os seus processos?
- Daqui a uma semana. Já consegui copiar quatro processos que pertencem a outras pessoas. Sou capaz de conseguir mais.
- Quem é que os está a fotocopiar? - Isso não interessa. Tarrance deixou passar. - Quantos são?
- Entre quarenta e cinquenta. Passo-os cá para fora aos poucos e poucos. Nalguns trabalhei durante oito meses, noutros apenas

uma semana ou coisa parecida. Tanto quanto me parece, são todos clientes legítimos.

- Quantos deles é que conheceu pessoalmente? - Dois ou três.

- É melhor não apostar que são todos legítimos. - Tarrance beberricou o café. Quando é que você e Abby partem para as férias nas Caymans?

-No domingo de manhã. Porquê? Quantos grupos é que vão seguir-nos?

Francamente, esperávamos gozar um pouco de privacidade.

- Vão para um dos apartamentos da firma? Esqueçam a privacidade. É

provável que tenha mais fios que um quadro de electricidade. Até talvez câmaras de filmar.

- Mas que animador! Talvez passemos uma ou duas noites na Escola de Mergulho Abanks. Passe lá para bebermos um copo.

- Que engraçadinho! - Tarrance deixou um dólar e meio na mesa e saíram.

- Vou falar com Voyles daqui a umas horas - disse Tarrance. - Boa viagem. Apertaram as mãos.

- Não é negociável, Tarrance - disse Mitch novamente. - Pode-me tratar por Wayne. Até breve.

As nuvens pretas e a forte chuvada tinham afugentado os turistas da Seven Mile Beach quando os McDeeres, encharcados e exaustos, chegaram ao duplex luxuoso. Mitch fez marcha atrás com o jipe Mitsubishi alugado até à

porta principal do lote B. Aquando da sua primeira visita, ficara no lote A. Pareciam os dois idênticos.

Uma vez lá dentro, depois de secos, desfizeram as malas no quarto principal no primeiro andar e vasculharam todas as divisões e armários. O frigorífico estava vazio, mas o bar estava muito bem abastecido. Mitch preparou duas bebidas, rum e coca-cola, em honra das ilhas. Sentaram-se na varanda a olhar para o mar agitando-se violentamente e salpicando a areia. Abby afundou-se na cadeira de plástico e fechou os olhos.

- Fantástico, Abby! A nossa primeira viagem ao estrangeiro, a nossa primeira lua-de-mel a sério, e tu adormeces dez minutos depois de aterrarmos.

- Estou cansada, Mitch. Passei a noite a fazer as malas enquanto tu dormias. E

está escuro e a chover.

Mitch sorriu e começou a massajar-lhe as pernas.

- Eu até gosto da chuva. Para dizer a verdade, espero que chova a semana toda. Ficaremos fechados em casa, na cama.

- Pensei que querias fazer mergulho a semana toda.

O vento tornou-se mais forte, e a varanda começou a ficar encharcada.

- Vamos lá para dentro - disse Mitch.

ABBY conduzia com muito cuidado o jipe no meio do trânsito matinal da Baixa de George Town. Ela nunca conduzira pela esquerda. Mitch ia dando indicações e olhando para o espelho retrovisor. Apontou para uma rua lateral escondida, e o jipe disparou por entre

dois grupos de turistas. Ele deu-lhe um beijo e disse:

- Encontramo-nos aqui às cinco. - Tem cuidado - disse ela. Ele bateu com a porta e saltou para o banco de trás de um táxi que ia a passar.

- Para o aeroporto - ordenou -, e depressa.

Dez minutos depois, o táxi parava em frente ao terminal. Mitch pagou ao motorista e entrou rapidamente. O voo das linhas das Cayman Airways para a Cayman Brac partia às 9. Tinha reservado uma passagem no trimotor Trislander. No último segundo, saiu do terminal a correr, atravessou a pista e entrou a bordo. Os dez passageiros admiravam o mar azul-brilhante e pouco falaram durante a viagem de vinte minutos.

Na Cayman Brac, Rick Acklin, agente especial, observava o desembarque dos turistas.

O suor pingava-lhe do nariz. Deu um passo em frente.

- Mitch - disse ele quase inaudivelmente. Mitch hesitou. - O carro está lá fora

- disse Acklin.

Percorreram uma rua poeirenta até chegarem a um sítio chamado Mergulhadores de Brac. Via-se uma centena de barcos de vários tamanhos, ancorados, protegidos por um pontão já velho que entrava pelo mar adentro. Junto ao pontão, havia uma esplanada onde Wayne Tarrance se encontrava sozinho numa mesa a beber uma coca-cola e a observar um grupo de mergulhadores que estavam a carregar um barco com botijas amarelas. Apontou com a garrafa para duas cadeiras vazias.

Um empregado que andava ali perto ficou à espera que eles pedissem. Acklin pediu uma

coca-cola, e Mitch, uma coca com um pouco de rum.

- O Lear saiu de Memphis no sábado à noite e veio para a Grande Cayman. Desconfiamos que vinham três mercenários a bordo - disse Tárrance.

- Com que então estão cá e estão a seguir-nos?

- É claro, Mitch. Dois deles já nós reconhecemos. Um estava em Washington quando você lá esteve, é Aaron Rinuner: um tipo louro, na casa dos quarenta, com cerca de um metro e noventa de altura, cabelo muito curto, quase à

recruta, bigode louro e feições nórdicas. Desloca-se rapidamente. Vimo-lo ontem ao volante de um Escort vermelho.

- Vi-o no Aeroporto de Memphis na noite em que voltei de Washington. Achei na altura que já o tinha visto lá.

- É esse. Está cá. - Quem é o outro?

- Tony Verkler, ou Tony Duas-Toneladas, como nós lhe chamamos. Já esteve preso. Pesa cento e trinta quilos e é Ótimo a vigiar pessoas porque ninguém desconfia dele.

- Quantos homens é que vocês têm nas ilhas?

- Quatro homens, duas mulheres - disse Tarrance.

- E pode saber-se exactamente o que é que estão cá a fazer? - perguntou Mitch.

- Em primeiro lugar, estamos cá para selarmos o acordo. Em segundo lugar, para tentarmos identificar os mercenários. A ilha é um bom local de observação.

- E em terceiro lugar, querem trabalhar para o bronze?

Acklin deu uma pequena gargalhada. Tarrance sorriu e depois franziu o sobrolho.

- Não. Nós estamos cá para o proteger. A última vez que me sentei nesta mesa foi a falar com Joe Hodge e Marty Kozinski, há nove meses. Na véspera de eles morrerem.

- E acha que eu também estou prestes a morrer? - Não. Ainda não. Mitch fez sinal ao empregado do bar para lhe trazer outra bebida. - Fico muito sensibilizado: com que então eles vieram atrás de mim. Vá lá, Tarrance. Enquanto estamos aqui a falar, os mercenários, como você lhes chama, devem estar a seguir a minha mulher por toda a ilha. Não vou sossegar enquanto não voltar. Bom, quanto ao acordo? - Concordamos com os dois milhões. Pagamos-lhe o primeiro

milhão quando nos entregar todos os seus processos.

- E o meu irmão?

- Vamos tentar. Não podemos prometer nada.

- Se me querem a mim, Tarrance, vão ter que o libertar.

- Não há nenhuma maneira legítima, formal ou legal de o tirar de lá, por isso vamos ter de tentar por outros meios. E se ele for alvejado durante a fuga?

- Tirem-no de lá, Tarrance. - Vamos tentar.

- Vocês vão usar todos os poderes e meios ao dispor do FBI para ajudarem o meu irmão a fugir da prisão, entendido, Tarrance?

- Dou-lhe a minha palavra de honra.

Mitch recostou-se na cadeira. Agora o acordo era definitivo. -Então, quando é

que nos dá os nossos processos?-perguntou-lhe Tarrance.

- Daqui a dez, quinze dias.

- E como é que se propõe fazer a entrega?

- Muito simples. Depois de os ter copiado a todos e de o milhão de dólares estar onde eu quero, dou-lhe a chave de uma pequena arrecadação na área de Memphis e vocês podem ir buscá-los numa carrinha.

- Eu disse-lhe que íamos depositar o dinheiro na Suíça.

- Não. Eu estou a pensar noutra banco. Eu trabalho para tipos que fazem lavagem de dinheiro, certo? Por isso sou perito em esconder dinheiro.

- Claro, claro. Um tipo que vale dois milhões pode escolher o banco que quiser.

- Eu não vou viver o tempo suficiente para o gozar, Wayne. E você bem o sabe.

MITCH viu-o a cinco quilómetros de George Town, na estreita e sinuosa estrada para Bodden Town. Ele estava agachado atrás de um velho Volkswagen carocha com o capô aberto, como se tivesse parado por causa de problemas no motor. Era o nórdico, Aaron Rimmer.

Mitch passou, depois abrandou para os cinquenta quilómetros à hora, à espera dele. Abby virou-se e ficou a observar a estrada. Passados minutos o Volkswagen do nórdico saiu à desfilada de uma ligeira curva. O jipe dos McDeeres estava muito mais perto do que o nórdico previra. Apercebendo-se de que fora visto, abrandou bruscamente e virou para um carreiro. Mitch acelerou e

dirigiu-se para o parque de estacionamento da Escola de Mergulho Abanks.

Barry Abanks estava encostado ao bar a observar dois dos seus barcos de mergulho a desaparecerem na extremidade da ilha. Os McDeeres aproximaram-se, e Mitch apresentou discretamente a mulher a Abanks, que não foi amável nem grosseiro. Dirigiram-se ao pequeno cais, onde um dos empregados preparava um barco de pesca de nove metros. Depois de terem entrado a bordo, o empregado afastou o barco do cais fazendo marcha atrás. Abby sentou-se num banco almofadado e olhou para o horizonte. Num saco a seus pés estavam dois pares de barbatanas e máscaras de mergulho novinhas em folha. Era obviamente uma viagem para fazer mergulho e talvez um pouco de pesca. Abanks concordara em acompanhá-los depois de McDeere lhe ter dito que precisavam de discutir uns assuntos pessoais: assuntos particulares que diziam respeito à

morte do filho. DE UMA VARANDA envidraçada no segundo andar de uma casa de praia, o Nórdico viu as duas cabeças com máscaras e tubo a balouçarem na água e a desaparecerem do outro lado do barco de nove metros. Passou os binóculos a Tony Duas-Toneladas, que depressa se aborreceu e lhos devolveu.

- É raro Abanks passar horas num barco de pesca - comentou o Nórdico. - Ele gosta de mergulhadores a sério. Deve haver uma boa razão para perder um dia com dois mergulhadores sem botija novatos. Alguma coisa se passa. ERA MUITO raro as mulheres aparecerem na pequena e tranquila fortaleza da Front Street. Eram sem dúvida bem-vindas, diziam-lhes, mas raramente eram convidadas. Por isso, Abby McDeere decidiu aparecer sem ser convidada. Insistiu que queria ver o marido. A recepcionista ligou para Nina, e esta apareceu passados segundos para saudar carinhosamente a mulher do seu

chefe. Explicou-lhe que Mitch estava numa reunião.

- Ele está sempre em reuniões - replicou Abby. - Tire-o de lá! - Levaram-na rapidamente para o gabinete dele, onde Abby fechou a porta e ficou à espera. Mitch estava a observar outra das partidas caóticas de Avery. Ele ia passar dois dias na Grande Cayman. O dia 15 de Abril aproximava-se no calendário como a data marcada para um pelotão de fuzilamento, e os bancos na ilha tinham algumas contas em estado crítico. Avery iria no Lear,,que, segundo a secretária, já estava à espera.

"À espera e provavelmente carregado de notas", pensou Mitch. Quando Avery estava a agarrar no casaco, Nina entrou.

- Dr. McDeere, a sua mulher está cá. Diz que é muito urgente. Ele desceu as escadas atrás

de Nina sem dizer palavra. Abby estava sentada à

secretária. Ele fechou a porta e observou-a cautelosamente. - Mitch, o meu pai acabou de me telefonar para a escola. Descobriram um tumor num dos pulmões da minha mãe. Vai ter que ser operada amanhã. Ele respirou fundo. - Lamento muito. - Tenho de ir para lá. Pedi licença sem vencimento na escola.

- Por quanto tempo? - A pergunta foi feita num tom de voz nervoso. Ela fixou o olhar algures por detrás dele.

- Não sei, Mitch. Precisamos de passar algum tempo longe um do outro. Acho que nos vai fazer bem a ambos.

- Precisamos de conversar.

- É o que tenho tentado fazer nestes últimos seis meses, mas tu não me ouves.

- Quanto tempo é que lá vais ficar, Abby?

- Depende da minha mãe. Não, depende de muita coisa. - Estás a assustar-me, Abby.

- Eu prometo que volto. Talvez uma semana, talvez um mês. Preciso de tempo e preciso de estar com a minha mãe.

- Espero que ela fique bem. A sério.

- Eu sei. Vou para casa fazer as malas. Parto daqui a uma hora mais ou menos.

- Está bem. Tem cuidado. - Amo-te, Mitch.

Ele fez um aceno de cabeça enquanto ela abria a porta. Não se beijaram. No QUINTO andar, um técnico rebobinou a fita e carregou no botão de emergência para chamar DeVasher. Ele apareceu imediatamente, colocou os auscultadores na cabeça e escutou durante uns segundos.

- Ela vai deixá-lo, não vai? - perguntou ele ao técnico. - Nunca tinham falado de separação nem de divórcio?

- Não, senão ter-lho-íamos dito. Discutiram sobre o exagero de horas que ele passa a trabalhar e ele odeia os pais dela, mas nada que se parecesse com isto.

- Está bem. Ouve novamente as fitas para o caso de nos ter escapado alguma coisa.

ABBY partiu para o Kentucky, mas uma hora antes de chegar a Nashville deixou a Estrada Nacional n.º 40 e virou para norte pela Auto-Estrada n.º 13. Não vira ninguém a segui-la. Por vezes, ia a cento e trinta, depois a oitenta. Nada. Na pequena vila de Clarksville, voltou para leste pela Auto-Estrada n.º

12. Uma hora depois, estava no parque de estacionamento do Aeroporto de Nashville, na zona destinada a estacionamento

prolongado. Numa das casas de banho mudou de roupa, vestindo calções de caqui, mocassins e uma camisola de lã azul-escura. Prendeu o cabelo que lhe dava pelos ombros num rabo-de-cavalo e depois enfiou-o dentro da gola.

Quase cinco horas depois de ter saído de Memphis, dirigiu-se para a porta de embarque da Delta. Duas horas depois, aterrou em Miami. O voo para a Grande Cayman partia daí a meia hora.

VERY passou sete horas na dependência do Royal Bank of Montreal, na Grande Cayman. Saiu às 5 horas e acabava o trabalho no dia seguinte. Precisava de McDeere, mas as circunstâncias tinham afectado seriamente os seus planos para a viagem. Naquele momento, Avery estava exausto e cheio de sede.

Pedi uma cerveja no bar do Rurnheads e embrenhou o seu corpo bem bronzeado no

meio da multidão até chegar a uma mesa no pátio. Quando passou com um ar confiante pela mesa de dominó, Tammy Greenwood Hemphill penetrou calmamente por entre a multidão e sentou-se num banco ao balcão. Observou-o. O bronzeado dela fora comprado nas lojas de produtos de beleza. O seu cabelo estava pintado, mas não oxigenado, de um tom de louro suave, cor de areia, e também reduzira a maquilhagem. A parte de cima do biquini estava esticada ao máximo. Tinha quarenta anos, mas vinte pares de olhos esfomeados seguiram-na até ao bar, onde pediu uma soda e acendeu um cigarro. Fumou-o enquanto o observava.

Ele era um lobo. Tinha bom aspecto e sabia-o. Examinou lentamente todas as mulheres que se encontravam num raio de cinquenta metros. Tammy pediu outra soda, desta vez com um pouco de sumo de lima, e dirigiu-se ao pátio. O

lobo observava-a.

- Importa-se que me sente? - perguntou ela.
Ele soergueu-se.

- Faça favor. - Foi um momento de vitória para ele: de entre todos os lobos que se pavoneavam pelo Rumheads, ela escolhera-o a ele.

- Chamo-me Avery Tolar. Sou de Memphis.

- Muito prazer. Eu chamo-me Libby. Libby Lox, de Birmingham. - O que a traz aqui? - perguntou Avery.

- Estou em férias. Cheguei esta manhã. Estou no Palms. E você? - Eu sou advogado especialista em direito fiscal e, por incrível que pareça, vim em serviço.

- Onde é que está instalado? Ele apontou.

- A minha firma é proprietária daqueles dois apartamentos ali. - O lobo não hesitou. - Gostaria de os ver?

Ela deu uma gargalhadinha de ingénuo. - Talvez mais logo. Ele sorriu. Não seria difícil. - O que é que está a beber? - Um gin tónico. Com umas gotas de lima.

Ele foi até ao balcão e voltou com as bebidas. Aproximou a cadeira da dela.

- Tem planos para o jantar?

- Não propriamente.

- Ótimo. Há um bufete ao ar livre no Palms.

Aproximaram-se mais um do outro. Ela pensou que aquilo não era desagradável de todo, mas tinha uma missão a cumprir. Um conjunto começou a tocar reggae. O cheiro a marisco cozido, peixe grelhado e tubarão na

brasa enchia a praia. Os pombinhos, Avery e Libby, entraram de mãos dadas no pátio do Palms. Durante três horas, comeram e dançaram, beberam e dançaram. Quando ele começou a ficar bêbado, ela voltou novamente à soda. Às 10 horas, ela levou-o da pista de dança para o apartamento, que ficava ao lado. Ele conseguiu abrir a porta e entraram.

- Só mais uma bebida - disse ela, continuando a farsa. Ele dirigiu-se ao bar e arranjou-lhe um gin tónico. Ele estava a beber whisky com água lisa. Sentaram-se na varanda do quarto principal e observaram a meia-lua que decorava o mar calmo.

Ela acompanhara-o em todas as bebidas, pensou ele, e se ela era capaz de aguentar outra, ele também o seria. Mas a Natureza foi mais forte, e ele teve que se ausentar. O whisky ficou pousado numa mesa de verga, e ela sorriu ao olhar para ele: muito mais fácil

do que esperara. Deitou dois comprimidos de hidrato de cloral na bebida e continuou beberricando o seu gin.

- Vamos lá a acabar a bebida, seu rapagão - disse ela quando ele voltou. Estou pronta para ir para a cama. Ele agarrou no whisky e engoliu-o quase de um só trago. As suas papilas gustativas já estavam dormentes há várias horas. A sua cabeça balançou de um ombro para o outro e finalmente o queixo acabou por cair-lhe sobre o peito.

"Dorme bem, engatatão", disse ela para com os seus botões. Num homem com oitenta quilos, dois comprimidos de hidrato de cloral provocariam um sono profundo durante dez horas. "Oito horas", pensou ela,

"será mais seguro." Fê-lo rolar para fora da cadeira e arrastou-o até à cama. Tapou-o e aconchegou-lhe os lençóis. Deu-lhe um beijo de boa noite. Encontrou dois porta-chaves na

cômoda, onze chaves ao todo. No hall do piso de baixo, encontrou a porta misteriosa que Mitch dissera ter visto em Novembro. Era suspeita porque era de metal, estava trancada e tinha uma pequena placa que dizia ARRECADANÇA. Era a única porta com placa no apartamento.

Ao experimentar a quarta chave, a porta abriu-se. Não sentiu nenhum choque eléctrico, não ouviu nenhum alarme, nada. Mitch especulara que o lote A era utilizado pelos sócios e convidados de confiança e que o lote B o era pelos colaboradores e outras pessoas que necessitavam de vigilância constante. Por isso, ele tinha esperança de que o lote A não estivesse cheio de microfones, câmaras de filmar, gravadores e alarmes. Ela acendeu a luz. Contou doze arquivos de tamanho regulamentar à prova de fogo. Aproximou-se lentamente de um deles e abriu a primeira gaveta. Não estava fechada à chave. Apagou a luz, fechou a porta e voltou

para o quarto lá em cima, onde Avery ressonava alto. Eram 10.30. Iria trabalhar como louca até às 6 da manhã. Junto à secretária a um canto, encontravam-se três pastas grandes muito bem arrumadas. Ela agarrou nelas, apagou a luz e saiu.

A distância até ao Palms era curta, mas as pastas estavam muito mais pesadas quando chegou ao quarto 188. Estava ofegante e suada quando bateu à porta. Abby abriu a porta de rompante. - Houve algum problema?

- Ainda não. Acho que está morto. - Tammy enxugou o rosto.

- Onde é que ele está? - Abby estava com um ar profissional, nada de sorrisos.

- Está na cama. Acho que temos até às seis.

- Entrou na tal divisão? - perguntou Abby enquanto entregava a Tammy uns calções e uma camisa larga de algodão.

- Entrei. Há doze arquivos e nenhum deles está fechado. São todos do tamanho regulamentar. Só com muita sorte é que acabamos às seis. Tinham encostado o sofá, a mesa de café e a cama do quarto à parede e colocado no centro da divisão uma fotocopiadora Canon modelo 8580, com carregador e verificador automáticos, alugada, que já se encontrava ligada naquele momento. Abriram a primeira pasta e tiraram seis dossiers muito finos.

- Os dossiers são do mesmo tipo - murmurou Tammy. - Mitch diz que eles são muito esquisitos com os dossiers - explicou ela enquanto desagrafava um documento de dez páginas. - Parece que os advogados quase conseguem detectar pelo cheiro quando uma secretária andou a mexer num dossier. Por

isso, trabalhe com calma. Copie um documento, e quando voltar a pôr o agrafo, tente alinhar as páginas de modo a fazer que os buracos do antigo agrafo coincidam.

Com o carregador automático, o documento com dez páginas levou oito segundos a ser fotocopiado. A primeira pasta ficou pronta em vinte minutos. Tammy entregou os dois porta-chaves a Abby e pegou em duas malas Samsonite de lona novas e vazias e partiu para o apartamento. Abby saiu atrás dela e, no Nissan Stanza, alugado por Tammy, dirigiu-se a George Town. Numa rua estreita ladeada de casas de madeira muito bem arranjadas, encontrou a que pertencia ao único serralheiro da Grande Cayman, ou pelo menos o único que ela conseguira localizar sem ajuda e que concordara em fazer o serviço à noite. Conduziu Abby às traseiras da casa até a um pequeno barracão cheio de ferramentas e pequenas máquinas. Ela

entregou-lhe as onze chaves, que ele pousou cuidadosamente numa bancada atravancada.

- Isto é fácil - disse ele.

Trabalhou com um par de óculos grossos, furando e moldando cada uma das réplicas. Fez o trabalho em vinte minutos. Entregou os dois molhos de chaves originais e as cópias a Abby.

- Obrigada. Quanto é que lhe devo?

- Foi muito fácil - disse ele, arrastando as palavras. - Um dólar por cada uma. Ela pagou-lhe rapidamente e foi-se embora.

TAmmy encheu as duas malas pequenas com o conteúdo da primeira gaveta do primeiro armário-arquivo. Cinco gavetas, doze armários, sessenta viagens de ida e volta. Era possível. Tinham dossiers, blocos de apontamentos, folhas de computador. Mitch dissera

para copiar tudo. Não tinha bem a certeza do que andava à procura, por isso queria tudo copiado.

Ela apagou a luz e correu até lá acima para ver o engatató. Ele nem sequer se mexera. O ressonar era lento.

As Samsonites pesavam treze quilos cada uma; doíam-lhe os braços quando chegou ao quarto 188. A primeira de sessenta viagens. Abby ainda não voltara de George Town, por isso Tammy colocou o conteúdo das malas bem arrumado em cima da cama e regressou ao apartamento. A segunda gaveta era igual. Estava ofegante. Subiu as escadas para ver como é que ele estava: não se mexera desde a última viagem.

A fotocopiadora estava a zumbir quando ela voltou da segunda viagem. Abby estava a acabar a segunda pasta.

- Conseguiu as chaves? - perguntou Tammy.

- Consegui. O que é que o seu homem está a fazer?

- Se a fotocopiadora não estivesse a trabalhar, conseguia ouvi-lo a rressonar. Tammy tirou os papéis das malas e partiu para o apartamento. Abby acabou as pastas e começou a copiar as pilhas de documentos dos arquivos. Ela depressa apanhou a cadênciã do carregador automático e começou a mover-se com a graciosidade eficiente de uma empregada experiente da sala de fotocópiã.

Tammy chegou da terceira viagem completamente ofegante.

- Terceira gaveta - disse ela. Abriu o fecho das malas e fez outra pilha em cima da cama. Recuperou o fôlego e colocou numa das malas os documentos já fotocopiados da

primeira gaveta. E dali em diante passaria a ir e a vir carregada.

À meia-noite, o conjunto de reggae tocou a última música, e o Palms sossegou. Ninguém reparou na senhora cansada que entrava e saía do quarto 188 sempre com as mesmas malas.

Tammy ia sempre verificar como estava Avery, mas depois da vigésima quinta viagem convenceu-se de que ainda faltavam várias horas para ele recobrar a consciência. Por isso, só lá ia acima viagem sim, viagem não. Depois, de duas em duas viagens.

Às 2 horas, já tinham copiado o conteúdo de cinco arquivos. Mais de quatrocentas cópias encostadas à parede, formando sete pilhas que chegavam quase à cintura.

Às 5.30, o primeiro lampejo de luz do Sol viu-se a leste. Tammy esfregou as cãibras na

barriga das pernas e voltou rapidamente ao apartamento. Ou era a quinquagésima primeira viagem ou a quinquagésima segunda. Seria a última durante um bocado. Ele estava à espera dela.

Quando ela entrou no quarto, Avery estava sentado na borda da cama, de frente para a varanda. Ouvia-a entrar e voltou-se. Tinha os olhos inchados e vítreos e estava carrancudo.

- Então, rapagão - disse ela, aproximando-se da cama. - Levantaste-te cedo. Vamos lá dormir mais um bocadinho.

Ele não disse nada. Tammy sentou-se a seu lado e ele não se mexeu. - Estás acordado?

Não obteve resposta. Ele caiu de lado em cima da almofada e depois fechou os olhos. Ela pôs-lhe as pernas em cima da cama e tapou-o. Ficou sentada junto dele dez

minutos, e quando ele recomeçou a rressonar como anteriormente, ela foi a correr até ao Palms.

- Ele acordou, Abby! - disse ela em pânico. - Ele acordou e depois passou-se outra vez.

Abby parou e ficou a olhar para ela. Ambas olharam para a cama, que estava repleta de documentos ainda por copiar.

- Muito bem - disse Abby num tom frio. - Meta-se na cama com ele e espere. Telefone-me quando ele acordar e for tomar duche. Eu vou continuar a fotocopiar o que resta e tentamos pôr tudo no lugar depois de ele ir trabalhar.

- É muito arriscado.

- É tudo muito arriscado. Despache-se.

Cinco minutos depois, Tammy fez outra viagem, sem as malas, até ao apartamento. Trancou a porta da arrecadação, dirigiu-se para o quarto, voltou a colocar as chaves de Avery no sítio e enfiou-se debaixo dos lençóis.-O ENGATATÃO mexeu-se às 9.03. Gemeu em voz alta e rolou até à beira da cama. A sua cabeça balançava desajeitadamente da direita para a esquerda, chocalhando-lhe violentamente o cérebro a cada movimento. Olhou durante trinta segundos para o relógio digital até conseguir decifrar os números vermelhos: 9.05. Estavam à espera dele no banco às 9. Gemeu. A mulher!

Ela estava deitada muito quieta, de olhos fechados, rezando para que ele não lhe tocasse.

Aquele aventureiro profissional já tivera muitas ressacas, mas nenhuma como aquela. Olhou para ela e tentou lembrar-se. Fosse

qual fosse a intensidade da ressaca, conseguia sempre lembrar-se da mulher. Olhou para ela durante uns segundos e acabou por desistir.

- Acorda, querida - disse ele, qual cavalheiro. Ela presenteou-o com o melhor dos sorrisos.

- Bom dia, rapagão - arrulhou ela de olhos fechados. Apesar de a cabeça lhe andar à roda, ele sorriu.

- Ouve, Libby, acordámos tarde e já estou atrasado. Tenho que ir tomar um duche.

- Acorda-me quando saíres.

Ele levantou-se, murmurou qualquer coisa, foi para a casa de banho e trancou a porta. Ela deslizou para o outro lado da cama, pegou no telefone e ligou para Abby.

- Ele está no chuveiro. - Você está bem?

- Estou ótima.

- Ele suspeita de alguma coisa?

- Não. Não se lembra de nada. Acho que está atarantado demais. - Quanto tempo é que vai ficar aí?

- Despeço-me quando ele sair do chuveiro. - Está bem. Despache-se. - Abby desligou.

No sótão por cima de Tammy, um gravador deu um estalido e preparou-se para a chamada seguinte.

Às 10.30, estavam a preparar-se para o assalto foral ao apartamento. Três raides ousados à luz do dia. Tammy enfiou as chaves novas e reluzentes no bolso e foi-se embora com as duas malas.

As chaves entraram, e cinco minutos depois ela saía do apartamento. Quando saiu da

arrecadação pela terceira e última vez, estava tudo em ordem, tal como o encontrara. Fechou a porta do apartamento e levou as duas Samsonites bastante usadas para o seu quarto.

Às 2.30, um nativo com chapéu de palha e sem camisa bateu à porta do quarto 188 do Palms e anunciou que era da empresa Cayman Storage. Abby apontou para as caixas, e ele levou-as uma a uma para a sua carrinha. Seguiram-no no Stanza até a um armazém em George Town. Abby inspeccionou a sala e pagou em dinheiro a renda de três meses. Wayne TArrance estava sentado na última fila de trás do autocarro das 11.40

que vinha de Louisville e seguia para Indianapolis e Chicago. Era sexta-feira à

noite, e o autocarro ia cheio. Estava convencido de que alguma coisa correria mal. Não

recebera nenhum sinal nem nenhum recado. Talvez McDeere tivesse mudado de ideias.

Ouviu-se o autoclismo do outro lado do corredor e a porta abriu-se. Ela sentou-se no lugar junto ao corredor e pigarreou.

- Mr. Tarrance? - Tinha uns jeans, umas sapatinhas de algodão brancas e uma camisola grossa de malha verde. Estava de óculos escuros.

- Sou. Quem é você?

Ela agarrou-lhe na mão e apertou-lha com força. - Abby McDeere.

- Eu esperava encontrar-me com o seu marido.

- Eu sou uma espécie de agente. Queremos um milhão de dólares. - Nós queremos os processos primeiro. Foi isso que

combinámos. - Não, Mr. Tarrance. O que combinaram foi que o milhão de dóla

res deverá ser depositado por transferência bancária numa determinada conta num banco em Freeport, nas Baamas. Nós sere-mos imediatamente informados, e o dinheiro será então transferido por nós para outro banco. Quando estiver onde nós o queremos, os processos serão vossos.

- Onde é que eles estão?

- Numa pequena arrecadação em Memphis. Há cinquenta e um dossiers ao todo, todos muito bem embalados. Vai ficar impressionado. Nós trabalhamos bem.

-Nós? Você viu os dossiers?

- Claro. Ajudei a embalá-los. Vão ter uma surpresa na oitava caixa ...

- Muito bem, e pode saber-se qual é a surpresa?

- Mitch conseguiu copiar três processos de Avery Tolar e parece que são duvidosos. Dois deles relacionados com uma companhia chamada Dunn Lane, Ltd., que é uma firma controlada pela Mafia.

- Como é que sabe? Isso com certeza que não está escrito nos processos.

- Não, não está. Temos outros documentos.

Tarrance ficou a pensar nos "outros documentos" durante nove quilómetros.

- E para quando é que é? - perguntou finalmente.

- Os processos estão prontos. Quanto tempo é que demoram a arranjar um milhão?

- Até amanhã.

Abby olhou lá para fora.

- Hoje é sexta-feira. Na próxima terça-feira, às dez da manhã, vocês transferem o milhão de dólares para uma conta no Ontario Bank, em Freeport.

- Certo - disse Tarrance. - E quando é que recebemos os processos?

- Na quarta-feira de manhã receberá no seu gabinete em Memphis uma embalagem do Federal Express com a chave da mini-arrecadação. Precisamos do número da conta de Freeport.

- Eu dou-lho quando o autocarro parar. Alguma dúvida?

- Sim. Onde é que estão os tais outros documentos de que falou? - Boa pergunta. O combinado foi nós recebermos a próxima fatia, meio milhão, em troca de provas suficientes

para vocês conseguirem incriminações. Os tais outros documentos fazem parte da próxima fatia. - Quer dizer que já

obtiveram esses documentos?

- Já temos quase tudo o que precisamos. É verdade. Gostaria de ver alguns deles?

Ele olhou para ela. - É evidente.

- Mitch disse que lhes daríamos uma mão-cheia de documentos sobre a Dunn Lane, Ltd.: cópias de extractos bancários, mapas corporativos, minutas, regulamentos internos, funcionários, accionistas, registos de transferências bancárias, cartas de Nathan Locke para Joey Morolto. Mitch diz que vocês provavelmente conseguem trinta acusações só com os documentos da Dunn Lane.

Tarrance ouviu atentamente, palavra a palavra, e acreditou nela.

- Quando é que posso vê-los? - perguntou ele num tom calmo, mas ansioso.

- Quando o Ray sair da prisão. Faz parte do acordo, lembra-se? - Ah, sim. Ray.

- Ah, sim. Ou ele sai de dentro daquelas paredes ou podem esquecer a firma Bendini. Mitch e eu pegamos no nosso desprezível milhão e desaparecemos.

- Eu estou a esforçar-me.

- É melhor esforçar-se bastante. - Era mais do que uma ameaça, e ele percebeu.

Abby tirou um cartão da Bendini, Lambert & Locke do bolso. Nas costas, ela escrevera o número da conta: 477DL-19584, Ontario Bank, Freeport.

- Vou voltar para o meu lugar, lá à frente. Estamos entendidos quanto à

próxima terça-feira?

- Certíssimo. Vai sair em Indianapolis? -
Vou.

- Para onde vai?

- Vou para casa dos meus pais, no Kentucky. Mitch e eu estamos separados. Ela foi-se embora.

TAmmy estava numa das inúmeras longas filas na alfândega do Aeroporto Internacional de Miami. Atrás dela, encontravam-se duas malas de couro novinhas em folha contendo documentos suficientes para incriminar quarenta advogados. Uma hora depois de ter chegado à fila, atingiu o ponto de controle.

O agente fez um sinal com a cabeça na direcção das enormes malas de couro.

- O que é que têm lá dentro? Documentos. Sou advogada.

- Sim, sim. - Olhou lá para dentro. - Muito bem. A seguir! Tammy dirigiu-se à

porta de embarque da Delta para apanhar o avião seguinte. Chegou a Nashville à meia-noite de sábado. Arrumou as malas no Volkswagen e, nos subúrbios de Brentwood, levou-as para um apartamento de uma asoalhada. Aí deu início ao processo de organização das provas. Mitch queria uma lista de todos os documentos, todos os extractos bancários, todas as firmas. Disse que um dia passaria por lá à pressa e queria tudo organizado. Ela trabalhou durante duas horas no inventário. Depois de três viagens de um dia à Grande Cayman, o apartamento começava a ficar cheio. Na segunda-feira, partiria novamente. Sentia-se como se só tivesse dormido três horas durante a semana toda. Mas

ele dissera que era urgente: uma questão de vida.ou de morte.

TARRY Ross, aliás Alfred, estava sentado no canto mais escuro da sala do Hotel Washington Phoenix Park. A reunião seria terrivelmente curta. Pedira um café e esperava pelo seu convidado. A chávena tremeu quando tentou beber o café.

O assassino surgiu do nada e sentou-se de costas para a parede. Chamava-se Vinnie Cozzo.

Vinnie reparou na chávena que tremia e no café entornado. - Calma, Alfred. Este sítio é suficientemente escuro.

- O que é que queres? - sibilou Alfred. Só uma pequena informação.

- Custa dinheiro.

- Como sempre. - Passou um empregado e Vinnie pediu um Chivas com água.

- Como é que vai o meu amigo Denton Voyles? - perguntou Vinnie.

- Vou-me embora, Cozzo. Vou pôr-me a andar daqui para fora. - Está bem, pá, tem calma. Só preciso de uma informaçãozinha. - Despacha-te. - Alfred perscrutava a sala.

O Chivas chegou e Vinnie deu um grande gole.

- Surgiu um problemazito em Memphis. Alguns dos rapazes andam um pouco preocupados. Já ouviste falar da firma Bendini? Instintivamente, Alfred abanou a cabeça. É sempre melhor começar por dizer que não. E finalmente, depois de umas investigações cautelosas, voltar com um pequeno relatório e dizer que sim. Sim, já ouvira falar na firma Bendini e no seu cliente privilegiado.

Operação Lavandaria fora o nome escolhido pelo próprio Voyles.

Vinnie deu outro gole.

- Há um tipo chamado Mitchell McDeere que trabalha na dita firma Bendini, e nós suspeitamos de que anda a vender informações ao FBI. Só precisamos de saber se é verdade ou não.

Alfred ouviu com uma expressão impassível, embora não fosse fácil. Sabia o tipo de sangue de McDeere. Sabia que McDeere tinha falado com Tarrance meia dúzia de vezes e que no dia seguinte, terça-feira, McDeere ia ficar milionário. Era canja.

- Vou ver o que posso fazer. Vamos discutir o pagamento. - É um assunto sério, Alfred. Duzentos mil em dinheiro. Alfred deixou cair a chávena.

- Duzentos mil?! Em dinheiro?!

- Foi o que eu disse. Quanto é que te pagámos da última vez? - Setenta e cinco mil.

- Percebeste agora? É um assunto muitíssimo sério. Achas que consegues?

- Acho. - Quando? - Dá-me duas semanas.

UMA SEMANA antes do dia 15 de Abril, os advogados da Bendini, Lambert

& Locke atingiram o limite do stress e produziam a toda a velocidade à força de adrenalina. E de medo. Medo de deixarem perder uma dedução nos impostos que custaria aos clientes abastados cerca de um milhão a mais. O parque de estacionamento estava cheio a partir das 6 da manhã. As secretárias trabalhavam doze horas por dia.

Sonny Capps insultara Avery por ter de pagar quatrocentos e cinquenta mil dólares sobre um rendimento de doze milhões. Avery amaldiçoara Mitch, e embrenharam-se novamente ambos no processo Capps, praguendo e vasculhando para desenterrarem mais deduções possíveis. Capps exigiu uma reunião com Avery em Houston. À meia-noite, Mitch levou-o ao aeroporto e foi recebendo instruções pelo caminho.

Pouco depois da 1.30 da manhã, Mitch voltou para o escritório e dirigiu-se ao quarto andar. Avery trancara a porta como de costume. Ao fundo do corredor, Victor Milligan, director do Departamento Fiscal, estava sentado à secretária, praguendo com o computador. Os outros gabinetes estavam às escuras. Mitch enfiou uma chave na porta de Avery, a maçaneta rodou e ele entrou. Acendeu as luzes e dirigiu-se à pequena mesa de reuniões onde ele e o sócio tinham passado o dia e a maior parte da noite.

Sentou-se e continuou a pesquisa para Capps. Segundo as informações do FBI, Capps era um empresário legítimo. O FBI não estava interessado em Sonny Capps. Passada uma hora, Milligan fechou à chave a porta do seu gabinete e saiu. Mitch passou rapidamente revista ao quarto andar e depois ao terceiro: estavam desertos.

Voltou ao gabinete de Avery. Encostados a uma das paredes, encontravam-se quatro armários-arquivos de carvalho maciço. Mitch nunca vira ninguém mexer-lhes. Os processos em que trabalhavam estavam guardados em arquivos metálicos. Foi até aos arquivos de carvalho; estavam trancados, claro. Tinha duas chaves pequenas no porta-chaves que Abby lhe dera. A primeira entrou na fechadura do primeiro arquivo e abriu-o. Ele folheou os dossiers.

Estava principalmente interessado na Dunn Lane, Ltd., e na Gulf-South, Ltd. O

inventário feito por Tammy em Nashville continha um número significativo de documentos destas duas companhias.

Pegou num dossier da Gulf--South cheio de registos de transferências bancárias. Dirigiu-se a uma fotocopiadora situada no centro do quarto piso e ligou-a. A luz referente ao número de acesso acendeu-se. Aquele número cobrava automaticamente ao cliente o número de fotocópias feitas. Ele digitou o número do processo de Mrs. Lettie Plunk, cuja declaração de impostos se encontrava sobre a sua secretária no segundo andar. Três minutos depois, o dossier da Gulf-South estava totalmente copiado. Cento e vinte e oito fotocópias tinham sido cobradas a Lettie Plunk.

Mitch tinha dezoito declarações de impostos no seu gabinete à espera de serem assinadas e arquivadas. Naquela noite, os respectivos dezoito clientes tiveram a cobrança

automática das fotocópias das provas contra a Gulf-South e a Dunn Lane.

Partia um cabo da fotocopidora até ao terceiro andar, à sala de cobranças, onde um computador registava e cobrava todas as fotocópias feitas na firma. Outro cabo partia do computador para o quinto andar, onde outro computador registava o código de acesso, o número de cópias e a localização da máquina onde eram feitas.

Às 5 DA TARDE do dia 15 de Abril, a Bendini, Lambert & Locke encerrou as portas. Às 6, o parque de estacionamento ficou vazio, e os dispendiosos automóveis reuniram-se a três quilómetros dali, por detrás de uma marisqueira respeitável chamada Anderton's. Uma pequena sala de banquetes fora reservada para a comemoração anual de 15 de Abril. As severas regras de vida sã e moderada seriam esquecidas naquela noite. Outra regra da firma proibia

todos os advogados e secretárias de trabalharem no dia 16 de Abril. Por volta da meia-noite, duas carrinhas Ford azul-escuras, com a palavra LIMPEZA pintada em cor brilhante dos dois lados, fizeram marcha atrás até à

porta das traseiras do Edifício Bendini, e oito mulheres, com camisas da cor das viaturas, começaram a descarregar aspiradores e baldes. Conversavam animadamente enquanto avançavam pelo edifício, limpando um andar de cada vez. Os guardas vigiavam-nas atentamente.

A nova rapariga era mais lenta que as outras. Reparava nas coisas. Abria as gavetas das secretárias e dos arquivos quando os guardas não estavam a olhar. Prestava atenção. Era a terceira noite que executava aquele trabalho e começava a conhecer os cantos à casa. Encontrara o gabinete de Tolar logo na primeira noite.

Vestia uns jeans velhos e sapatos de ténis em mau estado. A camisa azul da empregada de limpeza era XL, para esconder a sua figura e fazê-la parecer gorda como as outras. Por cima do bolso, estava escrito DORIS. Quando a equipe ia a meio do segundo andar, um dos guardas disse a Doris e a outras duas mulheres para o seguirem. Enfiou uma chave no painel do elevador e desceram até à cave. Ele destrancou uma porta de metal e entraram numa grande sala dividida numa dúzia de cubículos. As secretárias eram todas pequenas, estavam a abarrotar e encontravam-se todas dominadas por um enorme computador. As paredes estavam forradas de armários-arquivos pretos. Não havia janelas.

- O material de limpeza está ali - disse o guarda, apontando para um armário. Não mexam nas secretárias. MITCH apertou os atacadores dos sapatos de corrida. Fechou a porta da cozinha e correu rua abaixo no meio

da escuridão. A West Junior High School ficava seis quarteirões a leste dali. A pista de cinza que circundava o campo de futebol era um local eleito dos praticantes de jogging. Mas, às 11 da noite, a pista encontrava-se deserta. Mitch fez o primeiro quilómetro e meio em oito minutos e iniciou a segunda volta a passo. Pelo canto do olho, viu que se encontrava alguém nos lugares descobertos da bancada. Continuou a andar.

- Psssssst. Mitch parou. - Quem está aí?

Uma voz rouca e ríspida respondeu: - Joey Morolto.

- Que engraçadinho, Tarrance.

Subiram até ao topo da bancada e entraram para a cabina da imprensa, que não estava fechada.

- É um local suficientemente discreto para si? - perguntou Mitch. - Serve. Quem é a rapariga?

- Uma empregada minha. Porque é que está sempre a fazer perguntas irrelevantes?

- Irrelevantes? Hoje, recebo uma chamada de uma mulher que nunca vi na vida que me diz que precisa de falar comigo sobre um assunto relacionado com o Edifício Bendini. Que me diz para estar aqui às onze menos um quarto para mandar cercar a pista, pois você vai aparecer a fazer jogging.

- Resultou, não resultou?

- Sim, até agora. Mas você envolveu outra pessoa nisto, e isso preocupa-me bastante. Quem é ela e o que é que ela sabe?

- Confie em mim, Tarrance. Ela é minha empregada e está a par de tudo. Para dizer a

verdade, se você soubesse o que ela sabe, estaria a distribuir intimações, em vez de estar aqui a divagar por causa dela. Tarrance suspirou.

- Está bem. Então, diga-me o que é que ela sabe.

- Na cave, há uma sala enorme com doze cubículos, doze secretárias completamente atravancadas com enormes computadores e milhares de arquivos. Arquivos protegidos electronicamente. Acho que é o centro operacional. Ela viu nas paredes dos cubículos nomes e números de telefones de dúzias de bancos nas Caraíbas. De um dos lados, há uma divisão trancada a sete chaves.

- Deve ser aí.

- Pois é, mas só estou a ver uma maneira de trazer a mercadoria cá para fora. Um mandado de busca.

- Esqueça. Não há um motivo plausível.

- Ouça, Tarrance. Tenho em meu poder mais de dez mil documentos e sei que, se estivessem em seu poder, podia mostrá-los a um juiz e obter um mandado de busca na Front Street. Quando tiver todos os documentos na mão, a sua teoria de conspiração materializa-se e pode incriminar toda a gente.

- Onde é que foi buscar os documentos?

- Tive sorte. Imaginei que a firma seria suficientemente sensata para não guardar os extractos dos bancos das Caymans no país e tinha razão. Estavam nas Caymans e foi lá que nós copiámos os documentos. Nós?

- A rapariga. E uma amiga.

- Dez mil documentos! - exclamou Tarrance.

- No mínimo, dez mil. Extractos bancários, registos de transferências bancárias, memorandos, correspondência trocada entre todo o tipo de pessoas. Coisas interessantes, Tarrance. Entrego-lhe tudo logo que o Ray sair cá para fora.

Tarrance olhou para o outro lado do campo mergulhado na escuridão.

- Vou ver o que posso fazer. Já recebeu o seu milhão de dólares? - Obrigado, Tarrance.

- Examinámos os processos que já nos deu. Bom material. Quanto tempo é

que vai demorar a entregar-nos o resto?

- Daqui a duas semanas, no dia 1 de Maio, entrego-vos mais de dez mil documentos que irão afectar gravemente uma das maiores famílias do crime organizado do Mundo inteiro e que é possível que me venham a

custar a vida. Mas prometi fazê-lo, e vocês prometeram tirar o meu irmão da prisão. Tem uma semana até ao dia 24 de Abril. Se nada acontecer, eu desapareço, e o mesmo acontece ao seu processo e à sua carreira. - O que é que ele vai fazer quando estiver cá fora?

- Lá vem você com as suas perguntas estúpidas. Vai desatar a fugir, é isso que ele vai fazer. Tem um irmão com um milhão de dólares que é perito em branqueamento de dinheiro e em operações bancárias electrónicas. Estará fora do país em doze horas e vai buscar o milhão de dólares.

- Mr. Voyles não gosta de prazos, fica muito enervado. Já teve que mexer todos os cordelinhos que podia. Acha que estou a brincar? Falou com os dois senadores do Tennessee e eles foram pessoalmente a Nashville para falarem com o governador. Tudo por causa do seu irmão.

- Ele agradece muito. Diga a Mr. Voyles para arranjar o próximo meio milhão, porque eu já tenho quase tudo pronto. Diga-lhe para tirar o meu irmão da cadeia, senão lá se vai o acordo. Diga-lhe o que quiser, Tarrance, mas ou Ray sai cá para fora dentro de uma semana ou eu desapareço.

Mitch abriu a porta e começou a descer os degraus da bancada. Tarrance seguiu-o.

- Quando é que voltamos a encontrar-nos? - gritou ele. Mitch já se encontrava na pista...

- A minha empregada chama-se Doris. Ela telefona-lhe. Siga as instruções dela.

AS FÉRIAS de três dias em Vail gozadas anualmente por Nathan Locke após o 15 de Abril tinham sido canceladas por DeVasher, cumprindo ordens de Lazarov. Locke e Oliver Lambert estavam sentados no gabinete do

quinto andar e escutavam DeVasher a tentar encaixar as peças do puzzle.

- A mulher dele foi-se embora. Detectámos alguns problemas durante os últimos meses por causa das horas a que ele chegava a casa, mas nada assim tão grave. Então, ela vai para casa da mãezinha. A mãezinha está doente, certo? Teve de tirar um pulmão, certo? Mas não conseguimos encontrar nenhum hospital que tenha sequer ouvido falar de Maxine Sutherland. É

estranho, não acham?

- Ora bolas - disse Lambert. - Talvez ela tenha dado outro nome para passar despercebida.

Locke acenou com a cabeça.

- Ele tem falado com a mulher?

- Ela telefona-lhe mais ou menos uma vez por dia. Têm tido longas conversas sobre várias coisas: o cão, a mãe dela, o escritório. Ontem à noite, ela disselhe que ia lá ficar pelo menos mais dois meses.

- Onde é que queres chegar, DeVasher? - perguntou Lambert. - Suponhamos que é tudo mentira, só para a manter longe daqui. Longe de nós e do que se avizinha. Percebem?

- Não é lá muito provável - disse Lambert. - Não me parece nada provável. DeVasher não parava de andar de um lado para o outro atrás da secretária.

- Há cerca de dez dias, alguém fez uma data de fotocópias, às 3 da manhã, no quarto andar. Os dezoito códigos de acesso utilizados pertencem aos processos de McDeere. Victor Milligan saiu do escritório por volta das duas e meia, e McDeere ficou a trabalhar no

gabinete de Avery. Tinha levado Avery ao aeroporto. Avery diz que fechou o gabinete à chave, mas ou ele se esqueceu de o fazer ou o McDeere tem uma chave. De facto, não é assim tão esquisito como isso, porque eles tinham passado o dia todo a trabalhar na declaração de impostos de Capps. A fotocopadora era a que ficava mais perto do gabinete de Avery. Creio que é garantido que foi o McDeere que fez as fotocópias.

- Quantas?

- Duas mil e doze.

- Quais foram os códigos de acesso?

- Pertenciam todos a processos fiscais. Eu sei que a explicação que ele daria era que tinha acabado as declarações e estivera apenas a copiar tudo. Seria uma explicação bastante plausível, não é verdade? Só que falta um pequeno detalhe. Cinco dias depois, a

secretária dele introduziu os mesmos códigos de acesso na fotocopadora do segundo andar. Fez cerca de trezentas fotocópias, o que, apesar de eu não ser advogado, me parece um número mais apropriado. Não?

Ambos acenaram com a cabeça, mas não disseram nada. DeVasher continuou a andar de um lado para o outro.

- Portanto, a questão é esta: o que é que ele copiou? Eu não sei. Todos os gabinetes estavam fechados à chave, à exceção do de Avery, é claro. Por isso, perguntei a Avery. Tal como todos os advogados do quarto andar, ele tem aqueles quatro arquivos de madeira com o material secreto. Ninguém lhes toca, não é? Vocês trancam-nos melhor que eu tranco os meus ficheiros. Por isso, o McDeere não lhes pode mexer sem ter uma chave. O Avery já

examinou os processos e parece que está tudo em ordem. Mas será que vocês conseguem olhar para um dos vossos processos e dizer se foi ou não fotocopiado? Não, não conseguem. Eu também não. Por isso, fui buscar os processos hoje de manhã e vou mandá-los para Chicago para eles analisar em as impressões digitais. Demoram cerca de uma semana.

- Achas então que ele fez cópias das chaves de Avery - disse Locke. - Como?

- Boa pergunta. O Avery anda sempre com elas atrás. É uma das regras da firma, não é? Quando está acordado, tem as chaves no bolso. Quando está a dormir fora de casa, põe-nas debaixo do colchão.

- Onde é que ele esteve neste último mês? - perguntou o Olhos Negros.

-Foi a Houston falar com o Capps, mas isso é muito recente. Esteve na Grande Cayman dois dias. Perguntei-lhe o que é que fizera nas duas noites e ele jurou que dormiu sozinho. - DeVasher carregou num botão de um gravador. - Mas mentiu. Esta chamada telefónica foi feita às nove e meia, no dia 2 de Abril, do quarto principal do lote A.

A cassette começou:

- Ele está no chuveiro. - Primeira voz de mulher. - Você está bem? - Segunda voz de mulher.

- Estou óptima.

- Ele suspeita de alguma coisa?

- Não. Não se lembra de nada. Acho que está atarantado demais. - Quanto tempo é que vai ficar aí?

- Despeço-me quando ele sair do chuveiro. - Está bem. Despache-se. DeVasher carregou noutro botão.

- Não faço a menor ideia de quem são e não perguntei ao Avery, por enquanto. Ele preocupa-me, anda descontrolado. Anda sempre a meter-se em aventuras. Isto é uma brecha muito grande na segurança, e cá para mim o Lazarov vai atirar-se ao ar.

- Pelo que ela diz, parece que foi uma enorme ressaca. - É evidente.

- Achas que ela fez uma cópia das chaves? - perguntou Lambert. DeVasher encolheu os ombros e perdeu toda a insolência.

- Pensei nisso durante horas. Partindo do princípio de que era uma mulher que ele encontrou num bar e que se embebedaram ambos, então já devia ser bastante tarde quando foram para a cama. Onde é que ela ia

mandar fazer uma cópia das chaves a meio da noite naquela ilha minúscula? Não me parece possível.

- Mas ela tinha uma cúmplice - insistiu Locke.

- Pois é. Talvez estivessem a tentar roubar-lhe a carteira e o plano não desse certo. Ele anda com uns milhares de dólares no bolso, mas ela não o roubou. Não sei. Mas é especulação a mais achar que as duas mulheres pegaram nas chaves, conseguiram de alguma maneira copiá-las a meio da noite sem ele saber e depois a primeira voltou a enfiar-se na cama com ele. E que isto está

de alguma maneira relacionado com McDeere e com o facto de ele ter utilizado a fotocopiadora do quarto andar. Não encaixa, rapazes. Acho que ela era uma simples carteirista.

A TEORIA da carteirista foi exposta a Lazarov, que lhe pôs mil defeitos, mas não foi capaz de imaginar nenhuma melhor. Ordenou que mudassem todas as fechaduras do terceiro e quarto pisos, da cave e dos dois apartamentos na Grande Cayman. Mandou executar uma busca na ilha para se descobrir se algum serralheiro tinha feito cópias de chaves na noite do dia 1 de Abril. Ordenou também que Avery Tolar fosse suspenso durante sessenta dias.

- Digam-lhe para dar entrada no hospital queixando-se de dores no peito. Dois meses de baixa por ordens do médico. Transfiram McDeere Para Victor Milligan.

- Disseste que tinhas um bom plano para eliminar o McDeere - disse DeVasher.

Lazarov riu-se.

- Pois é. Vamos utilizar o avião. Mandamo-lo para as ilhas em serviço e o avião explode misteriosamente.

- Perder dois pilotos? - perguntou DeVasher.
- E aquele avião tão caro?

- Pois é. Vou perguntar primeiro ao Joey. Começa a pensar nisso. - E o teu homem em Washington? - perguntou DeVasher.

- Temos a resposta daqui a uma semana. Se for afirmativa, teremos de eliminar McDeere em vinte e quatro horas.

ERA ALTURA de visitar Ray. Mitch percorreu durante cinco horas a Estrada Nacional n.º 40 em direcção a leste. Tanto ia a setenta à hora como a cento e quarenta. Entrava em todas as zonas de repouso e saía repentinamente pela faixa da esquerda. Parou num túnel e olhou. Não viu uma única vez, durante toda a viagem, um carro, camião ou

carrinha com aspecto suspeito. Uma vez na prisão, o embrulho que levava com livros e cigarros foi inspeccionado na guarita e indicaram-lhe a cabina 9.

- Por onde é que tens andado? -perguntou Ray, um pouco irritado. - És a unica pessoa no Mundo que me vem visitar, e esta é apenas a segunda vez em seis meses.

-Eu sei. Estamos na época das declarações de impostos. Mas eu escrevi-te.

- Pois é. Recebo uma carta com dois parágrafos uma vez por semana. "Olá, Ray. Como é que vai o beliche? Como é que vai a comida? Como é que vão as paredes? Como é que vai o grego ou o italiano? Eu cá vou indo. Abby está

ótima. O cão está doente. Irei visitar-te em breve. Um abraço, Mitch." Escreves cá umas cartas, irmãozinho. Como é que está a mãe?

- Não sei. Não voltei lá desde o Natal.

- Pedi-te para ires ver como é que ela estava, Mitch. Se aquele estupor lhe anda a bater, eu quero que isso pare. Se eu pudesse sair daqui, eu próprio tratava do assunto.

- E é isso que vais fazer.

Era uma afirmação, e não uma pergunta. Ray inclinou-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos. Mitch falou baixinho:

- Espanol. Habla despacio. Ray fez um ligeiro sorriso. - Cuándo?

- La semana próxima. - Mitch pensou um segundo. - Martes o miércoles. (Terça ou quarta.)

-A quê hora?

Mitch sorriu, encolheu os ombros e olhou em redor. - Como é que está a Abby? - perguntou Ray.

- Foi passar umas semanas ao Kentucky. A mãe dela está doente. - Olhou fixamente para Ray e disse com os lábios: "Confia em mim."

- O que é que ela tem?

- Tiraram-lhe um pulmão. Cancro. Ela fumou sempre como uma chaminé. Tu devias deixar de fumar.

- E deixo se algum dia sair daqui. - Tens pelo menos mais sete anos.

- Pois é, e a fuga é impossível. Há quem tente de vez em quando, mas ou são mortos ou apanhados.

- Vamos falar de outra coisa - disse Mitch.

Estavam dois guardas junto à janela por detrás da fila das cabinas de visitas. Do lado dos presos, havia só um guarda, que andava inofensivamente de um lado para o outro, meio a dormir, com um cassetete na mão. - Adónde voy?

-perguntou Ray rapidamente.

- Panama City Beach. Abby e eu fomos às ilhas Caymans no mês passado. Foram umas férias óptimas.

- Nunca ouvi falar. Onde é que fica?

- Nas Caraíbas, um pouco abaixo de Cuba.

- Quê es mi nombre? (Como é que me vou chamar?) - Lee Stevens.

- Arranja-me um livro. Gostava de ler sobre as ilhas. Pasaporte? Mitch fez um aceno de cabeça, sorrindo. O guarda passou por detrás

de Ray e parou. Os irmãos falavam dos velhos tempos no Kentucky.

Ao fim da tarde, Mitch estacionou o BMW na zona mais escura de um centro comercial nos subúrbios de Nashville. Misturou-se na multidão de pessoas que entrava para fazer as suas compras da Páscoa. Lá dentro, descobriu uma cabina telefónica e chamou um táxi. Chegaria dentro de dez minutos. Já estava escuro, era o anoitecer frio e prematuro da Primavera no Sul. Ficou a observar a porta de entrada do centro comercial sentado num bar. Tinha a certeza de que não fora seguido. Aproximou-se despreocupadamente do táxi.

- Brentwood - disse ele ao motorista. - Apartamentos Savannah Creek. O motorista percorreu o complexo habitacional em expansão e encontrou o número 480E. Mitch atirou uma nota de vinte dólares para o banco da frente. Por detrás de uma escada

exterior encontrou a porta do 480E. Estava trancada. Bateu devagar.

- Quem é? - perguntou uma voz nervosa de mulher que o fez sentir-se enfraquecer.

- Barry Abanks - respondeu ele.

Abby escancarou a porta e beijaram-se violentamente. Ele pegou nela ao colo, entrou e empurrou a porta com o pé. O divã barato e frágil era muito curto; o colchão eram apenas cinco centímetros de espuma enrolados num lençol, e as molas por baixo dele estavam salientes e eram perigosas. Mas os McDeeres não repararam.

Depois de uma hora no divã, já tinham esquecido a dor da solidão. Andaram pelo pequeno apartamento de mãos dadas, e Mitch viu pela primeira vez o que passara a ser conhecido pelos três como os Papéis Bendini. Ele vira os apontamentos e resumos

de Tammy, mas nunca os documentos em si. Tammy tinha pendurado em duas das paredes do quarto enormes folhas de papel e depois enchera-as de apontamentos, listas e gráficos. Um dia, muito em breve, ele iria passar horas ali naquele quarto a estudar os papéis e a preparar o seu processo.

Mas não naquela noite. Daí a uns minutos, ele ia partir para o centro comercial, deixando Abby sozinha. Ela levou-o novamente para o divã. NA TERÇA-FEIRA de manhã, toda a gente no escritório estava muito preocupada com Avery Tolar. Tinham-lhe feito exames e os danos não eram irreparáveis: excesso de trabalho, stress. A culpa era de Capps. Ele ficava de baixa.

Nina trouxe uma pilha de cartas para serem assinadas.

- Mr. Lambert gostaria de falar consigo se não estiver muito ocupado. Acabou de telefonar.

- Está bem - disse Mitch.

Oliver Lambert apontou para o sofá duro e ofereceu-lhe um café. - Estou preocupado com os clientes de Avery - disse ele. - Ele tinha uns assuntos pendentes nas Caymans, estava para partir amanhã e passar lá uns dias. Ele disse-me hoje de manhã que estás familiarizado com os clientes e com as contas, por isso vais ter de lá ir.

O apartamento, a arrecadação, as contas. Passaram milhares de coisas pela cabeça de Mitch. Algo não batia certo.

- Às Caymans? Amanhã?

- Sim. É bastante urgente. Avery disse que estavas habilitado a tratar dos assuntos.

- Claro, é claro que estou.

- Pronto, vais no Lear. Partes por volta do meio-dia e voltas num avião comercial na sexta à noite. Alguma objecção?

Sim, muitas: Ray ia sair da prisão, Tarrance queria os documentos, tinha que receber meio milhão de dólares e podia ter de desaparecer a qualquer momento.

- Nenhuma.

Foi para o seu gabinete e fechou a porta à chave. Atirou os sapatos ao ar, deitou-se no chão e fechou os olhos.

O ELEVADOR parou no sétimo andar, e Mitch subiu a correr as escadas até

ao nono. Tammy tinha estado à janela à espera. Abriu-lhe a porta e trancou-a atrás dele.

- Está com um ar cansado - comentou ele.

- Cansada?! Estou morta. Nas últimas três semanas, fui porteira, secretária, advogada, banqueira, pega, pombo-correio e detective particular. Fui nove vezes de avião à Grande Cayman e trouxe uma tonelada de documentos roubados. Fui quatro vezes a Nashville de carro e dez de avião. Li tantos extractos bancários que estou quase vesga. E quando são horas de ir para a cama, ponho a minha camisa de empregada de limpeza e brinco às criadas durante seis horas.

- Pode desistir das limpezas. É inútil.

- Eu disse-lhe isso há uma semana. Nem o Houdini conseguia tirar de lá

aqueles dossiers.

- Falou com Abanks? Ele recebeu o dinheiro?

- Recebeu. Foi transferido na sexta-feira.

- Ele está pronto? - perguntou Mitch. - Ele disse que sim.

- Ótimo. E o falsificador?

- Vou encontrar-me esta tarde com um expreso chamado Doc. Eddie Lomax dizia que ele era o melhor do país. Bilhetes de identidade, passaportes, cartas de condução e vistos.

- Quanto tempo é que ele demora?

- Não sei. Quando é que precisa deles? Mitch tentou raciocinar.

- O mais depressa possível. Pensei que tinha uma semana. Agora já não sei. Pode ir a Nashville de carro hoje à noite?

- Posso. Estou morta por lá ir. Já lá não vou há dois dias.

- Quero que fique lá junto ao telefone nos próximos dias. Revê novamente os Papéis Bendini. Quero uma câmara de filmar Sony com tripé. Compre uma caixa de cassetes. Quanto dinheiro tem?

- Ainda bem que pergunta. Comecei com cinquenta mil, não foi? Gastei dez mil em bilhetes de avião, hotéis, bagagem e aluguer de automóveis; e continuo a gastar. Agora quer uma câmara de vídeo e bilhetes de identidade falsos. Detestava perder dinheiro nisto.

- E se eu lhe der mais cinquenta mil? - Aceito.

Ele piscou-lhe o olho e encaminhou-se para a porta, interrogando-se se algum dia voltaria a vê-la.

A CELA tinha dois metros e meio por dois metros e meio e um lavatório ao canto. Ray

estava deitado no beliche. Ouviam-se ainda vozes em surdina ao longo do corredor, mas a maioria das luzes estavam apagadas. 11 da noite de terça-feira.

O guarda dirigiu-se silenciosamente à cela dele.

- McDeere - chamou em voz baixa por entre as grades. Ray sentou-se na beira do beliche e fitou-o.

- O director quer falar contigo. Calça os sapatos e anda comigo. O guarda enfiou uma grande chave na porta, abriu-a e apagou a luz. - Segue-me e não te armes em esperto. Não sei quem tu és, pá, mas tens uns amigos de peso. Enfiou outras chaves noutras portas e pouco depois estavam no exterior.

- Continua a seguir-me - disse o guarda.

Os olhos de Ray examinaram o recinto escuro. O muro elevava-se como uma montanha à distância. Tinha cinco metros de altura à luz do dia, mas parecia muito maior à noite. As torres dos guardas ficavam a quatro metros e meio umas das outras e estavam bem iluminadas, assim como muito bem armadas. O guarda passou, confiante, entre dois blocos de edifícios cinzentos, dizendo a Ray para o seguir e manter a calma. Ray tentava manter a calma. Pararam e olharam para o muro, a vinte e cinco metros de distância. Os holofotes varreram rotineiramente o pátio.

O guarda apontou para um sítio no muro.

- Vão atirar uma escada para ali. O arame farpado lá em cima já foi cortado. Vais encontrar uma corda grossa do outro lado.

- E estas luzes todas?

Vão ser desviadas. A escuridão vai ser total. -
E aquelas armas lá em cima?

- Não te preocupes. Eles vão estar a olhar
para o outro lado. - Tem a certeza?

- Ouve, pá, eu já vi algumas fugas preparadas
por nós cá dentro, mas esta bateu o recorde.
Foi o próprio Lattemer, o director, quem a
planeou. Ele está

ali em cima. - O guarda apontou para a torre
mais próxima.

- O director?

- Sim. Para ter a certeza de que nada corre
mal.

- Quem é que vai atirar a escada? - Dois
guardas.

Ray enxugou a testa com a manga. Tinha a
boca seca.

- Vai estar um tipo à tua espera do outro lado. Chama-se Bud. Faz o que ele te disser - sussurrou o guarda.

Os holofotes varreram novamente o pátio e depois apagaram-se. - Prepara-te!

- disse o guarda.

Ouviram-se dois apitos curtos provenientes da torre mais próxima. Ray viu silhuetas a correrem em direcção ao muro. Pegaram numa coisa que estava na relva e içaram-na.

- Corre, pá! - disse o guarda. - Corre!

Ray desatou a correr com a cabeça baixa. A escada artesanal estava no seu lugar. Balançou enquanto ele se apressava a subir os pequenos degraus. O

topo do muro tinha sessenta centímetros de largura. Tinham feito um buraco avantajado

no arame farpado enrolado. Passou pelo buraco sem tocar no arame. A corda estava exactamente onde devia estar, e ele escorregou pelo lado de fora do muro. A dois metros e meio do chão de terra batida, largou-se. Caiu de cócoras e olhou à sua volta. Ainda estava escuro. A clareira terminava a uns trinta metros, dando lugar a uma densa mata.

- Por aqui - disse uma voz calma.

Ray correu na direcção dela. Bud esperava-o atrás de uns arbustos. Depressa! Segue-me. Ray seguiu-o até perder o muro de vista. Pararam numa pequena clareira junto a um carreiro poeirento.

- Chamo-me Bud Riley. Foi engraçado, não foi? - Estendeu-lhe a mão.

- Inacreditável. Ray McDeere.

Bud era um homem corpulento, com barba preta e uma boina preta. Tinha umas botas da tropa, calças de ganga e um casaco de camuflado. - Para quem é que trabalhas? - perguntou-lhe Ray.

- Para ninguém. Limito-me a fazer uns trabalhos em free-lance para o director. Normalmente, chamam-me quando alguém salta o muro. É claro que isto hoje foi um pouco diferente. Geralmente, trago os meus cães. As sirenes começaram a uivar, e Ray deu um salto.

- Temos muito tempo, Ray - disse Bud. - Não se vão esforçar muito por te encontrar.

- Muito?

- Sim. Têm que fazer uma grande cena, acordar toda a gente, como se se tratasse de uma verdadeira fuga, mas não vão perseguir-te.

- Vamos embora - disse Ray, e começou a andar.
- O meu camião está lá em cima na estrada à nossa espera. Trouxe-te umas roupas. O director disse-me os tamanhos. Espero que gostes. Quando chegaram ao camião, Ray vestiu umas calças de sarja cor de azeitona e uma camisa grossa de algodão azul-escura.
- São giras, Bud - comentou.
- Atira a roupa da prisão para os arbustos. - Onde é que me vais deixar?
- Tenho a noite toda, Ray. Sugiro que vamos até a uma grande cidade com um terminal de camionetas. Depois, ficas por tua conta.
- Gostava de fazer uns bons quilómetros antes de começar a passear por um terminal de camionetas. Que tal Knoxville?

- Seja. Para onde é que vais depois? - Não sei. Preciso de sair do país.

- Com os amigos que tens, isso não deve ser problema. Mas é melhor teres cuidado. Amanhã, já a tua fotografia vai estar pendurada nos gabinetes dos xerifes de dez estados.

Apareceram três carros com luzes azuis a piscarem por cima do monte à frente deles. Ray deitou-se no chão.

- Calma, Ray. Eles não te vêem. - Bud enfiou a mão num dos bolsos e atirou um maço de notas para o assento. - Quinhentos dólares. Entregues em mão pelo director. Tens amigos muito poderosos.

QUARTA-FEIRA de manhã. Tarry Ross subiu as escadas até ao quarto piso do Hotel Washington Phoenix Park. O suor formava gotas nas suas sobrancelhas. Tirou os óculos

e limpou a cara. Sentiu-se enjoado e encostouse ao corrimão. O enjoo passou. "Coragem, homem. Estão duzentos mil dólares à tua espera ao fundo do corredor. Podes entrar e ir.lá buscá-los." Conseguiu percorrer o corredor até à oitava porta do lado direito e bateu. Os segundos passaram.

- Sim - disse uma voz lá de dentro.

- É o Alfred. - "Que nome tão ridículo", pensou ele. De onde teria vindo? A porta rangeu e abriu-se de par em par. Ele entrou.

-Bom dia, Alfred-disse Vinnie Cozzo calorosamente. -Queres um café?

- Não vim cá para tomar café - disse Alfred abruptamente.

- Porque é que não te descontrais? Não há a mínima possibilidade de seres apanhado.

- Cala-te, Cozzo. Onde é que está o dinheiro? Vinnie apontou para uma pasta de couro.
- Conta-me coisas, Alfred.
- Está bem. Já pagaram um milhão de dólares ao vosso McDeere. E outro milhão já está a caminho. Ele já fez uma entrega de documentos da Bendini e diz ter mais dez mil. - Voltou a sentir-se enjoado e sentou-se na beirinha da cama.
- Continua - ordenou-lhe Cozzo.
- McDeere falou muitas vezes com a nossa gente nos últimos seis meses. Vai testemunhar nos julgamentos e depois desaparecer na qualidade de testemunha protegida. Ele e a mulher.
- Onde é que estão os outros documentos?

- Não sei. Ele não diz, mas estão prontos a ser entregues. Eu quero o meu dinheiro, Cozzo.

Vinnie atirou a pasta para cima da cama. Alfred abriu-a com as mãos a tremer.

- Duzentos mil? - perguntou, desesperado.

- Foi isso que combinámos, Alfred. Em breve terei outro trabalho para ti.

- Nem pensar, Cozzo. Não aguento mais. - Fechou violentamente a pasta e correu para a porta. Parou, tentou acalmar-se e perguntou: - O que é que vocês vão fazer ao McDeere?

- O que é que te parece, Alfred?

Ele mordeu o lábio e saiu do quarto. Vinnie sorriu e fez uma chamada para Chicago para casa de Mr. Lou Lazarov.

Tarry Ross percorreu o corredor em pânico. Sete portas à frente, uma mão enorme saiu da escuridão e puxou-o para dentro de um quarto. A mão agrediu-o com força e o outro punho atingiu-o no estômago. A pasta foi esvaziada em cima da cama.

Ele foi atirado para uma cadeira e a luz acendeu-se. Três agentes do FBI seus camaradas - fitavam-no. Voyles, o director, aproximou-se dele, abanando a cabeça de incredulidade.

- És um traidor, Ross. A pior das escumalhas. Não posso acreditar. Ross mordeu o lábio e começou a soluçar.

- Quem foi? - perguntou Voyles muito atento à resposta. - Vinnie Cozzo deixou Ross escapar entre dois soluços. - Eu sei que foi Cozzo! Mas o que é

que lhe contaste? Não houve resposta.

Voyles deu-lhe uma bofetada.

- Diz-me o que é que o Cozzo queria. -
Apoiou um joelho no chão e quase sussurrou: - É o McDeere, Ross? Por favor, oh, por favor, diz-me que não é

McDeere.

Tarry Ross forçou os cotovelos nos joelhos e olhou para o chão. "Acabou-se, Tarry. Não vais conseguir ficar com o dinheiro. Estás a caminho da cadeia. Não passas de um vermezinho nojento, e acabou. O que é que poderás ganhar em manter segredo? Acabou-se, Tarry."

Voyles implorava baixinho.

- Por favor, diz que não é McDeere.

Tarry endireitou-se, olhou de frente para Voyles e fez um aceno de cabeça afirmativo.

DEVASHER não tinha tempo de esperar pelo elevador. Desceu as escadas a correr até ao quarto andar e irrompeu no gabinete de Locke. Metade dos sócios já lá estavam. A outra metade tinha sido convocada. Pairava um pânico silencioso na sala. DeVasher estava sentado à cabeceira da mesa de reuniões.

- Muito bem, rapazes. Ainda não chegou a altura de partir para o Brasil. Pelo menos por enquanto. Confirmámos esta manhã que o McDeere teve longas conversas com o FBI, que lhe pagaram um milhão de dólares, que lhe prometeram outro milhão e que tem na sua posse certos documentos que se crê serem fatais. Soubemos tudo isto através de uma fonte do FBI. Lazarov vem a caminho de Memphis, neste preciso momento, com um pequeno exército. Mas é evidente que descobrimos a coisa a tempo. Embora o FBI já

tenha alguns documentos, é óbvio que não tem os suficientes, senão já cá

tinha vindo com mandados de busca.

DeVasher estava perante uma audiência e isso dava-lhe imenso prazer. Olhou para cada um dos rostos preocupados.

- Bom, onde está McDeere? Foi Milligan quem respondeu.

- No gabinete dele. Acabei de falar com ele. Não suspeita de nada. - Ótimo. Vai partir para a Grande Cayman daqui a três horas. Não é verdade, Lambert?

- É. Por volta do meio-dia.

- Bom, rapazes, o avião não chegará ao destino. Quando tiver sobrevoado o Golfo durante cerca de meia hora, o pequeno bip desaparecerá do radar ... para sempre. Os

destroços irão espalhar-se num raio de cinquenta quilómetros, e os corpos nunca serão encontrados. É triste, mas necessário. Lazarov disse-nos para o fazermos ir pelos ares.

- Porque é que o Lazarov vem cá? - perguntou um dos sócios, que pronunciou o nome Lazarov como se fosse o de uma estrela de cinema que ia lá jantar.

- Mas que pergunta tão estúpida! - vociferou DeVasher, olhando em volta à

procura do idiota que a fizera. - Primeiro, temos que limpar o sebo a McDeere e esperar que os estragos tenham sido mínimos. Depois, vamos examinar bem este espaço e fazer as alterações necessárias. Locke levantou-se e olhou furioso para Oliver Lambert.

- Vê lá se McDeere não perde o avião.

TARRANCE e Acklin ouviram, boquiabertos, a voz no amplificador do telefone que estava em cima da mesa. Era Voyles, em Washington, explicando exactamente o que se passara e dizendo que ia partir imediatamente para Memphis. Estava quase desesperado.

- Tens que o ir buscar, Tarrance. E depressa. Cozzo não sabe que nós sabemos do Tarry Ross, mas Ross disse-lhe que McDeere estava prestes a entregar os documentos. Podem agarrá-lo a qualquer momento. Sabes onde ele está?

- Está no escritório - disse Tarrance.

- Ótimo. Vai buscá-lo. Quero falar com ele. Adeus. Tarrance deu um murro no telefone e depois marcou o número. - Para onde é que estás a telefonar? perguntou Acklin.

- Para a Bendini, Lambert & Locke, escritório de advogados. -Estás doido, Wayne?

- Ouve.

A recepcionista atendeu o telefone.

- Ligue-me ao Dr. Mitch McDeere, por favor - disse Tarrance. - Um momento, por favor - disse ela.

Depois, apareceu a secretária: - Gabinete do Dr. McDeere. - Preciso de falar com o Sr. Doutor.

- Lamento muito, mas o Sr. Doutor está numa reunião.

- Ouça, minha senhora, daqui fala o juiz Henry Hugo, e ele deveria estar na minha sala de audiências há quinze minutos atrás. Estamos à espera dele. É

um assunto urgente.

- Bom, não vejo aqui nada para hoje de manhã na agenda dele. - É a senhora quem

assenta os compromissos dele na agenda? - Bom, sou, sim, Sr. Doutor Juiz.

- Então, a culpa é sua. Agora vá chamá-lo.

Nina atravessou o corredor a correr e entrou no gabinete dele.

- Sr. Doutor, está um juiz chamado Hugo ao telefone. Diz que o Sr. Doutor devia estar no tribunal a esta hora. É melhor falar com ele. Mitch levantou-se de um salto e agarrou no telefone. Estava pálido. - Estou - disse ele.

- Mr. McDeere - disse Tarrance. - Daqui fala o juiz Hugo. Está atrasado para o julgamento. Venha imediatamente para cá.

- Sim, Sr. Dr. Juiz. - Agarrou na pasta e franziu o sobrolho ao passar por Nina.

- Desculpe - disse ela. - Não estava na sua agenda.

Mitch percorreu o corredor, desceu as escadas, passou pela recepcionista e saiu porta fora, tudo isto a correr. Chegado à rua, virou para norte e atravessou a correr o átrio do Cotton Exchange Building. Saiu, virou para leste e correu para o Centro Comercial Mid-America.

Ver-se um jovem bem-vestido, de pasta na mão, a correr pela rua como um animal acoitado pode ser comum nalgumas cidades, mas não em Memphis. As pessoas olhavam.

Escondeu-se atrás de uma bancada de fruta tentando recuperar o fôlego. Não viu ninguém a correr atrás de si. Comeu uma maçã.

Nunca admirara Wayne Tarrance. O incidente na sapataria fora um fiasco, os apontamentos que tinha sobre os Moroltos fariam adormecer uma criança. Mas a ideia sobre o código de emergência - um alerta não-faças-perguntasdesata-a-fugir-tinha sido

brilhante. Há um mês que Mitch sabia que, se o juiz Hugo telefonasse, tinha que sair porta fora e desatar a fugir. Algo correria mal, e os rapazes do quinto andar estavam prontos a agir. "Onde estará Abby?", pensou.

Dois quarteirões à frente, entrou calmamente no átrio do Hotel Peabody e procurou um telefone. Viu um no terraço que dava para o átrio. Ligou para o FBI em Memphis.

Wayne Tarrance, por favor. Fala Mitch McDeere. Tarrance atendeu segundos depois.

- Onde é que está?

- Eu estou bem, Tarrance?! o que é que se passa? - Onde é que está?

- Já não estou no edifício, juiz Hugo. Estou a salvo por enquanto. - Mitch, tem de vir para cá.

- Eu não tenho de fazer coisa nenhuma, Tarrance. E não faço nada até me responder. O que é que aconteceu?

- Bom, nós, hum ... Houve uma pequena fuga de informações. Você tem

- Uma pequena fuga é coisa que não existe, Tarrance. É melhor contar-me tudo antes que eu desligue o telefone e desapareça. Você está a localizar a chamada, não está, Tarrance? Vou desligar.

- Não! Ouça, Mitch, eles já sabem. Já sabem que estamos em contacto e sabem do dinheiro e dos documentos.

Seguiu-se um longo silêncio.

- Uma pequena fuga, Tarrance?! Parece mais um dilúvio. Diga-me como é que a coisa se passou, e depressa.

- Isto é muito doloroso para nós, Mitch. Voyles está arrasado. Um dos nossos agentes mais antigos vendeu a informação. Estamos em estado de choque.

- Oh, Tarrance, estou tão comovido com o vosso choque e sofrimento.

- Voyles chega aqui por volta do meio-dia, Mitch, com os melhores agentes. Quer falar consigo. Levamo-lo para fora da cidade.

- Pois é, agora querem que eu vá a correr para os vossos braços à procura de protecção. Você é um idiota, Tarrance. Voyles é um idiota. Vocês são todos uns idiotas. E eu sou um imbecil por ter acreditado em vocês. Vou desligar, Tarrance. Fique aí sentado, não se mexa, que eu volto a ligar daqui a trinta minutos doutro sítio qualquer.

Mitch largou o auscultador. Foi até à balaustrada e espreitou para o átrio do hotel lá em

baixo. Os patos nadavam à volta da fonte. O bar estava deserto. Uma das mesas estava ocupada por senhoras idosas ricas tomando chá e tagarelando.

De repente, o Nórdico saiu de trás de um vaso com uma árvore e olhou para ele.

- Lá em cima! - gritou ele a um cúmplice que se encontrava do outro lado do átrio.

O empregado do bar olhou para cima para Mitch e depois para o Nórdico e o amigo. As senhoras idosas ficaram a olhar em silêncio.

- Chamem a Polícia! - gritou Mitch, afastando-se da balaustrada. Os dois homens atravessaram o átrio de um salto e desataram a correr escada acima. Mitch esperou cinco segundos e aproximou-se novamente da balaustrada. O

empregado não se mexera. As senhoras estavam paralisadas. Vinham vários ruídos das escadas. Mitch sentou-se em cima do corrimão, largou a pasta, passou as pernas para o outro lado e saltou de uma altura de seis metros para o tapete do átrio. Caiu como uma pedra, mas em pé. Sentiu uma dor muito forte nos tornozelos e nos joelhos.

Por detrás dele, ao lado dos elevadores, havia uma pequena loja com as montras cheias das últimas novidades de Ralph Lauren. Ele entrou a coxear. Estava um rapaz, que não devia ter mais de dezanove anos, com um ar expectante atrás do balcão. A loja não tinha clientes. A porta exterior dava para a Union.

- Aquela porta está fechada à chave? - perguntou Mitch calmamente.

- Está.

- Queres ganhar mil dólares? Sem fazeres nada de ilegal? - Mitch tirou rapidamente dez notas de cem dólares da algibeira.

- Claro. Acho que sim.

- Não é nada ilegal, percebes? Juro-te. Abre aquela porta, e quando entrarem aqui dois homens a correr, daqui a vinte segundos, diz-lhes que eu saí por ela e que entrei num táxi.

O rapaz sorriu e pegou avidamente no dinheiro. - Claro. Não se preocupe.

- Onde é o gabinete de provas? - Ali. Junto ao armário.

- Abre a porta - disse Mitch, entrando no gabinete e sentando-se. Massajou os joelhos e os tornozelos.

O empregado estava a endireitar as gravatas quando o Nórdico e o seu parceiro entraram a correr.

- Bom dia - cumprimentou ele alegremente.

- Viste um homem entrar aqui? Estatura média, fato cinzento, gravata vermelha?

- Vi. Acabou de sair a correr por aquela porta e entrou num táxi. - Gaita! - A porta abriu-se e fechou-se e a loja ficou em silêncio. O rapaz aproximou-se do armário.

- Já se foram embora.

Mitch estava a esfregar os joelhos.

- Ótimo. Vai até à porta e espreita dois minutos lá para fora, depois vem dizerme se os viste. O rapaz voltou passados dois minutos. - Foram-se embora. Mitch continuou sentado.

- Ótimo. Quero um daqueles casacos verdes desportivos compridos, número quarenta e quatro, e uns sapatos de cabedal brancos número dez D. Trá-los para aqui, está bem?, e continua de olho alerta.

- Está bem. - Assobiou enquanto andava às voltas pela loja à procura do casaco e dos sapatos, depois enfiou-os por baixo da porta. Mitch arrancou a gravata e mudou-se rapidamente. Sentou-se de novo.

- Quanto é que te devo? - perguntou Mitch lá de dentro. - Bom, vejamos. Que tal quinhentos?

--Está bem. Chama-me um táxi e avisa-me quando chegar. TARRANCE andou cinco quilómetros à volta da secretária. Quarenta minutos depois da primeira chamada, Mitch voltou a ligar do aeroporto. Tarrance atirou-se ao telefone.

- Onde é que está?

- Aqui na cidade. Mas não por muito tempo.

- Mitch, você, sozinho, não sobrevive nem dois dias. Eles vão mandar vir homens suficientes para começar uma guerra. Tem que nos deixar ajudá-lo.

- Não sei, Tarrance. Por qualquer razão que me escapa, eu neste momento não confio em vocês. Não sei porquê. Deve ser apenas um mau pressentimento.

- Por favor, não cometa esse erro. - Seguiu-se uma longa pausa. - E os documentos? Pagámos-lhe um milhão por eles.

- Está a ficar senil, Tarrance. Pagaram-me um milhão pelos meus processos. Já os têm e eu já recebi o milhão. Mas isso era só uma parte do acordo. A minha protecção também fazia parte do acordo.

- Entregue-nos a segunda parte, Mitch. Esses documentos estão escondidos algures aqui perto, foi você quem mo disse. Vá-se embora se quiser, mas deixe-os cá.

- Não resulta, Tarrance. Neste momento, eu posso desaparecer. e os Moroltos podem ou não vir atrás de mim. Se vocês não tiverem os documentos, não podem incriminar ninguém, e se os Moroltos não forem incriminados, talvez um dia acabem por se esquecer de mim.

- Está completamente doido, Mitch. Eles são capazes de mandar assassinos montados em camelos à sua procura no deserto, se for preciso. E se não nos der os documentos, nós também o iremos perseguir. É tão simples como isso, Mitch.

- Então, vou apostar nos Moroltos. Adeus, Wayne. Desligou. Tarrance atirou o telefone

contra a parede. Mitch fez outra chamada. Tammy atendeu.

- Olá, querida. Desculpa ter-te acordado.

- Não te preocupes. O divã manteve-me acordada. O que é que se passa?

- Uma coisa muito grave. Pega num lápis e ouve com toda a atenção. Não posso perder um único segundo. Tive de fugir e eles vêm atrás de mim.

- Põe-te a milhas.

- Primeiro, telefona a Abby, que está em casa dos pais. Diz-lhe para largar tudo e fugir. Não tem sequer tempo para se despedir da mãe nem para fazer malas. Diz-lhe para desligar o telefone, meter-se no carro e fugir sem sequer olhar para trás. Que siga pela Estrada Nacional 64 até Huntington, West Virginia, e vá para o aeroporto. De

Huntington vai de avião para Mobile. Em Mobile, aluga um carro e segue para Panama City Beach. Hospeda-se no Holiday Inn sob o nome de Rachel James e fica à espera. Percebeste?

- Sim.

- Segundo, preciso que vás de avião até Memphis buscar os passaportes, etc.

- Sim, senhor.

- Terceiro, regressas ao apartamento de Nashville e não saís de ao pé do telefone. Não largues o telefone por nada deste mundo.

- Já percebi.

- Quarto, telefona ao Abanks.

- Está bem. Quais são os teus planos de viagem?

- Vou a Nashville. Ouve, Tammy, diz a Abby que pode morrer a qualquer momento se não fugir. Por isso, ela que fuja já!

- Certo, chefe.

Ele dirigiu-se a passos largos à porta 22 e entrou a bordo do voo Delta n.º 100-4 para Cincinnati. Levava na mão uma revista cheia de bilhetes de ida, todos eles pagos com cartão Visa em nome de Mitch McDeere: um para Tulsa, um para Chicago, um para Dallas e um para Atlanta.

O bilhete para Cincinnati fora pago em dinheiro e estava em nome de Sam Fortune.

LAZARov entrou no gabinete do poder, situado no quarto andar, e todos os presentes inclinaram a cabeça. DeVasher olhou para ele como uma criança assustada e açoitada. Os sócios puseram-se a olhar para os atacadores.

- Não conseguimos encontrá-lo - disse DeVasher.

Lazarov tinha muito orgulho em conseguir manter a calma nas situações de tensão.

- Onde está o carro dele? - perguntou friamente. - No parque de estacionamento.

- Que maravilha! Quer dizer que ele fugiu da vossa pequena fortaleza a pé. Telefonem para todas as empresas de aluguer de automóveis. Depois, agrupem-se em pares e dirijam-se para os aeroportos de Miami, Nova Orleães, Houston, Atlanta, Chicago, LA, São Francisco e Nova Iorque. Não saiam dos aeroportos e vigiem os voos internacionais. Mandamo-vos reforços amanhã. E

lamento ter de lhes dizer, rapazes, que não poderão facturar estas horas. Bom, e onde está a mulher dele?

- Em Danesboro, no Kentucky. Em casa dos pais.

- Vão lá buscá-la. Não lhe façam nada, limitem-se a trazê-la para cá. Agora, despachem-se.

O gabinete do poder ficou vazio.

VoYLES andava em passos pesados à volta da secretária de Tarrance, vociferando ordens. Uma dúzia de agentes ia tomando notas, enquanto ele gritava.

- Cubram o aeoroporto. Vão a todas as companhias aéreas. Avisem todas as nossas delegações nas principais cidades. Contactem a alfândega. Temos alguma fotografia dele?

- Não conseguimos descobrir nenhuma.

- Pois descubram-na, e depressa! Quero uma em todas as delegações do FBI e da

alfândega ainda esta noite. A partir de agora, ele é um fugitivo da justiça. O AUTOCARRO partiu de Birmingham pouco depois das 2 da tarde de quarta-feira. Ray ia sentado lá atrás e observava todas as pessoas que entravam. Estava com ar desportivo: comprara um par de Levi's desbotadas, uma camisa de golfe axadrezada de mangas curtas e um par de Reeboks vermelhos e brancos. Tinha óculos escuros de aviador e um boné acastanhado. Atrás do autocarro, seguiam os agentes Jenkins e Jones num Dodge Aries. A viagem tornara-se aborrecida dez minutos depois de terem saído de Knoxville. Tinham-lhes dito que se tratava apenas de uma vigilância rotineira. Se o perdessem, não tinha grande importância. Mas que tentassem não o perder. FALTAVAM duas horas para o voo de Huntington para Mobile, e Abby sentou-se num canto isolado de uma sala de espera escura a observar as chegadas e partidas. Apenas a observar. Na cadeira a seu lado, encontrava-

se um pequeno saco. Ignorando as instruções de urgência, enfiara a escova de dentes, os produtos de maquiagem e umas roupas num saco. Tinha também deixado um bilhete aos pais dizendo que precisava de ir a correr para Memphis encontrar-se com Mitch, mas que não se preocupassem que estava tudo bem.

Não sabia se ele estava morto ou vivo. Tammy dissera que ele estava assustado, mas controlado. "Vai para Panama City Beach e espera." A bordo, Abby sentou-se num lugar da coxia. Apertou o cinto e descontraíu-se. Rolaram para fora do terminal e levantaram voo em direcção a Mobile. EM CINCINNATI, Mitch apanhou um avião para Nashville. Chegou às 6 da tarde de quarta-feira, muito depois de os bancos terem fechado. Encontrou uma agência de aluguer de camionetas de carga e alugou um dos modelos mais pequenos. Pagou em dinheiro, mas foi obrigado a

utilizar a carta de condução e um cartão de crédito para o depósito. Se DeVasher conseguisse seguir-lhe o rasto até à agência de aluguer em Nashville, paciência. Comprou vinte caixas de papelão e partiu para o apartamento. Sentou-se no divã e fez a primeira chamada para o Holiday Inn de Panama City Beach. Perguntou por Lee Stevens, o nome utilizado por Ray, mas ele ainda não chegara. Mitch pensou em inúmeras coisas que podiam acontecer a Abby, com esperança de que ela estivesse no avião. Sozinha. Quando entrou no quarto, ficou maravilhado com a quantidade de documentos. Tammy construíra em cima do tapete colunas perfeitas de papéis, todas elas minuciosamente divididas em bancos e empresas das Caymans. Em cima de cada uma dessas pilhas, encontrava-se um bloco amarelo com o nome da firma, seguido de várias páginas com datas e títulos. Até Tarrance conseguiria perceber a sequência. O

grande júri iria devorá-los. E os júris nos julgamentos iriam condenar, e condenar, e condenar.

O AGENTE Jenkins bocejou com o auscultador na mão e ligou para o escritório de Memphis. Apenas um "picar o ponto" rotineiro.

- FBI, agente Acklin - respondeu uma voz masculina. - Olá, Rick. É Jenkins. Nós ...

-Jenkins! Onde é que estão?

- Estamos no terminal de autocarros em Mobile. Acabámos de o perder.

- O quê? Como é que aconteceu uma coisa dessas? Jenkins despertou repentinamente.

- O que é que se passa? Outra voz.

- Daqui fala o director Voyles. O que é que aconteceu?

Jenkins susteve a respiração e olhou desesperadamente em volta. - Nós perdemo-lo, Sr. Director. Seguimo-lo durante vinte horas, e quando saiu do autocarro aqui em Mobile, perdemo-lo na multidão. - Muito bem, filho. Ouve: nós precisamos desesperadamente de o encontrar. O irmão dele apanhou-se com o nosso dinheiro e desapareceu. Telefona para a Polícia aí de Mobile e diz-lhes que anda um assassino fugido à solta. Eles provavelmente já têm a fotografia de Ray pendurada na parede. A mãe dele vive em Panama City Beach, por isso avisa todas as autoridades policiais entre Mobile e Panama City Beach. Eu vou mandar as nossas tropas.

Às 10 HORAS, Mitch telefonou pela segunda vez para o Holiday Inn. Perguntou por Rachel James: não tinha chegado. Perguntou por Lee Stevens. Um momento. Depois de o telefone ter tocado uma dúzia de vezes, alguém atendeu.

- Estou? - Foi rápido.

- Lee? - perguntou Mitch. Uma pausa.

- Sim, sou eu.

- É o Mitch. Parabéns.

Ray deixou-se cair em cima da cama.

- Foi tão fácil, Mitch. Como é que conseguiste?

- Depois, conto-te tudo. Neste momento, estou a ser perseguido por uns tipos que me querem matar e à Abby também. Andamos fugidos. Assenta este número: seis um cinco oito nove nove quatro três oito zero. Estou num apartamento em Nashville. Se eu cá não estiver, atende uma rapariga chamada Tammy.

- Tammy?

- É uma história muito longa. Abby deve estar a aparecer por aí com o nome de Rachel James. Vai chegar num carro alugado.

- Ela vem para aqui?!

- Ouve, Ray. Os canibais vêm atrás de nós, mas nós temos um passo de avanço sobre eles.

- Avanço sobre quem? - Sobre a Máfia e o FBI. - Só? Tenho umas perguntinhas a fazer-te, maninho.

- E eu tenho todas as respostas para te dar, mas não agora. Toma conta da minha mulher e telefona-me quando ela aí chegar.

- Está descansado. E, ... olha, Mitch, obrigado. -Adiós. O EDçfoo do Southeastern Bank, no centro de Nashville, era um cilindro de vidro com trinta andares com a configuração de uma caixa de bolas de ténis. Mitch

entrou pelas portas giratórias ao mesmo tempo que uma multidão de empregados que se apressavam a ocupar os postos de trabalho. Subiu as escadas rolantes até ao terceiro andar, abriu uma porta de vidro e entrou numa enorme sala circular.

- Posso falar com Mr. Mason Laycook, por favor? - pediu ele a uma secretária.

Mr. Laycook surgiu de um dos cantos da sala. - Posso ajudá-lo? - perguntou.

- Pode. Preciso de fazer uma pequena transferência. - Diga-me o seu nome.

- Eu tenho cá conta. - "Por outras palavras, não lhe digo o meu nome, Mr. Laycook. Não precisa do nome para nada."

- Muito bem. Queira acompanhar-me, por favor. - No seu gabinete, havia uma fila de

teclados e monitores em cima de uma bancada. - O número da conta, por favor.

- Dois um quatro três um três cinco. - Sabia-o de cor. Laycook carregou num teclado e fitou o monitor.

- É uma conta código três, aberta por T. Hemphill, que só pode ser movimentada por ela e por um determinado indivíduo com a seguinte descrição física: um metro e oitenta e oito de altura, aproximadamente quilos, olhos azuis, cabelo castanho, cerca de vinte e cinco anos de idade. O senhor corresponde à descrição. - Laycook examinou o ecrã. - E os últimos números do seu cartão da Segurança Social são? - Oito cinco oito cinco.

- Muito bem. Tem acesso à conta. Agora, diga-me, por favor, o que pretende fazer.

Mitch sentou-se.

- Quero fazer uma transferência de uma conta do Royal Bank de Montreal na Grande Cayman para esta conta.

- Calculo que saiba o número.

- Quatro nove nove DFH dois um dois dois. Laycook escreveu o número e levantou-se.

- Só um momento. - Saiu da sala e regressou com o seu superior hierárquico, Mr. Nokes, um dos vice-presidentes. Pareciam ambos muito nervosos. Foi Nokes quem falou. Trazia na mão uma pequena folha de computador.

- Esta conta é de acesso restrito. Terá que nos dar certas informações antes de iniciarmos a transferência.

Mitch acenou, confiante.

- As datas e quantias dos últimos três depósitos. - Olharam atentamente para ele, sabendo que iria falhar.

Também as sabia de cor. Não tomara nenhuns apontamentos.

- 3 de Fevereiro deste ano, seis milhões e meio. 14 de Dezembro do ano passado, nove vírgula dois milhões. E 8 de Outubro do ano passado, onze milhões.

Laycook e Nokes ficaram a olhar, pasmados, para a folha que tinham nas mãos.

Nokes conseguiu esboçar um ligeiro sorriso profissional. - Muito bem. Tem acesso. Qual é o seu PIN?

Mitch sorriu e cruzou as pernas. - Sete dois zero oito três.

- E as condições da transferência?

-Dez milhões de dólares para a conta daqui, número dois um quatro três um três cinco. Quando tiverem completado esta transferência, gostaria de fazer algumas outras.

- É só um instante. Quer um café? - perguntou Nokes. -Não, obrigado. Têm algum jornal?

- É claro - disse Laycook. - Ali naquela mesa.

Saíram apressadamente do gabinete, e o ritmo das pulsações de Mitch começou a abrandar. Abriu o Tennessean de Nashville e teve de ler três colunas até encontrar uma notícia de um parágrafo sobre a fuga da Prisão de Brushy Mountain; não tinha fotografia e dava poucos pormenores. Mitch esperava que Ray e Abby estivessem a salvo no Holiday Inn na Marginal de Panama City Beach.

Até ali, supunha que não tinham deixado rasto. Assim o esperava. Laycook regressou sozinho, com uma expressão afável.

- Já completámos a transferência. O dinheiro já cá está. Em que podemos serlhe úteis agora?

- Quero fazer três transferências. Um milhão de dólares para o Coast National Bank em Pensacola para abrir uma conta de acesso exclusivo a uma senhora com aproximadamente cinquenta anos de idade. Eu depois dou-lhe a ela o PIN. Segundo, um milhão de dólares para o Dane County Bank em Danesboro, no Kentucky, para qualquer conta que esteja em nome de Harold ou Maxine Sutherland. Terceira, sete milhões para o Deutsche Bank em Zurique, conta número sete sete dois zero três BL seis zero zero. O restante dinheiro é para ficar aqui.

- Vai levar cerca de uma hora - informou Laycook enquanto escrevia.

- Obrigado, Mr. Laycook.

No ÚLTIMO piso da dependência do Royal Bank de Montreal na Grande Cayman, uma secretária pôs uma folha de computador debaixo do nariz de Randolph Osgood. Tinha feito um círculo em torno de uma invulgar transferência de dez milhões de dólares. Invulgar porque o dinheiro daquela conta não costumava regressar aos Estados Unidos e invulgar porque fora feita para um banco com o qual nunca tinham trabalhado. Osgood analisou a folha e telefonou para Memphis. Mr. Tolar encontrava-se de baixa, informou a secretária. Então, Nathan Locke. Mr. Locke estava fora. Victor Milligan?

Mr. Milligan também estava fora.

Osgood colocou a folha na pilha de coisas que tinha de fazer no dia seguinte. FORAM precisas dezassete viagens entre o apartamento e a camioneta, mas por volta do meio-dia já os Papéis Bendini se encontravam prontos para serem transportados. Mitch sentou-se no sofá e escreveu as instruções para Tammy. Descreveu detalhadamente as transferências bancárias e disse-lhe para esperar uma semana antes de entrar em contacto com a mãe dele, que em breve seria milionária.

Colocou o telefone no colo e preparou-se para executar uma tarefa desagradável. Telefonou para o Dane County Bank, perguntou por Harold Sutherland e disse que era um assunto urgente.

- Estou - respondeu-lhe o sogro.

--Mr. Sutherland, daqui fala Mitch. Já ... -
Aconteceu alguma coisa à minha filha?

- Não, ela está bem. Nós vamos ausentar-nos do país por uns tempos.
- Aconteceu alguma coisa, Mitch?
- Aconteceu. Aconteceu uma coisa muito grave, mas agora não posso explicar-lhe.
- Estás a correr perigo?
- Mais ou menos. Recebeu alguma transferência pouco usual hoje? - Alguém mandou para cá um milhão de dólares há cerca de uma hora.
- Esse alguém fui eu, e o dinheiro é seu. Seguiu-se um longo silêncio.
- Mitch, acho que mereço uma explicação.
- Com certeza, mas eu não lha posso dar. Se nós conseguirmos sair do país sem problemas, virá a sabê-lo daqui a uma semana

mais ou menos. Goze o dinheiro. Tenho que ir andando.

Mitch esperou um minuto e ligou para o Holiday Inn de Panama City Beach. Perguntou por Rachel James.

- Estou. - Era Abby.

- Olá, querida. Como é que estás?

- Péssima, Mitch. A fotografia do Ray vem na primeira página de todos os jornais daqui. Alguém o viu em Mobile.

- Onde é que ele está agora?

- Está deitado na praia a tentar bronzear a cara.

- Ouve, Abby. Esperem até ser quase noite e depois saiam do hotel a pé. A uns oitocentos metros para leste encontram um pequeno motel chamado Sea Gull's Rest. Arranjem

dois quartos um ao lado do outro. Paguem em dinheiro e dizlhes que te chamas Jackie Nagel. Percebeste o nome? Quando for noite escura, tenta ir a uma loja comprar tinta para o cabelo. Corta o cabelo muito curto e pinta-o de louro.

Louro!

- Diz ao Ray para não sair do quarto. Não corram riscos. - Amo-te, Mitch. Estou tão assustada!

- Vai correr tudo bem, querida, vais ver. Eles não sabem onde é que vocês estão e não vão conseguir apanhá-los se continuarem sempre a fugir. Chego aí

por volta da meia-noite.

Os QUARTOS n.º 38 e 39 do Sea Gull's Rest eram estreitos e pouco asseados, as colchas

até tinham queimadelas de cigarros, mas o luxo não era importante.

Na quinta-feira, depois de anoitecer, Ray pôs-se atrás de Abby com uma tesoura e aparou-lhe delicadamente o cabelo em torno das orelhas. Era um corte arrapazado, muito curto, acima das orelhas e com franja. - Nada mal disse ele, e apagou as luzes. Ela entrou na casa de banho, fechou a porta e saiu uma hora depois, loura. Ray tinha adormecido em cima da colcha.

Bateram à porta. Abby ficou petrificada, à escuta. Deu uma palmada nos pés de Ray. Bateram novamente. Ray saltou da cama.

- Quem é? - sussurrou ela junto à janela. - Sam Fortune - respondeu Mitch baixinho.

Ray destrancou a porta, e Mitch entrou. Agarrou em Abby e deu um grande abraço a Ray. Sentaram-se na cama às escuras. Mitch

apertava Abby com força. Com tanto que tinham para dizer ficaram todos calados.

- Abby contou-me tudo - disse Ray finalmente.

- Eu não sei tudo - disse ela. - Não sei quem é que nos está a perseguir.

- Presumo que andem todos por aí - disse Mitch. - DeVasher e o seu bando. Tarrance e os seus agentes do FBI. Temos que arranjar uma maneira de sair daqui. Todos juntos e em segurança.

- O que é que se segue? - perguntou Abby.

- Existem milhares de motéis baratos como este ao longo da marginal. São vinte e cinco quilómetros de motéis, apartamentos e lojas de T-shirts. O que implica muita gente, uma data de turistas de calções e sandálias, e amanhã

também nós seremos turistas: calções, sandálias, tudo o que for preciso. Calculo que, mesmo que tenham posto cem homens atrás de nós, temos ainda dois ou três dias.

- Em que carro é que vieste, Mitch? - perguntou Ray. - Numa camioneta de carga.

- Porque é que não nos enfiámos já na camioneta e zarpamos daqui? - Ouve, Ray, confia em mim. Eu não consegui tirar-te da prisão? Ouviram uma sirene a uivar na Marginal. Ficaram petrificados e ouviram-na afastar-se.

- Bom, malta - disse Mitch. - Agora vamos descarregar a camioneta. Depois, abandonamo-la para aí.

Só foram necessários alguns minutos para a camioneta se tornar numa dor de cabeça. Billy Weaver, o gerente da empresa de aluguer de Nashville, ao ler o jornal na sexta-feira de manhã, viu a notícia sobre Ray

McDeere e a busca que andavam a fazer pela costa. Mencionavam o nome de Mitch McDeere, irmão do foragido. O nome não lhe era estranho. Billy folheou os registos dos alugueres mais recentes. Claro, Mitchell Y. McDeere alugara uma camioneta pequena na quarta-feira ao fim da tarde. Billy ligou para o FBI em Nashville, e quinze minutos depois Tarrance recebia uma chamada no rádio do carro. Era Acklin quem ia a conduzir e Voyles ia no banco de trás. Uma camioneta de carga? Para que é que McDeere precisava de uma camioneta de carga? Saíra de Memphis sem carro, sem roupa, sem sapatos e sem escova de dentes. Deixara o cão em casa. Não levava nada com ele, então para que é que queria uma camioneta?

Os documentos da Bendini, é claro. Das duas uma: ou saíra de Nashville já

com os documentos na camioneta ou estava a caminho para os ir buscar. MITCH

levantou-se ao nascer do Sol. Caminhou ao longo da praia até

encontrar uma loja de conveniência. Comprou um saco cheio de coca-colas, bolos, batatas fritas, óculos escuros, bonés e três jornais. Quando voltou, abriu os jornais em cima da cama de Ray. A coisa estava pior do que pensavam. As primeiras páginas dos matutinos de Mobile, Pensacola e Montgomery traziam notícias com retratos-robô de Ray e Mitch. Os artigos estavam repletos das declarações iradas de Wayne Tarrance, agente especial do FBI. Ray McDeere fora visto pela última vez em Mobile. Ele e Mitch estavam armados e eram extremamente perigosos; tinham jurado que não seriam apanhados vivos. Se alguém visse uma pessoa parecida com algum dos irmãos McDeere, deveria comunicá-lo imediatamente à Polícia. Ray e Mitch comeram os bolos e concluíram que os retratos-robô não estavam muito parecidos com eles. Foram até ao

quarto ao lado e acordaram Abby. Começaram a desempacotar os Papéis Bendini e montaram a câmara de vídeo. Às 9 horas, Mitch fez uma chamada para Tammy, a cobrar no destinatário. Ela tinha os bilhetes de identidade e os passaportes novos. Ele disse-lhe para os enviar por correio expresso para Sam Fortune, Motel Sea Gull's Rest, Panama City Beach, Florida, e para depois sair de Nashville, ir de carro até Knoxville, instalar-se num grande motel e telefonar-lhe para o quarto n.º 39 do Sea Gull's Rest. Deu-lhe o número de telefone.

SEXTA-FERA à tarde, explodiu a bomba. Um agente da Polícia parou o carro num motel barato e reparou numa pequena camioneta de carga muito bem escondida por detrás de um contentor de lixo. Assentou todos os números de identificação da camioneta e comunicou à esquadra. Era aquela! Cinco minutos depois, o motel estava cercado por uma dúzia de polícias. Apenas sete quartos

se encontravam ocupados, explicou o dono abrindo as portas. Era uma época baixa do ano no Beachcomber Inn. Esclareceu que todos os pequenos motéis tinham dificuldades até Junho. ANDY PATRICK fora condenado pela primeira vez quando tinha dezanove anos e cumprira quatro meses de prisão por ter passado cheques sem cobertura. Catalogado como criminoso, nos vinte anos que se seguiram apenas conseguira sobreviver, sem grande sucesso, como gatuno. Vagueara pelo país roubando artigos das lojas, passando cheques sem cobertura e arrombando casas ali e acolá. Aos vinte e sete anos, sendo um jovem não-violento, frágil e pequeno, levava uma valente sova de um agente da Polícia gordo e arrogante no Texas. Perdera um olho e todo o respeito pela lei.

Em Panama City Beach, arranjava um emprego de recepcionista no Motel Sea Gull's Rest, a ganhar quatro dólares por hora. Na sexta-feira, às 9 da noite, estava ele

a ver televisão quando um agente da Polícia gordo e arrogante entrou porta dentro com um ar superior.

- Estamos à procura de uns foragidos - anunciou ele, pousando cópias dos retratos-robô no balcão sujo. - Andamos atrás destes homens. Achamos que andam por estas bandas.

Andy olhou para os retratos. A cara de Mitchell Y. McDeere parecia-lhe conhecida. O mecanismo do seu cérebro de gatuno de trazer por casa começou a ranger.

- Eu cá não os vi - disse ele -, mas vou ficar de olho. São perigosos - disse o agente. - Prega os retratos na parede. "Tu é que és perigoso", pensou Andy.

Viam-se luzes vermelhas a passar e ouviam-se sirenes a apitar na Marginal, a poucos metros dali. O agente virou costas e saiu

porta fora com um ar petulante. Andy deitou fora os retratos, depois atravessou o parque de estacionamento até ao edifício das traseiras. Bateu à porta do quarto n. 39.

- Quem é? - perguntou uma voz de mulher. - É o gerente - respondeu Andy. A porta abriu-se, e o homem que se parecia com o retrato de Mitchell Y. McDeere saiu cá para fora.

- Diga. O que é que se passa? - perguntou. Andy percebeu que ele estava nervoso.

- Os chuis acabaram de sair daqui.

- O que é que eles queriam? - perguntou Mitch inocentemente. "Querem-te a ti", pensou Andy.

- Limitaram-se a fazer perguntas e a mostrar fotografias. Eu estive a ver as fotografias, sabe?

- Hum, hum - disse Mitch, e olhou fixamente para Andy.

- O chui disse que um deles tinha fugido da prisão. Eu já estive na prisão e acho que toda a gente deve fugir de lá, sabia?

- Como é que se chama? - perguntou McDeere, sorrindo. - Andy.

- Tenho um negócio para lhe propor, Andy. Dou-lhe mil dólares agora; e amanhã, se continuar a não conseguir reconhecer ninguém, dou-lhe outros mil. E o mesmo se passará depois de amanhã.

"Um grande negócio", pensou Andy. Mas se ele podia dar-lhe mil dólares por dia, com certeza que também poderia dar-lhe cinco mil por dia. Era a grande oportunidade da sua carreira.

- Calculo que também queira que eu mantenha as empregadas longe daqui insinuou ele. Boa ideia. Isso seria Ótimo.

- Está bem - disse Andy com firmeza. - Cinco mil por dia. McDeere nem hesitou.

- Está combinado. Vou buscar o dinheiro. - Entrou no quarto e voltou com um maço de notas.

Andy pegou no dinheiro. Contá-lo-ia mais tarde. Foi-se embora sem dizer nada, e Mitch entrou no quarto n.º 38.

- Quem era? - perguntou Ray rispidamente. Mitch sorriu.

- Eu sabia que precisávamos de um golpe de sorte para nos safarmos desta. E

acho que vamos tê-lo.

MR. MOROLTO, de fato preto e gravata encarnada, estava sentado à

cabeceira da mesa na sala de reuniões do Best Western da Marginal. Sentados à sua volta, encontravam-se os seus melhores e mais inteligentes homens. Embora fossem todos assassinos sem escrúpulos, pareciam uns palhaços envergando camisas coloridas, calções extravagantes e uma espantosa variedade de chapéus de palha que Lazarov lhes tinha arranjado. Mr. Morolto normalmente teria sorrido com a figura deles, mas a premência da situação impedia-o de o fazer. Escutava Lazarov e DeVasher enquanto os dois davam deixo um ao outro.

- Eles estão cá. Eu sei que estão - disse DeVasher dramaticamente, batendo na mesa cada vez que pronunciava uma sílaba. O homem tinha ritmo. Era a vez de Lazarov:

- Concordo. A Polícia encontrou a camioneta.

DeVasher:

- Mas porquê aqui, em Panama City Beach?

Lazarov:

- Primeiro, ele já cá tinha estado, veio cá no Natal, lembras-te? Ele deve achar que com todos estes motéis baratuchos sobre a praia é um Ótimo lugar para se esconder por uns tempos.

- E a mãe dele? - perguntou Mr. Morolto.

Lazarov:

- É uma mulher muito simples, empregada numa creperia e não sabe de nada. Estamos a vigiá-la desde que cá chegámos.

DeVasher:

- Não houve qualquer contacto. Mas nós sabemos que eles estão cá, e o FBI e a Polícia também sabem.

Mr. Morolto fez um sinal de frustração com a mão.

- Pronto, está bem. Eles estão cá. Vocês são uns génios. E agora? DeVasher:

- O FBI atravessou-se-nos no caminho. Tem o controle da busca e nós não podemos fazer nada senão ficar à espera.

Lazarov:

- Primeiro, vamos livrar-nos do FBI e da Polícia. Eles ainda não sabem, mas estão prestes a continuar as buscas noutra sítio. Depois, começamos nós a bater a todas as portas dos pequenos motéis. DeVasher:

- É impossível bater a todas as portas, mas temos de tentar. Mr. Morolto levantou-se e olhou em redor.

- E a água? - perguntou, olhando na direcção de Lazarov. Todos os olhos percorreram desesperadamente a mesa e fixaram-se rapidamente em Lazarov.

- Desculpe. Mas creio que não estou a entender. Mr. Morolto inclinou-se sobre o rosto de Lazarov.

- E a água, Lou? Estamos numa praia, não é verdade? Há terra, auto-estradas, caminhos de ferro e aeroportos de um lado, e há água e barcos do outro. Se as estradas estão bloqueadas e os aeroportos e caminhos de ferro fora de questão, parece-me óbvio que eles vão tentar arranjar um barco e fugir pela calada da noite.

Todas as cabeças na sala se apressaram a acenar. DeVasher foi o primeiro a falar:

- Para mim, isso faz muito sentido.

- Que maravilha! - comentou Mr. Morolto. -
Então, onde é que estão os nossos barcos?

Lazarov levantou-se de um salto e começou a vociferar ordens aos seus subordinados.

- Vão para as docas! Aluguem todos os barcos de pesca que conseguirem encontrar. Não respondam a perguntas nenhuma; paguem o que for preciso. Ponham os nossos homens nesses barcos e comecem a patrulhar. Mantenham-se a cerca de quilómetro e meio da costa. Pouco antes das 11 da noite de sexta-feira, o Nórdico parou numa bomba de gasolina em Tallahassee e telefonou para a Polícia local.

- Ouçam - gritou ele. - Parei aqui na bomba da Texaco e vi há cinco minutos os foragidos de que vocês andam à procura!

- Quais foragidos? - perguntou o agente.

- Os McDeeres. Dois homens e uma mulher.
Eu vi-os.

Ele explicou onde estava e esperou trinta segundos até chegar o carro-patrolha com as luzes azuis a piscarem. Levaram-no logo para a esquadra e escoltaram-no até ao gabinete do graduado de serviço, onde os dois retratos-robô se encontravam à espera dele em cima da secretária.

- São esses mesmo - gritou ele. - Estavam numa carrinha Ford verde com matrícula do Tennessee, com um reboque de carga. Passaram a um metro de mim. Iam com uma mulher.

- Em que direcção seguiam? - perguntou o agente. Leste. Naquele preciso momento, a cerca de seis quilómetros dali, Tony DuasToneladas desligou um telefone público. Um agente de patrulha entrou a correr no gabinete do chefe.

- Acabámos de receber outra chamada de um Burger King a leste da cidade. Viram dois homens e uma mulher numa carrinha Ford verde com um reboque de carga.

- Têm que ser eles - disse o chefe com um enorme sorriso. F. DENTON VOYLES, director, do FBI, estava sentado na sala de reuniões do Holiday Inn de Panama City Beach a estudar uma planta das ruas com três dos seus subalternos. Entrou um agente de rompante na sala.

- Acabámos de receber uma chamada de Tallahassee. Receberam duas denúncias nos últimos quinze minutos! Identificaram-nos aos três numa carrinha Ford verde.

Voyles largou a planta e apontou para Tarrance.

- Estamos a perder o nosso tempo aqui. Quero todos os polícias do centro da Florida

nas auto-estradas dentro de uma hora. Montem barricadas à volta de Tallahassee. Todas as carrinhas Ford verdes têm de ser revista-das, entendido?

- Entendido - respondeu Tarrance com um sorriso cansado. A notícia das identificações em Tallahassee espalhou-se pela Costa Esmeralda. Panama City Beach descontraiu-se. Os McDeeres tinham-se ido embora. Por razões que lhes eram desconhecidas, as buscas tinham sido desviadas para leste.

SÁBADO, às 9 da manhã, Andy Patrick atravessou rapidamente o parque de estacionamento, dirigindo-se ao quarto n. 39. Bateu à porta ao de leve. Passado um bocado, a mulher perguntou: - Quem é?

- O gerente - respondeu ele.

Foi o homem que se parecia com o retrato de Mitchell Y. McDeere quem abriu a porta.

- Bom dia, Andy.

- Bom dia. Não sabia se vocês ainda cá estariam. - McDeere acenou com a cabeça. - Bom, ... é que, segundo a televisão, esta manhã, vocês estiveram em Tallahassee ontem à noite.

- Pois é. Nós estávamos a ver. Eles são uns brincalhões, não são? McDeere estava a meditar. Andy observou-lhe o rosto e disse:

- Não parece lá muito satisfeito. Os polícias vão-se embora e desistem da busca aqui. Isso é bom, não é?

- A coisa agora ficou mais perigosa que nunca, Andy. Andy pensou naquilo e depois perguntou:

- Como é que isso é possível?

- Os polícias só queriam prender-me. Mas andam para aí uns tipos que querem matar-me: assassinos profissionais. E esses continuam cá. Andy semicerrou o olho bom. Assassinos profissionais! Na Marginal? Recuou um passo. Apetecia-lhe perguntar quem eram eles e porque é que queriam matá-lo, mas sabia que não obteria resposta.

- Mantenha os olhos bem abertos, Andy. Agora que os polícias se foram embora, os assassinos vão entrar em acção. O dia de hoje pode ser muito perigoso, e eu preciso da sua ajuda. Se vir alguém suspeito a rondar por aqui, telefone imediatamente para cá. Nós não vamos sair dos quartos, está bem?

Poucos minutos depois de Andy se ter ido embora, Mitch desligou a televisão e voltou ao seu lugar no chão, no meio das caixas de cartão. Pegou numa pilha de documentos e acenou a Abby, o operador de câmara. Prosseguiu com as declarações.

Lazarov espalhou as suas tropas pelos pequenos motéis ao longo da Marginal. Trabalhavam aos pares. Dera-lhes instruções para começarem por interrogar as empregadas e depois baterem às portas. Deviam entrar pelo lado da praia, sem se aproximarem das recepções. Fingiriam ser polícias, e se os encontrassem, matavam imediatamente os McDeeres e agarravam num telefone.

Lamar Quin, Kendall Mahan, Wally Hudson e Gill Vaughn tinham chegado a meio da noite, num avião particular, com dez outros colaboradores da Bendini, Lambert & Lockë. Os ex-colegas de Mitch McDeere misturaram-se com os turistas nas lojas e cafés, desejando secretamente não o encontrarem. Tinham chamado os sócios que estavam espalhados pelos aeroportos de todo o país, e a meio da manhã já eles se encontravam a passear pela praia e a revistar as piscinas e os átrios dos hotéis. Contando com os advogados, Mr. Morolto tinha quase cem

homens a participar naquela pequena caça ao homem.

ANDY assinou o recibo do correio expresso às 10 horas e inspeccionou o pacote dirigido a Sam Fortune. O remetente era uma Doris Greenwood, de Memphis. Saiu do escritório com o pacote.

Quando atravessava o parque de estacionamento, viu dois homens a baterem à

porta do quarto n. 21. Achou imediatamente que tinham um ar suspeito. Vestiam ambos calções brancos que lhes chegavam quase aos joelhos e não lhes assentavam bem. Um deles tinha meias escuras e uns mocassins gastos; o outro, sandálias baratas. Traziam panamás brancos enfiados nas cabeças. Após seis meses na Marginal, Andy conseguia perfeitamente distinguir à

distância um falso turista. O que estava a bater à porta voltou a fazê-lo, e Andy viu a forma de uma enorme pistola enfiada na parte de trás dos calções. Voltou rapidamente para o gabinete e telefonou para o quarto n.º 39. - Fala Andy. Não olhem lá para fora, mas andam dois homens com um ar muito suspeito a bater às portas do outro lado do parque de estacionamento.

- São chuis?

- Acho que não. Não passaram por aqui.

- Vamos apagar as luzes. Volte a telefonar quando eles se forem embora. Andy viu-os a baterem de porta em porta, conseguindo por vezes que alguém abrisse. Não obtiveram resposta nos quartos 38 e 39. Regressaram à praia é

desapareceram. Assassinos profissionais!
Naquele motel!

Telefonou para o quarto n.º 39.

- Ouça, eles já se foram embora. Mas isto está cheio de gente daquela laia. É

melhor vocês fugirem.

- Calma, Andy. Já não nos demoramos muito por cá. E o pacote?

- Está aqui.

- Ótimo. Preciso dele. Ouça, Andy, e que tal qualquer coisita para comer?

Podia atravessar a rua e ir comprar alguma coisa quente?

Por cinco mil dólares por dia, o Sea Gull's Rest podia providenciar serviço aos quartos.

-Claro. Vou já aí.

WAYNE TARRANCE deixou-se cair em cima da cama no seu quarto do Ramada Inn, em Tallahassee. Estava furioso, confuso e exausto. Era 1.30 da manhã de sábado. Não aparecera nenhuma carrinha Ford verde com matrícula do Tennessee. McDeere eclipsara-se outra vez.

O telefone tocou uma vez. Tarrance levantou lentamente o auscultador.

- Wayne, querido! - disse Tammy, soltando uma gargalhadinha. - É a Doris.

- Onde é que está McDeere?

- Bom, Wayne, vocês quase que o encontraram, mas depois desataram a correr atrás de uma pista falsa. Mitch disse-me há minutos que nunca esteve em Tallahassee, que nunca conduziu uma carrinha Ford verde. Vocês engoliram tudo, Wayne: anzol, linha e chumbada.

Tarrance beliscou a cana do nariz. - Onde é que ele está?

- Wayne, Wayne, calma, querido. Vais receber os documentos. Tarrance sentou-se.

- Muito bem, e quando?

- Bom, podíamos insistir em receber o resto do dinheiro, mas não somos gananciosos. Vais receber os documentos dentro de vinte e quatro horas. Eu telefono-te quando Mitch me disser onde é que eles estão. Por isso, mantém-te por aí. Dorme uma soneca.

A BUSCA abrandou um pouco no sábado à tarde, quando a Polícia de Panama City Beach recebeu a quarta queixa vinda de proprietários de motéis. Tiveram de mandar agentes para o Breakers Motel, onde um proprietário irado contou que andavam homens armados a molestar os seus hóspedes. Mandaram mais agentes para a Marginal, e

pouco depois andavam a revistar os motéis à procura de homens armados que andavam à procura dos McDeeres. A Costa Esmeralda estava à beira de uma guerra. No quarto n.º 39, Ray inspeccionou pela centésima vez os novos passaportes, vistos, cartas de condução e certidões de nascimento. Doc tinha feito um bom trabalho, e Ray sorria ao examiná-los um por um.

Abby arrumou a câmara de vídeo Sony na caixa. O testemunho demorara dezasseis horas a gravar. Mitch olhara de frente para a câmara, levantara a mão direita e jurara dizer toda a verdade. Utilizando os apontamentos, sumários e gráficos de Tammy, examinou primeiro metodicamente os extractos bancários. Identificou mais de duzentas e cinquenta contas secretas em onze bancos das Caymans. Após os documentos bancários, esmerou-se em encaixar as peças da estrutura do império. Em vinte anos, os Moroltos e os seus incrivelmente corruptos e

incrivelmente ricos advogados tinham montado mais de quatrocentas corporações nas Caymans. Fez um depoimento de seis horas sobre os vários métodos utilizados pelos Moroltos e os seus advogados para transformarem dinheiro sujo em dinheiro limpo. O método de eleição era, obviamente, transportar o dinheiro num avião particular da Bendini. À medida que as corporações iam sendo formadas, o dinheiro era transferido para as contas dessas corporações e iniciava-se o branqueamento. O método mais simples e mais comum era a companhia adquirir bens imobiliários e outros bens "limpos" nos Estados Unidos. Dezasseis horas de depoimento eram suficientes. Não seria aceite em tribunal, mas surtiria efeito. Tarance e os seus compinchas poderiam mostrar a gravação ao grande júri e incriminar pelo menos trinta advogados da firma Bendini. Poderiam mostrar as cassetes a um

magistrado federal e obter os mandados de busca.

Mitch cumprira a sua parte do contrato. Embora não fosse testemunhar pessoalmente, só lhe tinham pago um milhão de dólares e ia entregar mais material do que fora combinado. Estava física e moralmente exausto, e sentou-se à beirinha da cama com as luzes apagadas. Abby estava sentada numa cadeira de olhos fechados.

Ray espreitou lá para fora através das persianas. - Precisamos de uma cerveja fresca.

- Esquece - disse Mitch rispidamente.

- Calma, maninho. Está escuro, e a loja fica mesmo ali na praia. Eu sei o que faço.

- Esquece, Ray. Não há necessidade nenhuma de corrermos riscos. Vamos embora

daqui a umas horas, e, se tudo correr bem, vais ter o resto da vida para beber cerveja.

Ray não estava a ouvir. Enterrou um boné de baseball na cabeça e escapou-se pela porta. Caminhou apressado sobre a areia, por detrás dos pequenos motéis e lojas, escondendo-se nas sombras, morto por beber uma cerveja fresca. Parou atrás da loja de conveniência, olhou rapidamente em volta e certificouse de que ninguém estava a olhar; então, dirigiu-se à porta da frente. A arca com as cervejas estava ao fundo.

Lamar Quin estava no parque de estacionamento, com o rosto oculto por um grande chapéu de palha, a conversar com um grupo de jovens de Indiana. Viu Ray entrar na loja e pensou que aquele passo descuidado lhe fazia vagamente lembrar alguém. Lamar foi até à montra principal e olhou lá para dentro. O

homem estava de óculos de sol, mas o nariz e as maçãs do rosto eram sem dúvida familiares. Lamar entrou e pegou num saco de batatas fritas. Esperou na caixa e ficou frente a frente com o homem: não era Mitchell McDeere, mas era muito parecido: a mesma estatura, o mesmo peso, o mesmo andar. Era Ray. Tinha de ser.

- Como é que vai isso? - perguntou-lhe Lamar. - Vai bem. E tu, pá? - A voz era parecida.

Lamar pagou as batatas e regressou ao parque de estacionamento. Deitou calmamente o saco num caixote de lixo junto a uma cabina telefónica e dirigiu-se apressado à loja de recordações ao lado para continuar a procurar os McDeeres.

O CAIR da noite trouxe uma brisa fresca que soprou pela praia ao longo da Marginal. O Sol desapareceu rapidamente, e a Lua não

veio substituí-lo. No Pontão Dan Russell, no centro da Marginal, os pescadores encostavam-se calmamente à balaustrada, gozando a brisa e a tranquilidade. Vinham todas as noites ao pontão pescar e admirar o mar.

De vez em quando, alguém que não era pescador ou um par de pombinhos aventurava-se pelo pontão e percorria os cem metros até à extremidade. Os pescadores não reparavam neles. Não repararam em Aaron Rimmer, o Nórdico, quando passou calmamente por detrás deles por volta das 11 horas. Fumou um cigarro no fundo do pontão e atirou a beata para o mar. Olhou para a praia e pensou nos milhares de quartos de motéis e apartamentos. O pontão ficava a uns oitocentos metros para leste do Sea Gull's Rest. Às 11.30, Abby saiu do quarto n.º 39 e começou a caminhar pela praia em direcção a leste. Envergava calções, um chapéu de palha branco e um blusão com a gola

levantada até às orelhas. Caminhava devagar, com as mãos enterradas nos bolsos, como um experiente e contemplativo vagabundo da praia. Cinco minutos depois, Mitch seguiu-lhe os passos. Tinha um apito pendurado numa guita ao pescoço, escondido sob a camisa de algodão preta, para o caso de ser necessário. Enfiara sessenta mil dólares nos bolsos. Quando ele tinha percorrido duzentos metros de areia, Ray saiu pela última vez do quarto n.º 38. Enrolada ao tronco, levava uma corda de nylon preta com doze metros de comprimento, muito bem tapada pelo blusão volumoso. Andy cobrara mais dois mil dólares pela roupa e acessórios. Ray passou pela piscina e dirigiu-se à praia. Via Mitch e mal conseguiu avistar Abby. A praia estava deserta.

Era quase meia-noite de sábado. Abby avançou até à extremidade do pontão, onde se encostou à balaustrada de cimento, olhando a vastidão negra do Golfo. As luzes

encarnadas de bóias abundavam até perder de vista. As luzes azuis e brancas do canal formavam uma linha recta em direcção a leste. Viu uma luz amarela a piscar num barco que se afastava no horizonte. Estava sozinha na extremidade do pontão.

Mitch, sentado numa cadeira de praia junto ao início do pontão, não conseguia vê-la, mas tinha uma óptima panorâmica do mar. A um metro e meio dali, estava Ray, sentado numa rocha cor de tijolo. Esperaram. Olharam para os relógios.

À meia-noite em ponto, Abby abriu nervosamente o fecho do blusão e tirou uma pesada lanterna. Escondeu-a com o blusão, apontou para o mar e carregou no botão: acendeu-a e apagou-a, acendeu-a e apagou-a, acendeu-a e apagou-a. A lâmpada verde brilhou três vezes. Ela olhava fixamente para o mar.

Nada. Esperou dois minutos e voltou a acender a lanterna. "Calma, Abby. Ele está algures por ali", disse para consigo. Acendeu e apagou a lanterna mais três vezes e ficou à espera. Nada.

Mitch observava ansiosamente o mar. Pelo canto do olho, viu um vulto aproximar-se, quase a correr, das escadas do pontão: era o Nórdico. Mitch lançou-se praia fora atrás dele.

Aaron Rimmer observava a mulher com o chapéu branco que estava na extremidade do pontão. Ela estava curvada, segurando qualquer coisa que se acendeu novamente três vezes. Aproximou-se silenciosamente dela.

- Abby.

Ela virou-se bruscamente e tentou gritar. Rimmer deu um salto na direcção dela e

atirou-a contra a balaustrada. Mitch emergiu da escuridão e lançou-se de cabeça às pernas do Nórdico, e caíram os três com força no cimento. Mitch sentiu uma arma no cóis das calças do Nórdico. Quis dar-lhe um murro, mas falhou. Rimmer rodopiou e acertou em cheio no olho esquerdo de Mitch. Abby deu-lhe uns pontapés e arrastou-se para longe. Mitch estava cego e atordoado. Rimmer levantou-se rapidamente e deitou a mão à arma, mas Ray atirou-se a ele qual aríete e lançou o. Nórdico contra a balaustrada, desferindo em seguida quatro socos, semelhantes a tiros, nos olhos e nariz, cada um dos quais fez jorrar sangue. Habilidades aprendidas na prisão. O Nórdico gemeu e caiu de cara no chão.

Ray tirou-lhe a pistola e estendeu-a a Mitch, que tentava focar o olho bom. Abby perscrutava o pontão: ninguém.

- Começa a acender a lanterna - disse Ray enquanto desenrolava a corda que trazia ao peito.

Abby voltou-se para a água e começou a acender e apagar a lanterna desenfreadamente.

- O que é que vais fazer? - sussurrou Mitch, olhando para Ray. - Lamento, mas não temos outra alternativa - murmurou Ray. Agarrou numa pequena parte da corda, torceu-a à volta do pescoço do Nórdico e puxou. Passados três minutos, anunciou: - Está morto. - Atou a outra extremidade da corda ao poste, fez deslizar o corpo sob a balaustrada e fê-lo baixar silenciosamente até

à água.

- Eu desço primeiro - disse Ray, começando a passar por entre os pilares da balaustrada e

deslizando corda abaixo. Dois metros e meio abaixo da plataforma do pontão havia uma viga de ferro entre dois pilares de betão: um Ótimo esconderijo. Abby desceu a seguir. Ray agarrou-lhe nas pernas enquanto ela se agarrava à corda e descia lentamente. Mitch, a ver só de um olho, desequilibrou-se e quase foi parar à água.

Mas conseguiram. Sentaram-se na viga, três metros acima da água escura e fria, três metros acima dos peixes e do corpo do Nórdico. Ray cortou a corda para o cadáver ir para o fundo.

Pareciam três corujas num galho à espreita, aguardando. Os únicos barulhos que se ouviam eram o suave bater das ondas lá em baixo e o clique da lanterna a acender e a apagar.

Então, ouviram vozes lá em cima no pontão. Vozes nervosas, ansiosas, em pânico, à

procura de alguém. Depois, foram-se embora. Passou-se uma hora. A viga de ferro não era confortável.

- Já viram aqueles dois barquitos ali? - perguntou Ray. Os barcos encontravam-se a cerca de uma milha da costa, e há já uma hora que andavam lentamente, de forma suspeita, de um lado para o outro, sempre à vista da praia.

- Acho que são barcos de pesca - disse Mitch.

- Quem é que anda a pescar à uma da manhã? - perguntou Ray. Nenhum dos três encontrou uma explicação plausível.

Foi Abby quem o viu primeiro.

- Olhem - disse ela, apontando para um objecto escuro que, a uns cinquenta metros, avançava lentamente na direcção deles. Observaram-no atentamente. Depois,

ouviram um barulho semelhante ao de uma máquina de costura.

- Continua a acender a lanterna - disse Mitch.

O objecto aproximava-se cada vez mais: era um homem num bote. - Abanks sussurrou Mitch. O zumbido extinguiu-se.

- Onde diabo estão vocês?

- Aqui. Por baixo do pontão. Despache-se, bolas!

Abanks parou o barco de borracha de dois metros e meio por baixo do pontão. Eles atiraram-se da viga e aterraram alegremente em monte. Abraçaram-se silenciosamente uns aos outros e depois abraçaram Abanks. Ele acelerou o motor de cinco cavalos e rumou ao mar alto.

- Onde é que está o barco? - perguntou Mitch.

- A cerca de uma milha da praia - respondeu Abanks. - O que é que fez à sua lanterna?

Abanks apontou para uma lanterna junto do motor. - Não tem pilhas. O BARCO era uma escuna de doze metros de comprimento que Abanks descobrira na Jamaica por apenas duzentos mil dólares. Um amigo ajudou-os a subirem a bordo. Chamava-se George - apenas George - e falava inglês com sotaque. Abanks disse que ele era de confiança.

- Se quiserem, há whisky na cabina - disse Abanks.

Ray encontrou o whisky. Abby deitou-se num pequeno sofá. Mitch deixou-se ficar no convés a admirar o seu barco novo. Quando Abanks e George puseram o zebro a bordo, Mitch disse:

- Vamos embora daqui.

- Como queira - replicou George, bem-educado.

Mitch olhou para as luzes ao longo da praia e despediu-se. Desceu lá para baixo e serviu-se de um whisky.

TARRANCE estava a dormir vestido em cima da cama. Não se mexera desde a última chamada, recebida há seis horas. O telefone voltou a tocar.

,

- Estou. - A voz saiu-lhe lenta e arroucada. - Wayne, querido. É a Doris. Acordei-te? - Claro.

- Já podes ir buscar os documentos. Estão no quarto número trinta e nove do Motel Sea Gull's Rest, Auto-Estrada 98, Panama City

Beach. E dezasseis horas de gravações de vídeo. O recepcionista é um tipo chamado Andy e deixa-te entrar no quarto.

- Tenho uma pergunta para te fazer - disse Tarrance. - Com certeza, rapaz. Diz lá.

- Onde é que ele te desencantou? Isto teria sido impossível sem ti. - Céus, obrigadinha, Wayne. Desencantou-me em Memphis, ficámos amigos e ele ofereceu-me uma pipa de massa. Nunca mais vou ter de trabalhar na vida. Agora, tenho que desligar. Foi divertidíssimo.

- Onde é que ele está?

- Neste preciso momento, está a bordo de um avião a caminho da América do Sul. Mas, por favor, não percas tempo a tentar apanhá-lo. Eu gosto muito de ti, mas tu nem sequer conseguiste apanhá-lo em Memphis. Adeus.

- Desligou. MADRUGADA de domingo. A

escuna de doze metros rumava a sul a todo o pano sob um céu límpido. Mitch estava sentado no convés, ouvindo George expor os princípios básicos da navegação à vela. Tinha cinquenta e muitos anos, era baixo e magro e a sua pele estava queimada pelo sol como a de Abanks. Nascera na Austrália, mas há vinte e oito anos fugira de lá após o maior assalto a um banco da história do seu país.

Descobrira as Caraíbas no fim dos anos 60 e, depois de ter visto os milhares de pequenas ilhas primitivas de língua inglesa, decidiu que encontrara um lar. Depositou o dinheiro em bancos das Baamas, Belize, Panama e, obviamente, na Grande Cayman. Construiu um pequeno complexo numa extensão de praia deserta na Pequena Cayman e passara os últimos vinte e um anos a passear pelas Caraíbas na sua escuna de nove metros.

- Existem milhares de ilhas - explicou ele. - Eles nunca o encontrarão se você andar sempre a saltar de ilha em ilha.

- Quando é que deixa de se preocupar com o ser perseguido?

- Oh, eu ainda penso nisso, mas já não me preocupo. Quanto é que conseguiu sacar?

- Oito milhões, mais coisa menos coisa - disse Mitch.

- Que bom! Tem dinheiro suficiente para fazer o que lhe apetece, por isso esqueça-os. Arranja uma pequena ilha algures, talvez a Pequena Cayman ou a Brac, constrói uma casa e passa o resto da vida a passear pelas ilhas. Há coisas bem piores, sabia?

Durante dias a fio, observaram George e ouviram as suas instruções. Ray, o linguista, ouvia e memorizava palavras como

spinnaker, mastro, proa, popa, ré, cana de leme, molinetes das adriças, ferragens de topo de mastro, brandais, balaustrada, molinetes das escotas e boom vang. George instruiu-os sobre a inclinação do barco, navegar à bolina, à popa, aquartelar as velas, virar de bordo, pôr o barco de capa, caçar e afinar as velas e orçar. Ray assimilava a linguagem da navegação; Mitch estudava a técnica.

Abby permanecia na cabina, falando muito pouco e sorrindo apenas quando era necessário. Tinha saudades da sua casa e tentava imaginar o que lhe aconteceria. Tinha saudades das ruas cheias de sombras e dos grupos de crianças a andarem de bicicleta. Pensou no cão e rezou para que um vizinho o adoptasse. Estava preocupada com os pais: com a segurança deles e com o medo que sentiriam. Quando voltaria a vê-los? Mitch observava-a atentamente, mas não tentava aproximar-se. No fundo, não tinha

nada para lhe dizer. Talvez dali a uns dias pudessem conversar.

Ao fim do quarto dia, quarta-feira, avistaram a Grande Cayman. Barry Abanks despediu-se ao cair da noite. Os McDeeres limitaram-se a agradecerlhe, e ele foi-se embora no barco de borracha. Desembarcaria num clube de mergulho a uns cinco quilómetros de Bodden Town e telefonava a um dos capitães dos seus barcos de mergulho para o ir buscar. Ficaria a saber se alguém com ar suspeito andara a rondar pelas redondezas. Abanks não esperava vir a ter qualquer problema.

O COMPLEXO de George na Pequena Cayman consistia numa pequena casa principal de madeira pintada de branco e em dois anexos mais pequenos ainda. Fay, uma nativa da ilha, vivia no anexo mais pequeno e tratava-lhe da propriedade. Os McDeeres instalaram-se na casa principal e tentaram iniciar uma vida nova.

Fay ia duas vezes por semana à cidade fazer as compras e buscar o correio. Um dia, trouxe uma encomenda de Barry Abanks. Lá dentro, encontrava-se um envelope grosso enviado por Doris Greenwood, de Miami, contendo três jornais: dois de Atlanta e um de Miami.

Os cabeçalhos falavam da incriminação em massa da firma de advogados Bendini, de Memphis. Tinham sido incriminados cinquenta e um membros actuais e reformados da firma juntamente com trinta e um alegados membros da família de criminosos Morolto, de Chicago. Citavam F. Denton Voyles, director do FBI, que dissera tratar-se de um rude golpe para o crime organizado na América. Voyles dissera também que isto devia ser encarado como um aviso aos profissionais e homens de negócios honestos que se deixam tentar a manusear dinheiro de origens duvidosas. Mitch dobrou os jornais e foi dar um grande passeio pela praia. Depois,

sentou-se à sombra de umas palmeiras. O jornal de Atlanta trazia os nomes de todos os advogados da Bendini que tinham sido incriminados. Mitch via os rostos de todos eles. Olhando para o oceano brilhante, pensou em Lamar e Kay Quin: amava-os e odiava-os. Tinham ajudado a seduzi-lo a entrar, para a firma e não estavam inocentes, mas eram seus amigos. Que desperdício!

Talvez Lamar passasse apenas um par de anos na cadeia e saísse em liberdade condicional. Talvez Kay e os miúdos se aguentassem. Talvez.

- Amo-te, Mitch. = Abby estava de pé atrás dele. Trazia um jarro de plástico e dois copos.

Ele sorriu-lhe.

- O que é que trazes aí dentro?

- Ponche com rum. Fay fê-lo para nós. - Está forte?

Abby sentou-se ao lado dele na areia.

- Quase só tem rum. Eu disse à Fay que precisávamos de nos embebedar, e ela concordou.

Ele abraçou-a com força e bebeu um gole do ponche. Olharam para um pequeno barco de pesca avançando lentamente na água límpida. - Estás com medo, Mitch?

- Estou aterrorizado.

- Eu também. Isto é uma loucura.

-Mas conseguimos, estamos vivos, estamos sãos e salvos e estamos juntos.

- Mas, e amanhã? E depois de amanhã?

- Não sei, Abby. Podia ser pior: o meu nome podia vir no jornal ao lado daqueles que acabaram de ser incriminados e até podíamos estar mortos. Há

coisas piores do que navegar pelas Caraíbas com oito milhões de dólares no banco.

- Achas que os meus pais não correm perigo?

- Acho que não. O que é que o Morolto ganhava fazendo alguma coisa aos teus pais? Não lhes vai acontecer nada, Abby.

Ela voltou a encher os copos e deu-lhe um beijo.

- Eu também estou bem, Mitch. Desde que estejamos juntos, consigo aguentar seja o que for.

- Abby - disse Mitch lentamente, fitando a água. - Tenho uma coisa para te confessar.

- Sou toda ouvidos.

- Se queres saber a verdade, eu nunca quis ser advogado. - Ai não?

- Não. Cá bem no fundo, o que eu sempre quis ser foi marinheiro. - Ai sim? Já

alguma vez fizeste amor na praia?

Mitch hesitou um segundo. - Hum ... não.

- Então, toca a beber, marinheiro. Vamos embebedar-nos e fazer um filho.

ACERCA DO AUTOR

John Grisham visitou as ilhas Caymans num expedição de mergulho em 1978, quando ainda andava na faculdade de direito. Teve a

certeza de que havia de lá voltar um dia. E voltou, oito anos depois, para reunir material para o enredo do seu segundo romance, *A Firma*. O enredo possuía aquilo a que a sua mulher, Renée, chamou "uma atracção irresistível": clientes incrivelmente ricos e os seus advogados por vezes duvidosos.

O próprio John Grisham exerceu advocacia durante nove anos, mas nunca com clientes à procura de paraísos fiscais no estrangeiro e sempre sozinho, nunca numa firma. Na realidade, ele tem "uma enorme aversão a grandes firmas de advogados". Foi precisamente quando estava a terminar o último ano da Faculdade de Direito e pouco tempo antes de se casar com Renée Jones - "a miudinha que morava ao meu lado e que cresceu sem eu dar por isso" - que Grisham começou a escrever um romance. Desistiu rapidamente desta primeira tentativa, mas, em 1989, o advogado e, por dois mandatos, legislador do estado do Mississípi publicou o

seu primeiro romance. Agora, John Grisham tem duas carreiras - a de advogado e a de escritor - e uma vida familiar e comunitária muito activa. O trabalho era tanto que o autor demitiu-se recentemente do seu cargo na legislatura do estado do Mississippi. John e Renée têm um filho e uma filha: Ty, com oito anos, e Shea, com cinco. Para além de ensinar catequese a crianças de três anos ao domingo, John Grisham, um ávido adepto de basebol e fã da equipe Bulldogs, do Mississippi, é treinador assistente da equipe de basebol do filho.

- Foi ao treinar que descobri a minha verdadeira vocação - diz ele com uma gargalhada. - Quem me dera não fazer mais nada.

Fim

